VOLUME 10.º N.os 1 e 2 1907

Revista Lusitana

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. Leite de Vasconcellos

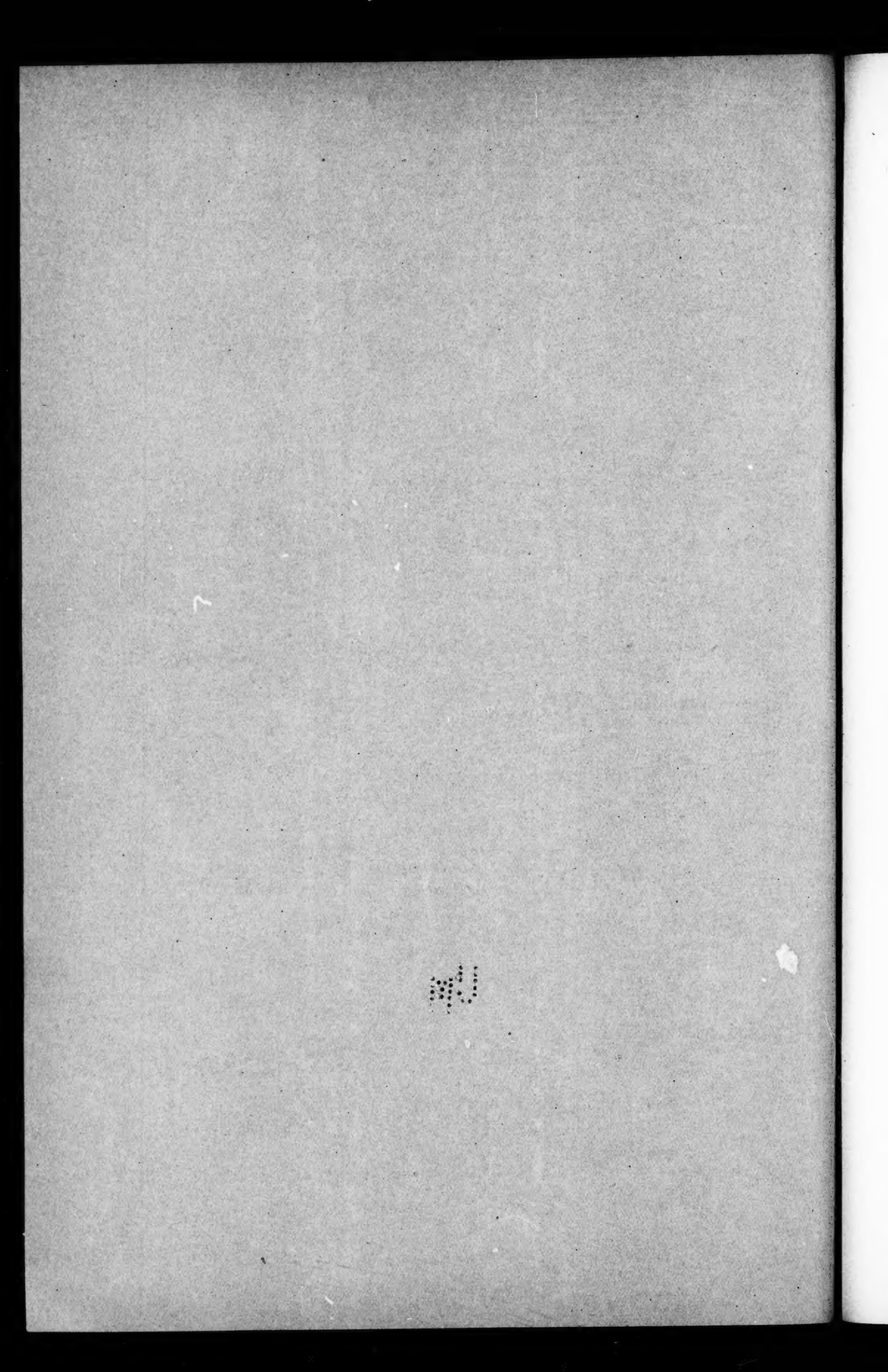
Professor do Curso de Bibliothecario-Archivista
Primeiro Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

SUMMARIO

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1907



REVISTA LUSITANA

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

E COMPOSTA E IMPRESSA NA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. X 1907 N.os 1-2

CANÇÕES DO BERÇO

SEGUNDO A TRADIÇÃO POPULAR PORTUGUESA

Ao Dr. Antonio-José de Pinho Junior, em commemoração do nascimento de seu filho José (27 de Maio de 1906).

INTRODUCÇÃO

I

Fundamento physiologico das canções do berço. Intervenção da mythologia. O que as mães inventam.



E ninguem é desconhecida a acção soporizadora que exerce em nós, principalmente quando estamos em repouso, a repetição rhythmica de um e mesmo som.

Já os Gregos, que não houve cousa em que não pusessem algo de mythologia, imaginaram Hermes adormentando a Argo, o dos cem olhos [1], quer ao som da flauta:

> .... iunctisque canendo
> Vincere arundinibus servantia lumina tentat [2],

---

[1] Ovidio, *Metamorph.*, I, 625. Tambem chamado πανόπτης «que vê tudo».

[2] Ovidio, *Metamorph.*, I, 684-685. — Estes versos foram assim traduzidos por Almeno (Frei José do Coração de Jesus):

> Cantando intenta ao som da agreste avena
> Adormecer os desvelados olhos.

Vid. *Poesias de Almeno*, publicadas por Elpino Duriense, t. I (1805), p. 54.

quer contando-lhe um conto, como se costuma fazer muitas vezes ás crianças:

> Talia dicturus vidit Cyllenius [1] omnes
> Succubuisse oculos, adopertaque lumina somno [2].

As mães souberam sempre e em toda a parte, em todos os graus de civilização, — com a admiravel ternura que é segredo d'ellas e lhes está no intimo do ser — aproveitar-se d'aquella circunstancia da nossa physiologia nervosa, para, quando embalam os filhos no berço ou os aninham no regaço, ao mesmo tempo que os cobrem de beijos, os acalmarem com a toada dulcissima de canções que os impeçam de chorar, os adormeçam, e depois os não deixem acordar sem que um sono reparador lhes fortaleça o delicado organismo.

II

Universalidade e continuidade historica d'estas canções: fóra da Europa e na Europa; na antiguidade, na idade-media e em tempos ulteriores, até hoje. Noticia especial a respeito de Portugal, do seculo XVI para cá.

Numerosas poesias d'esta especie chegaram pois desde tempos immemoriaes até hoje, transmittidas de geração em geração, umas vezes dentro de cada país, outras de terra para terra, e isto tanto em povos que estão no maior esplendor do progresso, como nos de mediana ou infima cultura social.

Fóra da Europa, encontramos canções do berço, por exemplo, nos Indios do Chiloé (provincia do Chili) [3], nos Dindjie de Alasca [4], nos Sioux (Iowa) [5], no Haiti [6], nos Indios do Bra-

---

[1] Epitheto de Mercurio, por ter nascido no monte Cyllene, na Arcadia.

[2] OVIDIO, *Metamorphoses*, I, 713-714. — Traducção portuguesa de Almeno:

> Indo a contallo, Cylenêo repara
> Que se vencem de sono os olhos todos.

Ob. cit., p. 57.

[3] G. RAGUSA-MOLETI, *Poesie dei popoli selvaggi o poco civili*, Torino-Palermo 1891, p. 1. — Sobre esta obra cfr. *Mélusine*, V, 311.

[4] RAGUSA-MOLETI, *ob. cit.*, pp. 1-3.

[5] DR. PLOSS, *Das Kind in Brauch und Sitte der Völker*, t. II, Leipzig 1884, p. 131.

[6] *Revue des Traditions Populaires*, I, 22. Vid. tambem RAGUSA-MOLETI, *ob. cit.*, pp. 3-5.

sil [1], nos Arabes e Berberes [2], nos Hottentotes [3], em varias ilhas da Oceania [4].

Na *Revue des Trad. Pop.* [5] e nos *Canti Popolari Siciliani* de Pitrè [6] achará o leitor a traducção francesa e italiana de canções de Lesbos e Chio. Na referida obra de Pitrè vem duas traducções italianas de poesias da ilha de Chypre [7].

Da Europa é que naturalmente é mais facil encontrar maior numero de noticias, porque os ethnographos accumulam ahi constantemente grande riqueza de materiaes. Póde mesmo ascender-se a tempos muito distantes.

O grego antigo possuia varios vocabulos correlacionados com o assunto, os quaes revelam a existencia de canções do berço: os verbos βαυκαλάω e βαυκαλίζω, bem como καταβαυκαλίζω e καταβαυκαλάω significam todos elles «adormecer ao som de cantigas»; os substantivos βαυκάλημα e καταβαυκάλησις significam respectivamente «canção do berço» e «acção de adormentar os meninos cantando-lhes». Theocrito (sec. IV–III a. C.), no Idyllio XXIV, intitulado *Heraclisco* ou «Héracles menino», põe na boca de Alcmena uma especie de canção do berço, quando ella afaga os filhos gemeos, Héracles e Iphicles:

> εὕδετ', ἐμὰ βρέφεα, γλυκερὸν καὶ ἐγέρσιμον ὕπνον.
> εὕδετ', ἐμὰ ψυχά, δύ' ἀδελφεώ, εὔσοα τέκνα·
> ὄλβιοι εὐνάζοισθε καὶ ὄλβιοι ἀῶ ἵκοισθε [8].

Isto é: «dormi, meus meninos, um sono doce e brando; dormi, almas minhas, irmãos um do outro, filhos afortunados; repousae felizes, e felizes chegae até amanhã de manhã». Segundo diz Quin-

---

[1] Santa-Anna Nery, *Folk-lore Brésilien*, Paris 1889, pp. 26–27 (os versos aqui publicados não são propriamente uma canção do berço, mas uma parlenda infantil, de origem portuguesa; cantam-nos na Amazonia). Vid tambem Ragusa-Moleti, *ob. cit.*, p. 6.

[2] *Revue des Traditions Populaires*, XI, 26; XII, 86. Ha tambem algumas noticias no cit. livro do Dr. Ploss, *Das Kind*, II, 132, a respeito dos Arabes.

[3] Dr. Ploss, *ob. cit.*, II, 131.

[4] Ragusa-Moleti, *Poesie dei popoli selvagi*, já cit., p. 5 (o exemplo ahi publicado não é rigorosamente canção do berço, mas *canto per battesimo di un neonato*); Dr. Ploss, *Das Kind*, já cit., t. II, p. 131 (Australia e Nova Zelandia).

[5] Vol. VIII, p. 325.

[6] Vol. II, p. 1.

[7] Vol. I, pp. 5 e 6.

[8] Obras de Theocrito, ed. de C. F. Ameis, Paris (Didot) 1851, p. 48. Este trecho foi já citado em allemão pelo Dr. Ploss, *Das Kind in Brauch und Sitte der Völker*, II, 130, mas sem indicação da poesia de Theocrito em que elle vem.

tiliano, o philosopho grego Chrysippo, que vivia no seculo III antes de Christo, e cujas obras já não existem, recommendava effectivamente que os afagos das amas para com as crianças fossem acompanhados de poesias [1].

Dos Romanos não nos restam, que eu saiba, canções do berço, mas os autores latinos deixaram-nos lembranças d'ellas. Persio, poeta do seculo I da era christã, na satira III, expondo um dialogo entre um aio e o seu pupillo, faz que o primeiro diga ao segundo em tom de ironia [2]: *porque é que, irado contra o seio que te nutre, não recusas ouvir cantar a ama?* Arnobio, que morreu em 327, refere-se a *lenes neniae* «doces cantigas» [3]. O poeta Ausonio, tambem do seculo IV (falleceu em 394), enviando a Sexto Petronio Probo, prefeito do pretorio, os *Apologos* de Ticiano, acompanha-os de uma epistola em verso, em que manifesta o desejo de que o filho de Probo, *a flor das florinhas de Romulo*, i. é, «o mais bello dos meninos de Roma», se habitue a deleitar-se e a instruir-se com a doutrina d'essas fabulas, ao mesmo tempo que ouça as historietas da ama e *os rhythmos do rô-rô que fazem dormir:*

.. Iste, qui natus tuus,
Flos flosculorum Romuli,
Nutricis inter lemmata
Lallique somniferos modos
Suescat peritis fabulis
Simul iocari et discere [4].

---

[1] *Institut. Orat.*, lib. I, cap. VIII: *et Chrysippus etiam nutricum, quae adhibentur infantibus, allectationi suum quoddam carmen assignat.*

[2] *At cur non .. || iratus mammae lallare recusas?* Vv. 16 e 18.

[3] *Adversus Gentes*, lib. VII, p. 201 (ed. de Roma, 1583).

[4] *Epistula* XVI, vv. 88-89. Ao latim *lallus* ou *lallum*, que traduzi pela expressão *rô-rô*, corresponde o verbo *lallare*, já a cima citado. Em *lallare* ha reduplicação do elemento onomatopaico *la-*, que se encontra não só em *latrare* e *lamentum*, mas noutras lingoas indo-europeias, gr. λάλος «charlador», allem. *lallen* «tartamudear», etc.: vid. A. Walde, *Lateinisches etymologisches Wb.*, Heidelberg 1906, s. v. «lallo» e «lamentum». Uma das accepções que o nosso grande humanista do sec. XVII, o P.e Bento Pereira, na *Prosodia* (a 1.ª ed. é de 1634), dá a *lallare* é «cantar o lallá-lallá». A mesma syllaba onomatopaica apparece, segundo cuido, no gallego *a-lá-lá* «estribillo ó conclusión de las cántigas de los aldeanos» (Valladares Nuñez, *Dicc. gall.-castell.*, s. v.), e certamente em alguns estribilhos de canções nossas. Incidentemente notarei que o lat. *ululare* nada tem com isto (como já alguem pensou), pois vem de outra raiz: vid. A. Walde, *ob. cit.*, s. v. — O passo de Ausonio, que deu causa á presente nota, se contém uma referencia ás canções do berço, allude tambem, como vimos, aos contos populares romanos (*lemmata*).

Com relação á idade-media transcrevo para aqui uns versos de Dante (sec. XIII–XIV), já diversas vezes citados a este proposito por outros investigadores:

> ....
> Prima fien triste che le guance impeli
> Colui che mo si consola con nanna [1].

Isto é, «.. primeiro ellas se tornem tristes, do que tenha barba na cara aquelle que se consola agora com uma cantiga».

A melodiosa palavra *nanna* e a sua congenere *ninna*, conjuntas *ninna-nanna,* no plural *ninne-nanne,* «canções do berço», mostram por si mesmas de quanta poesia os Italianos revestem o cuidado da primeira infancia: «*far la ninna nanna* si dice dell' usare una cantilena propria per fare addormentare i bambini nel cullargli» [2]. Fallando dos cantos do berço na antiguidade, a proposito dos versos de Ausonio, copiados supra, onde figura o genetivo *lalli,* diz o philologo Scaligero (seculo XVI): «Quod et multis locis nutrices etiamnum hodie faciunt.. Dicunt et Italae et Aquitanae mammae seu nutrices: ..*ninna nanna*» [3].

Conheço muitas canções do berço italianas, ou *ninne-nanne.* Nos *Componimenti Minori della Letterat. Popol.*, Benevento 1877, dá F. Corazzini espécimes dialectaes, antigos e modernos, de differentes regiões da Italia (e cita em nota algumas canções estrangeiras) [4]. Um dos mais activos folkloristas italianos, o Dr. G. Pitrè, insere bastantes nos *Canti Popol. Siciliani,* onde cita concomitantemente parallelos da Córsega e de outras localidades de fóra da Sicilia [5]. No *Archivio per le Tradiz. Popolari,* dirigido pelo mesmo ethnographo e por Salomone-Marino, ha muitos estudos e indicações sobre o assunto, a respeito da Calabria [6], Sar-

---

[1] *Purgatorio,* XXIII, 110–111.

[2] *Vocabolario degli Academici della Crusca,* t. III, 1797, s. v. «ninna».— Vid. na mesma obra *ninnare* «acalentar», *ninarrella* (deminutivo) e *nanna* «voce usata dalle bálie, quando nel ninnare o cullare i bambini vogliono fargli addormentare dicendo *ninna nanna*».

[3] IOSEPHUS SCALIGER, *Ausoniae Lectiones,* s. l., Iacobus Soer editor, 1595, lib. II, cap. 11, pp. 118–119.

[4] Vid. pp. 17–50.

[5] Vol. II, 1871, p. 1 sgs.

[6] MANGO e outros: vol. I, pp. 234 e 289; vol. II, p. 61 sgs. —No vol. II, pp. 64–65, refere-se Mango a *ninne-nanne* antigas.

denha [1], etc. Ás canções da Sardenha, ou *ninnias,* consagrou tambem Max Leopold Wagner um valioso capitulo, com amostras poeticas, na memoria intitulada *Die sardische Wolksdichtung* [2]; vid., alem d'isso: G. Ferraro, *Canti Popol. Sardi,* p. 10 sgs., «Ninnios», em dialecto logudorês, com a traducção italiana ao lado [3]. Das canções de Roma insere várias F. Sabatini na *Rivista di Letterat. Popolare* [4]. Vid. tambem, a respeito de varias provincias italianas, a já varias vezes citada obra do Dr. Ploss, *Das Kind* [5]. Nem só em canticos profanos se expande a musa da Italia: nesse maravilhoso país, encruzilhada de todas as artes bellas, usam-se pelo Natal representações dramaticas em que se figura a Virgem Maria entoando canções ao Menino-Jesus: *ninnenanne del santo Natale* [6].

Vimos a cima uma allusão de Scaligero ás canções infantis da Aquitania, sua patria [7]. De canções do berço francesas, ou *berceuses*, ha hoje publicadas muitas: Provença [8], Alvernhe ou Alvernia [9],

---

[1] Vol. VIII, p. 304.

[2] Separata da *Festschrift zum 12. Deutschen Neuphilologentag 1906*: vid. p. 293 sgs.

[3] Do que o A. diz a p. 8 infere-se que tambem tratou do assunto nos *Canti Popolari in dialetto logudorese,* impressos em 1891, dos quaes porém não tenho conhecimento directo.

[4] Vol. I, p. 176.

[5] Vol. II, pp. 133-134.

[6] Vid. *Archivio per le Trad. Pop.*, I, 223; e *Rivista delle Trad. Pop. Ital.*, de A. DE GUBERNATIS, II, 38.

[7] JOSEPHUS SCALIGER (como elle se assigna) era natural de Agen, na margem direita do Garona: 1540-1609.

[8] Apud PITRÈ, *Canti Pop. Sic.*, II, 6, 10; e apud CORAZZINI, *I Componimenti minori*, p. 49.

[9] *Annuaire des Traditions Populaires*, 1887, p. 33; SÉBILLOT, *Littérature Orale de l'Auvergne*, Paris 1898, pp. 241-243. — Escrevi no texto *Alvernhe ou Alvernia,* porque a legitima fórma provençal é *Alvernhe* (vid. por ex.: *Biographie des troubadours* na *Hist. Génér. du Languedoc*, X, 259-260), e em português tem-se usado *Alvernia* (vid.: *Dicc. Lusitan.-Lat.* de Pedro de Poyares, Lisboa 1667, p. 41); *Novo Dicc. das ling. port. e fr. com os termos lat.* por Fr. Joseph Marques, t. II, Lisboa 1764, p. 46; *Novo Atlas,* Lisboa 1782, p. 65). A origem está em *Arverni,* nome ethnico, adjectivamente **Arvernicum* (vid. *Romania*, XXXIV, 333), i. é, *pagus *Arvernicus*. Fallando do povo, disse Duarte Nunes do Lião *Arvernos* (em port.) na *Chronica de D. Denis*, Lisboa 1600, fls. 133-134. — A fórma *Alvernia* não tem pois raizes na tradição oral; foi criada modernamente pelos eruditos por mera latinização do nome provençal.

Alta- e Baixa-Bretanha [1], Alta-Saboia [2], Lorena [3], Poatú [4], etc. Em provençal moderno as expressões proprias são *bresarella* e *bresarello* [5]. Na Lorena as «berceuses» chamam-se *endormeuses* [6]. Com a lettra tem-se tambem publicado uma vez ou outra a respectiva notação musical.

Da Suiça conheço espécimes provenientes do cantão do Ticino, publicados por Vittorio Pellandini [7]; e outros da Suiça allemã, transcritos pelo Dr. Ploss [8].

A Allemanha, como nação em que a poesia popular tem grande importancia, quer na educação individual, quer na educação social, apresenta abundante peculio bibliographico. Basta porém aqui citar: Simrock, *Das deutsche Kinderbuch,* livro classico onde estão colligidas muitas canções [9]; E. Hugo Meyer, *Deutsche Volkskunde* [10]; Dr. Ploss, *Das Kind in Brauch und Sitte der Völker* [11]; e a *Zeitschrift des Vereins für Volkskunde* (varios artigos) [12]. As canções do berço chamam-se em allemão *Wiegenlieder* e *Schlummerlieder.*

Na citada *Zeitschrift* se encontram sobre o assunto artigos repeitantes a varios paises da Austria-Hungria: Tirol [13], Bukovina e Galicia [14]. Consulte-se igualmente o Dr. Ploss, *Das Kind* [15]. Num livro de A. John [16] lê-se uma referencia aos *Wiegenlieder*

---

1 *Rev. des Trad. Pop.*, II, 310, 357; VII, 226.

2 *Rev. des Trad. Pop.*, III, 452.

3 *Rev. des Trad. Pop.*, XII, 302, e *Revue des Deux Mondes,* 1877, Maio, p. 49.

4 TRÉBUCQ, *La Chanson Pop. en Vendée,* Paris 1896, pp. 91-92. (Devo esta indicação bibliographica ao Sr. Cardoso de Bethencourt).

5 Na *Rev. des Langues Romanes,* XXII, 257, dá CHASSARY amostra de uma *bressarella.*

6 *Rev. des Deux Mondes,* Maio de 1877, p. 49.

7 *Archives Suisses des Traditions Populaires* (*Schweizerisches Archiv für Volkskunde*), II, 297.

8 *Das Kind,* II, 137.

9 Tenho presente a 3.ª ed.: vid. pp. 58-77.

10 Estrasburgo 1898, p. 118.

11 Vol. II, pp. 134-141.

12 Vol. V, 214 (Silesia); VI, 313 (Gossen); VIII, 407 (Prussia); XVI, 87 (idem). Cfr. tambem VIII, 107 (critica bibliographica de um livro que trata de poesias infantis da Pomerania).

13 Vol. VII, p. 357.

14 Vol. VIII, p. 188.

15 Vol. II, p. 135 sgs.

16 *Sitte, Brauch und Volksglaube im deutschen Westböhmen,* Praga 1905 p. 110.

da Bohemia allemã. As palavras *bölcsödal, uspawanka* e *ukolébavka,* que em hungaro, croata e txeque ou bohemio significam «canção do berço», provam tambem a existencia d'esta especie de poesia nos respectivos paises.

Da Belgica publicaram-se algumas canções na revista ethnographica intitulada *Wallonia* [1]. Vid. tambem E. Monseur, *Le Folklore Wallon,* onde ha amostras de *berceuses,* com musicas [2]. — Da Hollanda só conheço quatro, que o meu amigo o Dr. A. Kluyver, de Leiden, philologo-germanista, teve a bondade de me enviar, e que tem sido publicadas varias vezes; mas ha, pelo menos, um livro sobre o assunto, intitulado *Nederlandsche Baker- en Kinderrijmen,* de J. van Vloten [3]. O nome hollandês das canções do berço é *wiegelied* e *wiegezang.*

Com relação á Inglaterra só estou no caso de mencionar uma canção (*lullaby*) transcrita por Corazzini [4], e um verso referido pelo Dr. Ploss [5]. A existencia porém de phrases como *to sing lullaby, song of lullaby* indica que a tradição inglesa não deve ser pobre neste genero [6].

A Hespanha está bem representada. Ha numerosas *nanas ó coplas de cuna* no vol. I dos *Cantos Pop. Españoles,* de Rodríguez Marín [7], que lhes junta notas comparativas e um appendice extrahido de um livro manuscrito de Rodrigo Caro (sec. XVI-XVII), onde este se occupa das vozes infantis *nina nina* e *lala la* [8]. No livro de F. Olmeda, *Folklore de Burgos* [9], Sevilha 1903, ha tambem alguns *cantos de cuna,* precedidos de observações geraes, e acompanhados de notação musical, o que lhes realça o valor [10]. — Da Galliza conheço duas poesias no *Cancioneiro Popular Gallego*

---

[1] Vol. III, 80 e 110 (Liége); vol. VIII, 18 (Huy).

[2] Bruxellas (1892), p. 96.

[3] Leiden 1874 (3.ª ed.). Apud DR. PLOSS, *Das Kind,* II, 132, nota 4.

[4] *I Componimenti minori,* p. 50.

[5] *Das Kind,* II, 132.

[6] O Dr. Ploss, ob. cit., II, 132, nota 4, diz que ha canções inglesas na obra de J. B. KER, *An essay on the archeology of our popular phrases and nursery rhymes,* Londres 1835, e na de HALLIWELL, *Nursery rhymes and popular rhymes* (de que não indica a data nem o logar de impressão).

[7] Sevilha 1882, p. 1 sgs.

[8] A respeito d'esta obra de Rodríguez Marín vid. os meus *Ensaios Ethnographicos,* III, 53.

[9] O titulo completo é: *Folklore de Castilla ó Cancionero Popular de Burgos.* O titulo abreviado que adoptei é o da capa.

[10] Vid. p. 38 sgs.

de J. P. Ballesteros [1], e uma no *Diccionario Gallego-Castelhano,* de Valladarez Nuñez, s. v. «berce». — Na Catalunha dá-se ás canções do berço o nome de *cansons de bressól,* mas as que Cortils y Vieta inseriu na *Ethologia de Blánes* [2] não tem caracter especial: são quaesquer poesias adaptadas *ad hoc.*

Em grego moderno νανάρισμα tem a significação de «cantiga do berço», e ναναρίζω e νανα‌ρίζω a de «embalar os meninos, cantando-lhes». Isto prova que na Héllada contemporanea deve haver canções do berço; mas não tenho noticia de nenhuma em especial.

Pelo que toca ás regiões da Europa Oriental, não possuo mais informações que as que se deduzem dos respectivos vocabulos significativos de «canção do berço»: *liulkova piesen* em búlgaro; *cântec de légăn* (*leágan*) em rumeno; *kolybélhnaia pieçnh* em russo; *piosnka dla dzieck w kolebce* em polaco. O Dr. Ploss cita um livro de Oppenheim, em que este diz que na Turquia, como é natural, tambem ha canções do berço.

Do Norte da Europa allega Ragusa-Moleti uma curta canção laponica [3], e o Dr. Ploss uma da Finlandia [4]; das outras regiões septentrionaes apenas posso dizer que «canção do berço» se denomina *vaggsång* e *vaggvisa* em sueco, *vuggevise* em dinamarquês: o que attesta *ipso facto* a existencia de taes poesias.

*

Fallarei agora de Portugal, para terminar esta resenha bibliographica, que eu poderia alongar mais se não quisesse contentar-me com os elementos que tinha á mão e com os que obtive de pronto; ella é porém sufficiente para o meu intuito, que principalmente consiste em mostrar a universalidade e continuidade historica do uso das canções do berço.

As mais antigas referencias litterarias ás nossas canções do berço datam, quanto eu sei, do primeiro quartel do seculo XVI. Anteriormente a esse seculo não descobri nenhumas, embora as canções devessem existir.

---

1 Vol. III, Madrid 1886, p. 93.
2 Barcelona 1886, p. 95.
3 *Poesie dei popoli selvaggi o poco civili* (já cit.), p. 5.
4 *Das Kind,* já cit., II, 132.

Nas *Saudades* (ou *Menina e Moça*) diz Bernardim Ribeiro, liv. 1, cap. 25: «Nisto começou a chorar ha menina, & acordando ha ama se pos a embalá-la, cãtandolhe» [1].

Gil Vicente, que tão intimamente conhecia, e tanto ao vivo retratou, em versos de delicioso sabor popular, a sociedade portuguesa do seu tempo, introduz no *Auto da sibilla Cassandra*, representado no mosteiro de Enxobregas (Xabregas), numas matinas de Natal, quatro anjos a cantarem junto do presepio em que está o Menino Jesus:

Ro ro ro!
Nuestro Dios y Redentor,
No lloreis, que dais dolor,
Á la Virgen que os parió.

Ro ro ro!
Niño hijo de Dios Padre,
Padre de todalas cosas,
Cesen las lágrimas vuesas,
No llorará vuestra madre,
Pues sin dolor os parió.
Ro ro ro!
No le deis vos pena, no.

Ora, niño, ro ro ro!
Nuestro Dios e Redentor,
No lloreis, que dais dolor
A la Virgen que os parió
Ro ro ro! [2]

Esta poesia, se não é propriamente popular, tem elementos populares: *ro ro ro*, pelo menos. O mesmo autor, na scena 2.ª da *Comedia de Rubena*, escrita em 1521, faz que a Feiticeira, em quanto os Espiritos mythologicos vão buscar um berço e uma ama, acalente a menina Cismeninha e diga:

Ru ru, meninâ, ru ru!
Móurão as velhas e fiques tu [3].

---

[1] Sirvo-me da ed. de 1557, parte 1.ª, cap. 25, fl. 79 *r* (por erro typographico 69).

[2] *Obras*, ed. de Hamburgo, vol. I, pp. 57-58.

[3] *Obras*, II, 26. — Ainda hoje na tradição popular de Baião se usam versos que fazem lembrar estes.

Depois que vem a ama, a Feiticeira pergunta-lhe que cantigas ella sabe: a ama ennumera várias, e começa a cantar uma para amostra. Nenhuma d'estas cantigas, porém, é especial do berço; ellas são adaptadas *ad hoc*, á semelhança das de Barcelona e da Amazonia, a que ha pouco me referi.

Antonio Prestes, autor tambem pertencente ao seculo XVI, estabelece no *Auto do Procurador* um diálogo entre os escudeiros Ambrosio Pegado e Tomás de Lemos, solteiro aquelle, casado este, e diz o segundo, elogiando a vida matrimonial:

Quero mais os meus filhinhos
Comigo conchegadinhos
Na cama com *nina nana*,
Que esta vida murciana [1]
Dos vossos passeoszinhos [2],

onde *nina nana* «dorme dorme» são as vozes rhythmicas de quem acalenta crianças.

No seculo XVII disse outro excellente conhecedor da vida social portuguesa, D. Francisco Manoel de Mello: «cantar a mulher a seu marido & filhos, se os tẽ, cousa parece licita» [3]. O mesmo autor transmittiu-nos uns versos de acalentar:

Ora nana, meu menino,
Que teu pae foi ao moinho [4].

De referencias litterarias do seculo XVIII mencionarei estas de D. Raphael Bluteau: «ACALENTAR UMA CRIANÇA — he impedir-lhe, que não chore, tomando-a no collo, fazendo-lhe afagos, cantan-

---

[1] O vocabulo *murciana* não o encontro nos diccionarios portugueses, mas deve relacionar-se com estes da germanía hespanhola: *murciar* e *murcio*, que significam «furtar» e «ladrão». Vid. a seu respeito: *Diccion. de la Acad. Hesp.*, s. v.; e Rafael Sallilas, *El Delincuente Español* («El lenguage»), Madrid 1896, pp. 297-298.

[2] Vid. *Primeira parte dos autos e comedias portuguesas feitas por Antonio Prestes e por Luis de Camões e por outros*, Lisboa 1587, fl. 28 *r* (ha um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa). Na edição que Tito de Noronha fez dos *Autos* de Prestes, no Porto, em 1871, corresponde este trecho á p. 112

[3] *Carta de guia de casados*, Londres 1830, p. 50.

[4] Dados por Th. Braga n-*O Povo Português*, II, 285, como extrahidos da *Feira de Anexins* [corrija-se: *dos Anexins*], p. 164; mas a citação bibliographica não está certa.

do-lhe & embalando-a até a fazer dormir»[1]; «FAZER NANA — abalar a ama o berço ou cantar e fazer meiguices á criança para a adormentar». Ha outras, tambem em diccionarios; mas nada adiantam ás de Bluteau.

Seculo XIX. A primeira lista de cantigas do berço data de 1872, de um livro de Neves de Mello[3]. O Dr. Rodrigues de Azevedo publicou em 1880 uma perlenga infantil intitulada «Acalentar meninos»[4]. Nas minhas *Tradições Populares de Portugal* (1882) inseri algumas poesias do berço[5], e formei um capitulo sobre «Medos das crianças», com versos populares; vid. tambem *Revista Lusitana*, I, 96 (critica bibliographica). Theophilo Braga, n-*O Povo Português* (1886), faz varias observações sobre o assunto, junta noticias litterarias e publica algumas cantigas[7]. Na *Rev. d'Ethnologia* (1881), p. 162, publica Adolfo Coelho uma cantiga do Papão. Num folheto intitulado *Os jogos e as rimas infantis de Portugal*, inclue o mesmo auctor um amphiguri e outras rimas que se cantam junto do berço, — o que lhe foi ministrado por A. Thomás Pires[8].

Já do seculo actual (1905) é uma serie de quadras intercaladas por este último investigador nos seus utilissimos *Cantos Populares Portugueses*[9].

Não me consta que tenha vindo á luz mais nada, digno de nota especial.

As nossas canções do berço foram aproveitadas algumas vezes para themas de composições musicaes: occorre-me citar *Vai-te embora Papão*, musica de fantasia (sem lettra), ed. de A. Engeström, de Vienna de Austria, com casa em Lisboa, e *Canção do berço*, de Rey Collaço, adaptação de uma poesia popular. — Se a musica artistica se apoderou da tradição oral, tambem os bilhetes postaes illustrados fizeram o mesmo: ha um em que se figura uma mulher com um menino sentado no ombro (desenho de A. Quaresma), lendo-se ao lado uma trova que termina assim: *Agora que sou casada,* | *Trago os meus filhos nos braços* |

---

1 *Vocabulario Português-Latino*, s. v. «acalentar».
2 *Vocabulario*, s. v. «nana».
3 *Musicas e Canções Populares*, p. 227 sgs.
4 *Romanceiro da Madeira*, pp. 479-480.
5 Pp. 207-208.
6 Pp. 296-298.
7 Vol. I, pp. 284-285. Vol. II, p. 401.
8 Separata do *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, serie 43, n.º 12.
9 Vol. II, pp. 247-250. — Todavia o n.º 4033 não é popular. Os n.os 4031, 4036 e 4037 não tem cunho genuinamente popular.

(cfr. adiante, n.º 15); a trova porém não concorda por inteiro com o desenho, porque a mulher tem comsigo só um filho, e não o traz precisamente nos braços.

Por último, poderei alludir a um romance de caracter muito antigo, que anda na boca do povo com os nomes de *Conde Alarcos, Conde Iano, D. Silvana, D. Infanta,* e ainda outros, do qual estão publicadas muitas versões, desde Garrett [1]. Neste lindo romance, em que um rei manda um conde matar a mulher para poder depois casar com a princesa D. Silvana, a condessa, á hora da morte, dá o seio ao filhinho mais novo, e canta:

Mama, mama, meu menino!
Este leite é de pesar:
Amanhã por esta hora
Já m'estão a degollar.

Mama, mama, meu menino!
Este leite é de paixão:
Amanhã por esta hora
Já eu 'starei no caixão.

Mama, mama, meu menino!
Este leite é d'amargura:
Amanhã por esta hora
Já estarei na sepultura [2].

Taes versos, embora não constituam propriamente *nina-nana,* ou canção de acalentar, pertencem á classe. Segundo o que tenho observado, não é costume geral cantarem-se cantigas emquanto os meninos mamam; todavia transcrevo adiante uma canção mirandense, em que se diz ao menino: *Cala, cala! Quem te ha-de dar la mama?;* e ha outras allusões ao acto de mamar.

III

Ordem em que disponho as canções. O berço. Nomenclatura. Maneira de trazer as crianças. Especies de canções e seus themas. Observações sobre o assunto e a fórma poetica. Razão do titulo d'este trabalho. Proveniencia das canções e musicas que publíco. Maneira da publicação. Estado actual da tradição popular.

A ordem em que disponho as cantigas que adiante vou publicar é a seguinte.

Em primeiro logar algumas que servirão como que de p r e l u d i o (1–13), onde a mãe exprime de modo geral os cuidados

---

[1] Cfr. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos na *Rev. Lusitana*, II, 234.

[2] Sirvo-me de uma versão inedita do concelho de Baião. Alem d'esta, conservo manuscritas mais doze. — Em algumas ha variantes no 2.º verso.

que lhe merece o filho, e diz qual é a origem e significação das poesias que lhe canta.

Depois vem as cantigas que se referem aos diversos momentos ou fases do sono, desde que a criança mostra desejos de dormir, até que de todo adormeceu.

Para a criança dormir, póde a mãe deitá-la no berço, ou tê-la nos braços, ao collo, ou no regaço.

O berço popular, em linguagem da Estremadura *brêço,* em gallego *berzo* e *berce* [1], é muito simples. Aqui descrevo o que se usa em Baião (vid. a fig. 1.ª): consta de *embaladeiras* ou táboas



Fig. 19.—Berço do Norte (de madeira)

lateraes; *cabeceiras* ou táboas abauladas, em cada extremo do berço, que permittem que este oscille em sentido longitudinal; *travéssas* ou táboas postas perpendicularmente ao eixo principal para formarem o fundo do berço; junto da borda de cada embaladeira ha uma abertura rectangular para se poder pegar no berço.

---

[1] Outras palavras romanicas aparentadas com estas são: hesp. ant. *brezo* e *brizo* (em hesp. mod. usa-se *cuna*, palavra deduzida do lat. cunae), fr. ant. *bierz* e *bers,* fr. mod. *berceau,* catal. *bres* e *bressól,* prov. mod. *brès, bresset, bressòu, bressoun,* vallão liegês *berçô,* vallão de Mons *berche* e *berce.* A sua etymologia ainda não foi satisfatoriamente explicada: Vid. Körting, *Lateinisch-Roman. Wb.,* 2.ª ed., n.os 1:535 e 10:098. Este autor propõe para o francês *berceau* o etymo **verticellus,* por verticillus; de *berceau* deduzir-se-hia *bers.* Em verdade vertice- (de que *verticillus* é deminutivo) poderia talvez explicar o gallego *berce,* estando o gall. *berzo* e o port. *berço* para essa fórma na mesma relação em que, por exemplo, *adobo* está para *adobe,* por se julgar *-o* terminação typica do masculino; mas o hesp. *brizo?*

A fig. 2.ª representa um berço de madeira que se usa no Alemtejo (Alandroal), segundo um exemplar existente no Museu Ethno-

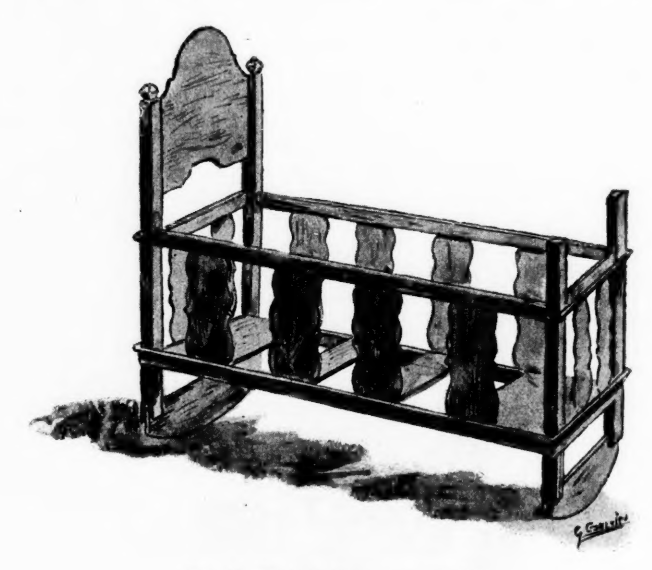


Fig. 2.ª — Berço do Alemtejo (de madeira)

logico: este typo de berço é imitado dos leitos; das partes que o constituem só tem nome especial as táboas curvas do fundo, chamadas *embaladeiras,* que fazem que o berço oscille transversal e

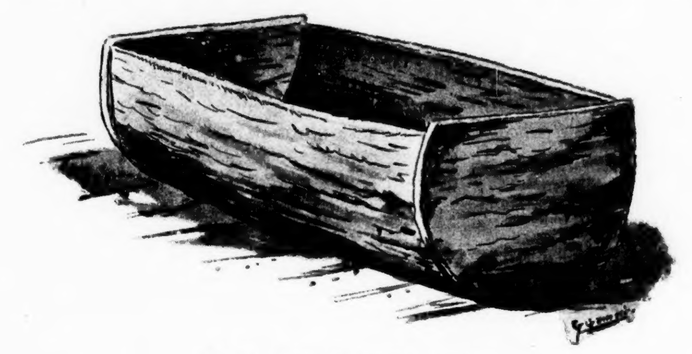


Fig. 3.ª — Berço do Alemtejo (de cortiça)

não longitudinalmente, como os do Norte (as outras partes tem nomes communs: balaustres, pés, cabeceiras, travéssas). Na mesma provincia usam os pobres um berço muito curioso, e pri-

mitivo, feito de metade de um cortiço, com dois meios-tampos, tambem de cortiça, nas extremidades, tudo pregado com pregos de madeira ou *viros;* no Museu Ethnologico ha um exemplar que obtive com custo, e só por intermedio do meu prezado amigo José Velladas da Silveira Bello, do Alandroal, porque a mulher que o vendeu dizia que desejava conservá-lo por elle ser muito quente (vid. fig. 3.ª). Na Terra de Miranda, em vez de berço servem-se de uma *canastra* ou *canastro*, e não ha na lingoa de lá outra palavra designativa de «berço» senão esta. Em Oliveira de Azemeis deitam as crianças tambem em canastras, que servem para outros usos (para ir á herva, para levar roupa, etc.), e diz-se que o menino *dorme no cesto;* muitas vezes as mães levam os filhos nestas canastras á cabeça. Em Fozcoa ha canastras especiaes que servem de berço, e oscillam como elle (com movimento longitudinal); vendem-se nas feiras, e chamam-se *berços de verga.* Veja-se na figura 4.ª, extrahida de um antigo quadro português, um exemplo



Fig. 4.ª — Canastra com um menino

do uso da *canastra,* como berço. — Em Lisboa ha berços de ferro, imitação dos leitos, e berços de junco, vindos da ilha da Madeira; uns e outros oscillam transversalmente [1].

O acto de imprimir movimento ao berço chama-se, conforme as localidades, *embalar, embelar, embanar* (ou com *im-*) [2].

Quando o movimento é acompanhado de canto, diz-se em Castello Banco que se *está a arrolar.* Noutras terras, por exemplo em Moncorvo, *arrolar* e *rolar* tanto significam *imbanar o berço,* cantando, como agitar o menino nos braços para um lado e para

---

[1] Sobre as fórmas de berços usadas em diversos povos do universo, vid. *Das kleine Kind*, do Dr. Ploss, Berlim 1881, pp. 67-103 (com gravuras); e do mesmo A., *Das Kind in Brauch und Sitte der Völker,* Leipzig 1884, t. II, p. 88 sgs. (sem gravuras, mas com muitos desenvolvimentos).

[2] O verbo (*em*)*balar* está para (*a*)*balar*, como (*em*)*banar* para (*a*)*banar*, o que tudo exprime ideia de movimento. Acêrca dos etymos vid. Körting, *Lat.-Roman. Wb.*, 2.ª ed., n.ºs 1:184 e 1:218

o outro, dizendo *ó-ó drôme-te!* ou *rô-rô*, com melopeia ou com cantiga. Em Fozcoa usam *rolar*, e este verbo tem as duas significações acabadas de indicar; com o menino nos braços dizem *rôu.. rôu.* Já o *Dicc. Lat.-Lusit. et Lusit.-Lat.* de Jorge Cardoso, Coimbra 1570, traz *arrolar* no sentido do latim «sopire». Moraes, *Diccionario da Lingua Portuguesa*, 4.ª ed., traz esse mesmo verbo, e alem d'isso *arrular*, *rolar* e *arrulhar*. Em gallego: *arrolar* «mecer al niño en la cuna» [1]. Estas palavras são tiradas da lingoagem que se usa quando se fala dos pombos e das rolas, e dizem-se d'elles «quando o macho namora a femea, ou ao contrario, com huma especie de canto» [2].

A par de *arrolar* e seus congeneres temos *acalentar*, que em Castello-Branco se distingue bem de *arrolar*, pois significa aconchegar e aquècer as crianças ao collo, cantarolando *ó-ó ó-ó*, ou cantando cantigas para ellas não chorarem ou para dormirem. É tambem a significação que lhe dá o *Diccionario Contemporaneo;* mas Castilho, no seu romance *O Acalentar da Neta*, applica o verbo fallando do berço:

Dorme, dorme, minha neta.
Senão não sou tua amiga;
Dorme, que eu te embalo o berço
E te canto uma cantiga [3].

Fórma que concorre na lingoa antiga com *acalentar* é *acalantar* (ainda usada na Extremadura), de que se fez o substantivo verbal *acalanto* [4].—O etymo d'estas palavras não é o lat. *calere*, como diz inexactamente Adolfo Coelho no *Diccionario Manual*, seguido, como sempre, pelo Caturra, no *Novo Diccionario;* pois o -L- latino devia syncopar-se, como em *aquècer* = *aqueecer* < *acaecer* = *a-caecer* < c a l e s c e r e, ao passo que *acalentar* e *acalantar* tem *l*. O verbo *acalantar* vem de *calar;* o sentido é-nos dado pelo espanhol *acallar* «hacer callar (ordinariamente se dice de los niños)», e pelos textos reunidos nos nossos lexicos. Ha em português

---

[1] VALLADARES NUÑEZ, *Dicc. Gall.-Cast.*, s. v.

[2] *Dicc. da ling. port.* da Acad. das Sc., 1793, s. v. «arrulhar». O mesmo Dicc., a proposito de *arrulhar*, diz: «talvez ou pela semelhança do canto dos »pombos e rolas, com o qual as mãis e amas lhes provocam o somno, ou do »som *ro ro ro*, de que usam para o mesmo fim». Ao nosso *arrulhar* corresponde *arrullar* em hespanhol. A flexão de *rolar* em Fozcoa e em Valpaços é: *rólo, rólas, róla, rólão;* em Moncorvo *rólo, rólas*, etc. A flexão de *rular* na Beira-Alta é *rula*. O haver *o* ou *u* depende da etymologia modificada pela analogia: *rólo, rólas*, de *rolar*, como *pódo, pódas*, de *podar;* e *rulo, rulas*, como *furto, furtas*, de *furtar*, por isso que o *o* de *rolar*, nas flexões rhizo-átonas soa *u*. A flexão de *arrulhar* deve ser *arrulho, arrulhas*, etc., como o mostra o substantivo verbal *arrulho*.

[3] *Excavações Poeticas*, Lisboa 1844, p. 264.

[4] Vid. *Dicc.* da Academia, s. v.

muitos verbos factitivos do mesmo typo morphologico, com o suffixo -ant-ar, que alterna com -ent-ar, cujo primeiro elemento é proprio da formação do participio do presente: *adoentar, adormentar, aferventar, aviventar, aformosentar, apouquentar, amollentar*, relacionados respectivamente com *doente, dormente, fervente*, etc., que são participios na lingoa antiga e adjectivos na moderna. Por isso, tambem *acalantar=a-calant-ar*. A troca de suffixo que se nota entre *acalantar* e *acalentar* nota-se tambem entre o hesp. *amamantar* e o port. *amamentar*. Já F. Evaristo Leoni, no *Genio da Lingua Portugueza*, liv. I, 1858, pp. 319-322, estudou este processo derivativo, e explicou bem o verbo *calentar* como derivado de *calar* [1]. Em hespanhol antigo ha tambem *callantar*, em varias accepções [2]. O impulso para estas formações romanicas foi dado por verbos latinos como *praesentare, frequentare*.

Ha regiões onde as palavras *acalentar* e *arrolar* ou *rolar* são desconhecidas do povo, por exemplo no concelho do Alandroal. Ahi *embanar* e *embalar* significam ao mesmo tempo dar movimento ao berço, e dá-lo ao menino, quando este está *ao collo* ou no regaço.

Não virá fóra de proposito referir aqui o costume que as mulheres na raia de Trás-os-Montes tem de accommodar as crianças, levando-as ás costas dentro de uma especie de saco formado pelo chaile; ao mesmo tempo que carregam com os filhos, podem fazer outros serviços, como guiar os bois no campo, ter um cantaro de agoa á cabeça, etc., por isso que ficam com

---

[1] Não me admiro de que Adolfo Coelho não acolhesse no seu *Dicc. Manual* esta explicação de Leoni, porque diz d'elle o peor que se póde dizer nas *Questões da Ling. Portug.*, t. I, 1874, pp. 11-12, chamando-lhe ignorante mal acobertado com erudição de farrapos, ingenuo, etc.; mostra pois que o não leu com attenção, porque não ha duvida que, apesar de Leoni pertencer á escola antiga, colligiu na sua obra muitos factos aproveitaveis, como ponderei n-*A Philologia Portuguesa*, Lisboa 1888, p. 44.—Dos suffixos -antare e -entare em romanço trataram Diez, *Gram. des lang. rom.*, t. II, p. 373, e Meyer-Lübke, na obra do mesmo titulo, t. II, § 592. Cfr. tambem: Epiphanio Dias, *Gram. Portug.*, § 97-*d*, onde cita *aformosentar = a-formos-enta-r;* e A. Thomas, *Melanges d'étym. franç.*, p. 59. Meyer-Lübke, *loc. cit.*, menciona *acalentar*, mas é tão conciso, que não se sabe d'onde o deriva, se de calere, se de *calar;* como pouco antes menciona o hesp. *calentar* «aquècer», que vem realmente de calere, mas que nada tem com o nosso *acalentar*, parece que o etymo que Meyer-Lübke tinha em mente era calere, — pura distracção, pois elle não ignorava que o *l* de *acalentar* não podia corresponder ao de *calere*.—Á mesma classe pertence *amedrontar* e *amedrentar*, aquelle com *o*, por influencia do de *medroso*.

[2] Vid.: *Poetas castellanos anteriores al siglo* XV, Madrid 1905, p. 559; e Lanchetas, *Gram. y vocab. de Gonzalo de Berceo*, Madrid, s. d., p. 196.

os braços livres [1].— A maneira mais corrente de trazer as crianças é *ao collo:* assentadas no braço esquerdo de quem as traz e encostadas ao peito,— como se vê nas imagens de S. José e Santo Antonio com o Menino-Jesus [2]. Frequentemente as mães entregam os filhinhos a outros mais crescidos (por exemplo, da idade de 7 annos): nestes casos, a criancinha póde ir escarranchada no pescoço, com as pernas pendentes para diante, ao que se chama *ir ás cavalleiras* em algumas terras, *ir ás cravinhozes* noutras (por ex. em Fozcoa), e *ir ás cabritas* em Lisboa; ou póde ir escarranchada em um dos quadris, com uma perna para trás e outra para diante, e amparada pelas costas com o respectivo braço de quem a leva, ao que se chama em Fozcoa *ir ao tiracol* (tiracollo).

Do que se disse a cima vê-se que ha duas especies de canções: de acalentar, e do berço propriamente ditas, ou de embalar. Esta distincção é porém mais theorica do que real, porque existem canções que tanto se cantam junto do berço, como com o menino nos braços.

As de acalentar (14-20) são pouco numerosas e simples. A mãe, ora exprime nellas grande satisfação por lhe estar nos braços a metade do seu ser, ora lança um olhar saudoso para o passado, para quando ainda não tinha encargos, e o seu unico cuidado consistia em toucar-se e procurar amores. Mas nisto o menino chora, e ella, sobresaltada, amima-o e afaga-o, fallando-lhe mesmo em lingoagem infantil para elle poder mais facilmente sossegar. Ás vezes, em logar da mãe, é a ama ou qualquer pessoa quem canta; e isto que digo d'esta classe de canções, póde dizer-se de outras.

As do berço propriamente ditas (21-30) são tambem em deminuto numero. Claro está que me refiro apenas àquellas em que ha allusões directas ao berço ou aos seus movimentos. A mãe, no seu amor incomparavel, imagina que o bercinho em que

---

[1] Vid. os meus *Ensaios Ethnographicos*, II, 190. Ahi citei costumes de Africa analogos a este. Vid. tambem: Ratzel, *Las Razas Humanas*, I, 108 (Hottentotes); Dr. Ploss, *Das kleine Kind*, Berlim 1881, p. 30 sgs. (differentes povos), o mesmo A., *Das Kind in Brauch und Sitte der Völker*, Leipzig 1884, t. II, p. 60 sgs. (onde trata o assunto com muito desenvolvimento); Mattos e Silva, *Região de Cabinda*, Lisboa 1904, p. 187, onde se lê: »A criança acom»panha sempre a mãe: quando esta cava, anda, etc., não a abandona no chão, »trá-la á cintura, escarranchada, e segura por uma dobra do vestuario, que, »partindo da cintura, volta para cima, envolvendo o corpo infantil até ao pes»coço e atando adiante sobre os seios; da criança só se vêem os pés, a cabeça »e algumas vezes os membros superiores, quando mais crescidos».

[2] Santo Antonio tambem se figura com o menino sentado em um livro.

lhe dorme o filho estremecido é recamado de ouro, ou entretecido de plantas aromaticas, e que os *panaes* [1] em que elle está envolto são o que ha mais delicado. Em extase sublime, cheia de fé religiosa, e com a maior singeleza, invoca os Anjos do Ceu para que tragam roupa com que melhor se agasalhe o menino, que é anjo como elles, e para que imprimam ao berço oscillações rhythmicas. A que outras entidades maravilhosas poderia tão afoutamente recorrer, como ás que, segundo a mythologia christã, mais se assemelham, na idade e na pureza, ao pequenino ente em que ella põe toda a attenção e affecto? Em analoga ordem de ideias, invoca ás vezes a Virgem Maria e Christo.

Mais numerosas e mais complexas são as canções que servem indifferentemente para acalentar e para embalar (31–119). Algumas tem, como é natural, pontos de contacto, no sentido e na fórma, com as das classes precedentes; sou, comtudo, obrigado a separá-las d'ellas, e a agrupá-las á parte, para obedecer á divisão theorica que estabeleci ha pouco.

Á frente de todas colloco as que se cantam quando o menino começa a dormir. Formam quatro series. Na primeira (32–38), a mãe, ou continúa a dirigir-se aos Anjos, pedindo-lhes que desçam á terra em ajuda do menino, ou chama e personifica mythicamente o proprio sono, para o attrahir e conciliar. Na segunda (39–46 *a*) falla novamente nos Anjos ou lembra-se da Virgem, e projecta entregar-lhes o seu *menino d'oiro:* umas vezes, sem ter na mente plano bem determinado, e só influida pelas vagas ideias de mysticismo que a sonoridade d'essas palavras santas desperta nella; outras vezes, com vontade de que lh'o criem e depois lh'o restituam crescido, porque a mãe, quando é pobre, não póde applicar-se toda ao filho, e precisa de empregar tempo em ganhar o pão quotidiano. A terceira serie (47–77) é muito interessante, porque a mãe, já servindo-se da lingoagem usual, já recorrendo ao vocabulario infantil, assimila-se ahi ella mesma á Virgem Maria, que tambem teve um filho, assimila a criancinha a Jesus, que tambem foi menino, e encarrega o pacato chefe da sagrada familia, S. José, de embalar o berço: taes canções serviram na origem, provavelmente, para se cantarem nos presepios por occasião do Natal, pois que o povo achou semelhança entre a infancia do Me-

[1] O vocabulo *panaes* «roupas do berço» é da Beira-Baixa (Fozcoa) e de Trás-os-Montes (Bragança). Corresponde-lhe *panales* em hespanhol. Um e outro representam *p a n n a l e s, do lat. p a n n u s.

nino-Deus e a dos *filhos dos homens,* e adaptou àquella as canções que eram proprias d'esta; mas depois, com o andar do tempo, fez o inverso, e as poesias de caracter divino, correlacionadas com a mystica fonte de Belem, tornaram-se meramente profanas. À terceira classe podem tambem aggregar-se as canções em que o menino é assimilado aos Anjos. Estas poesias mostram-nos a mãe completamente absorvida no que lhe é mais caro, sem ver outra cousa, e suppondo que a Natureza, os entes sobrenaturaes, tudo, ha de acompanhá-la e prestar-lhe auxilio. Raras vezes sae do mundo da imaginação para o da realidade; então (quarta serie: 78–79), allude ás durezas e lutas da vida, ou convida o menino a que durma de pressa, para ella ir para o trabalho.

Seguidamente o menino adormeceu. Não conheço senão duas canções com este thema (80–81). Numa d'ellas parece haver qualquer allusão religiosa á Virgem, tida como madrinha do menino. Na outra, a mãe sente-se como que em paz, por ver o filho pegado no sono: não que estivesse oppressa ou aborrecida durante a vigilia, mas porque o corpo tambem precisa de descanso e de readquirir fôrças para ella depois se dedicar outra vez ao menino, quando este cessar de dormir.

Agora, que o anjinho repousa, ou conchegado ao seio materno ou *dentro dos cetins e das cambraias do berço de alecrim,* como um botão de rosa em seus envoltorios de musgo, — ninguem o desperte! ninguem ouse tocar-lhe! O Papão-Negro, que ronda sobre o telhado, fuja para longe, de maneira que o seu olhar execrando não incida onde o menino dorme! As aves que andam cantando na horta, parem de cantar, para que o menino não acorde! As proprias arvores não venham, balouçadas pelo vento, bater nos cunhaes da casa com suas ramagens sussurrantes e incómmodas! Tudo isto se diz nas cant. 82–117.

Em vez d'esta evolução natural do sono do menino, póde acontecer que elle não queira logo dormir e comece a chorar, ou que por desgraça cáia doentinho no berço. Para os dois casos (117–118) ha tambem canções, embora poucas; só colligi duas, posto que fosse natural que existissem muitas, por isso que, segundo a cima expliquei, o verbo *acalentar,* tão applicado na nossa litteratura, significa propriamente «fazer calar (a criança que chora)».

Aos quatro grupos analysados até aqui,— preludio, canções de acalentar e de embalar, e canções que servem indifferentemente para um e outro caso,— juntarei por fim mais um (120-180), de poesias várias: quadras acompanhadas de notação musical; trovas que se differençam das cantigas usuaes por particularidades mor-

phologicas, quer no metro (redondilha menor), quer na combinação dos versos (sextilhas); cantigas da Terra de Miranda, com expressões em mirandês; versos hespanhoes que se cantam em Bragança; proverbios e ditados; amostra de cantigas que, sem serem originariamente destinadas a adormecer crianças, se applicam para esse fim. Ha além d'isso um appendice com cantigas que colhi depois de já coordenado e composto na typographia o presente trabalho; não as pude distribuir pelas differentes secções, para não o alterar todo [1].

Como outras canções populares, as canções do berço são de curto folego, com ideias geraes, rapidamente expostas,—meros rhythmos para adormecer. Ao passo que, por exemplo, numa canção da Sardenha a mãe pretende que o filho seja bello de maneiras, vida e confôrto do pae, alegria de todos, esplendor e honra da familia, nascido para o bem e cheio de prudencia [2]; numa de Spinoso deseja que o menino possa ser feliz e subir tão alto como o sol e a lua [3]; numa da Calabria, que elle converta os Turcos em christãos [4]: as mães portuguesas ordinariamente limitam-se, de um lado, a lamentarem-se pelos cuidados que os filhos lhes dão, ou pela incerteza da futura sorte d'elles, e do outro, a desfazerem-se em amor e sentimentos religiosos, ou a pedirem ao Sono que venha, e ao Papão que se retire para longe. Mas esta simplicidade de conceitos apparece noutros paises; a philosophia das poesias de Italia é excepção.

As nossas canções, se são pouco variadas de assuntos, são-no tambem na fórma. Muitas consistem em apostrophes dirigidas ao menino ou ás entidades sobrenaturaes. Uma e mesma fórma serve não raro para exprimir diversos conceitos. Notam-se, por vezes, syn-

---

[1] Não é raro cantarem-se quadras que, com quanto tenham o berço por assunto, não são tradicionaes, mas feitas modernamente por pessoas mais ou menos lidas. Essas, como é natural, excluí-as da minha collecção, por exemplo (Algarve):

Neste berço onde descansa
Criança formosa e gentil...
Dorme, dorme, caro infante,
Bella flor do meu Abril.

Que me importa o rumor das vagas,
Se eu da barca não quero passar?
Tenho uma filha formosa,
Uma filha que pode chorar.

[2] VIVANET, apud Corazzini, *I Componimenti minori* (já cit.), p. 21.
[3] CORAZZINI, *Componimenti*, p. 40.
[4] MANGO, in *Archivio* de Pitrè & Marino (já cit.), I, 392.

cretismos de canções, como mostrarei no commentario. O metro mais seguido é o de redondilha maior, e a estancia usualmente adoptada é a quadra em que o 3.º verso rima com o 4.º (fórmula: *a b c a*), o que tudo é caracteristico da nossa poesia lyrica popular; no entanto, tambem se usa a redondilha menor, e ha versos que, embora raramente, não estão dispostos em estancias regulares.

Além das canções do berço, a litteratura infantil portuguesa, isto é, a que tem por assunto a vida da criança, comprehende muitas outras especies de poesias: umas, que quem sustenta a criança sobre os joelhos recita, dando a estes movimento compassado; outras, que se applicam ao crescimento das differentes partes do corpo; outras, relacionadas com o bàtismo, com a tardança da falla, com a dentição, com os nomes; outras, emfim, que só servem para fazer rir. De tudo já dei espécimes nas *Tradições Populares de Portugal*, Porto 1882, e possuo ainda para publicar muito mais. No presente trabalho, todavia, cinjo-me só ás canções do berço.

Ainda que, segundo vimos, haja canções do berço propriamente ditas, e canções, por assim dizer, do regaço, do collo ou dos braços, dou á minha collecção o titulo geral de *Canções do berço*, porque, com faltar no nosso lexico termo proprio que, á maneira do francês *berceuse* (derivado do verbo *bercer*, que significa ao mesmo tempo balouçar o berço e balouçar a criança), designe os dois grupos de poesias, coincide o applicar-se commummente a expressão *do berço* ás ideias correlacionadas com a primeira infancia: póde, pois, essa expressão desempenhar, sem violencia nenhuma, a funcção que lhe attribuo aqui. Noutras lingoas observam-se factos analogos, por exemplo em allemão, onde o termo *Wiegenlied*, seja qual fôr dos dois grupos de canções aquelle a que se applique, significa litteralmente «canção do berço» [1].

Na minha collecção estão representadas todas as provincias de Portugal (continente [2]) e o archipelago da Madeira. As canções

---

[1] Poderia eu ter escolhido a expressão *canções de acalanto* ou *de arrolar*, em virtude do que disse a cima, quando fallei d'estes vocabulos; mas *acalanto* é archaico, e *arrolar*, alem de não ter em todo o país o sentido lato que tem em algumas regiões, não possue clareza sufficiente para titulo, pois que ha outros vocabulos homophonos.

[2] Aqui, como em todos os meus estudos, adopto a antiga divisão geographica e administrativa, que é a melhor: Entre-Douro-e-Minho, Trás-os-Montes, Beira (principado), Extremadura, Alemtejo e Algarve (reino).

não acompanhadas de indicação de terem sido publicadas, estão ineditas; pelo menos, não as transcrevi de livros, nem de periodicos, e foram colhidas directamente da boca do povo, umas por mim, outras por amigos meus. As musicas que junto a algumas canções representam tambem todas as provincias continentaes de Portugal, e são aqui publicadas a primeira vez. — Eis os nomes das pessoas que me auxiliaram: Albino Pereira Lopo [1], Antonio Thomás Pires [2], Padre Francisco Manoel Alves [3], Jaime Leite Pereira de Mello e Vasconcellos [4], Joaquim de Castro Lopo [5], Joaquim Correia Bàtista [6], José Joaquim Nunes [7], Padre Lino Dias Poças [8], Luis Cardoso Martins de Meneses (Margaride) [9], Manoel Joaquim de Campos [10] e Pedro A. de Azevedo [11]. A todos testemunho mais uma vez os meus sinceros agradecimentos.

Segundo o meu costume, publíco as canções geralmente sem alteração nenhuma; se fizer alguma rara alteração, di-lo-hei em nota. Para melhor se apreciar o processo adoptado pelo povo na transmissão do seu thesouro poetico, não evitei o dar ás vezes, seguidamente, differentes versões do mesmo thema, ainda quando ellas divirjam em pouco. Adiante de cada canção menciono, ou a fonte escrita [12], ou o local onde foi colhida [13].

---

[1] Mandou-me as musicas de Bragança e Chaves, e algumas canções de Bragança.

[2] Mandou-me a musica de Elvas.

[3] Mandou-me outras canções do concelho de Bragança.

[4] Mandou-me as canções de Obidos.

[5] Mandou-me as canções de Valpaços.

[6] Mandou-me as canções de Alcacer-do-Sal.

[7] Mandou-me as canções e musicas do Algarve. — Algumas das canções e as musicas obteve-as do seu amigo o Rev. José Antonio Monteiro, prior de Búdens.

[8] Mandou-me as canções da Terra de Miranda.

[9] Mandou-me a musica do Minho.

[10] Escreveu as musicas de Castello-Branco, Fozcoa, Coimbra, Trás-os-Montes (excepto Bragança e Chaves) e Extremadura, e alem d'isso reviu as provas d'estas e de todas as outras.

[11] Deu-me algumas canções de Tondella, que uma mulher de lá lhe ditou.

[12] Esta menção será succinta, porque já a cima dei de modo completo as necessarias indicações bibliographicas.

[13] Muitas pessoas suppõem que quando nas minhas publicações ethnographicas ou glottologicas digo que tal facto é de tal terra, quero significar que esse facto é só de lá, e por isso me previnem de que tambem nas terras d'ellas conhecem factos iguaes ou analogos. Ora eu sei perfeitamente que os factos

Para terminar esta introducção, devo accrescentar que nem todas as canções tem já sentido para o povo. Muitas estão evidentemente estropiadas, e o povo serve-se d'ellas apenas como de letra para encher o ouvido. Isto acontece tambem com outros ramos da litteratura tradicional, e tem várias causas.

---

ethnographicos e glottologicos são communs a varias localidades, mas entendo que é util, a diversos respeitos, citar sempre o local onde foram colhidos, embora lhe não sejam especiaes. Os botanicos fazem o mesmo com relação ás plantas que descrevem.



Observação. — *A lettra floreada do começo encerra o retrato do menino cuja natividade se commemora e festeja neste trabalho; foi desenhada pelo Sr. Guilherme Gameiro, desenhador do Museu Ethnologico Português, o qual fez tambem os desenhos que serviram para todas as outras gravuras.*

COLLECÇÃO DE CANTIGAS

I

PRELÚDIO

1

Lindo cantar é o dos Anjos,
Quem cantára como elles?
Quem estivera cantando,
Cantando no meio d'elles? [1]

2

Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões;
Quem tem amores tem filhos,
Quem tem filhos tem pensões [2].

3

Quem tem meninos pequenos,
Por fôrça lhe ha-de cantar:
Quantas vezes as mães cantam
Com vontade de chorar! [3]

4

Quem tem meninos pequenos,
Por fôrça lhe ha-de cantar:
Quantas vezes lhe as mães cantam
Com vontade de chorar! [4]

5

Quem tem meninos no berço,
Por fôrça lhe ha-de cantar:
Quantas vezes uma mãe canta
Com vontade de chorar! [5]

6

Quem tem crianças pequenas,
Por força lhe ha-de cantar:
Quantas vezes canta a mãe
Com vontade de chorar! [6]

7

Quem tem meninos pequenos,
O remédio é cantar:
Quantas vezes a mãe canta
Com vontade de chorar! [7]

8

Quem tem meninos pequenos,
Num se l'inora o cantar:
Q'antas vezes se le canta
Cum bontade de chorar! [8]

---

[1] Obidos.

[2] Alemtejo. Pires, *Cant. Pop.*, t. III, n.º 4:038.

[3] Neves e Mello, *Musicas e Canções*, p. 229. — Uma de Moncorvo differe d'esta apenas em dizer no verso 2: *Por fôrça que ha-de cantar.*

[4] Alvações do Corgo.

[5] Alcacer do Sal.

[6] Obidos.

[7] Mondim da Beira.

[8] Minho. *Trad. Pop. de Portugal*, p. 207. *Num se l'inora* «não se lhe estranha» (cfr. cant. 10 e 11); tambem em gallego: *inorar* «extrañar» (Valladares, *Dicc. Gall.-Cast.*, s. v.). — Em vez de *bontade* leia-se *buntade*.

9

Quem tem meninos pequenos,
Num se lhe ingnora [1] o cantar:
Quantas vezes a mãe canta
Com vontade de chorar! [2]

10

Quem tem meninos pequenos,
Não se lhe estranha o cantar:
Quantas vezes a mãe canta
Com vontade de chorar! [3]

11

Mulher que tem meninos,
Não lh'é stranhado o cantar:
Quantas vezes ella canta
Com vontade de chorar! [4]

12

A cantiga do ró ró
Minha mãe m'a ensinou;
Quando eu estava no berço,
Logo m'a ella cantou [5].

13

Cantiguinhas do rô rô
Minha avó m'as ensinou;
Quando eu estava no berço,
Foi que m'as ella cantou [6].

II

CANTIGAS DE ACALENTAR

(com o menino nos braços, no collo ou no regaço)

14

Quem tem meninos pequenos
Alivia a criação:
De dia tem-no nos braços,
Á noite no coração [7].

15

Quando eu era solteirinha [8]
Usava fitas e laços:
Agora, que sou casada,
Trago o meu filho nos braços [9].

---

1 Tambem se diz *ignora*.
2 Moncorvo.
3 *Trad. Pop. de Portugal*, p. 208, nota.
4 Bragança.
5 Moncorvo.
6 Neves e Mello, *Musicas e Canções*, p. 228.
7 Minho. *Trad. Pop. de Portugal*, p. 208.
8 Outra versão menos perfeita diz *solteira*.
9 Alvações do Corgo.

16

Quando eu era solteirinha,
Usava fitas de laços [1]:
Agora já sou casada,
Trago o meu filho nos braços [2].

17

Cala-te, meu amor,
Cala-te, meu filhinho:
Eu te vou pôr no berço
Para dormir um soninho [3].

18

Adormece, meu filhinho,
Aqui no meu collo:
Eu te vou pôr no berço
Embrulhado num lençol [4].

19

Faz [5] ó-ó, ó meu menino,
Que te quero ir a deitar,
Numa caminha bem fofa
Teu corpinho consolar [6].

20

Se o menino tem sono,
Vá para o seu bercinho:
Eu vou chamar a mamã
Para lhe dar um beijinho [7].

III

CANTIGAS DE EMBALAR

(ou «do berço» propriamente ditas)

21

O menino está no berço
Coberto co'o cobertor;
Os Anjos lhe estão cantando:
—Bendito seja o Senhor! [8]

22

Dorme, dorme, meu menino,
Nesse bercinho dourado;
Vae dormir com Jesus Christo
Um soninho descansado [9].

---

[1] *Fitas de laços* foi como ouvi em Moncorvo. E assim tenho ouvido noutras terras.

[2] Moncorvo.

[3] Obidos.

[4] Obidos.

[5] Isto é: *faz'* = *faze*.

[6] Alemtejo. Pires, *Cant. Pop.*, t. II, n.º 4:028.

[7] Obidos.

[8] Baião.

[9] Tondella.

23

Rola, rola, meu filhinho,
No teu berço de alecrim...
Lençóes de cambraia fina
Cobertores de cetim [1].

24

O meu menino tem sono,
Tem sono e quer dormir:
Venham os Anjos do Ceu
Com roupa para o cobrir [2].

25

O meu menino tem sono,
[Tem sono] e não quer dormir [3]:
Venham-nos Anjos do Ceu
Ajudá-lo a cobrir [4].

26

O meu menino tem sono...
Se tem sono, vae dormir,
Virgem Nossa Senhora
O ha-de vir cobrir [5].

27

Este menino tem sono,
Tem sono e quer dormir:
Vem os Anjinhos do Ceu
Ajudá-lo a cobrir [6].

28

Meu menino tem sono,
Tem sono, quer velar;
Venham os Anjos do Ceu
Ajudá-lo a embalar [7].

29

Embala, José, embala,
Que a Senhora logo vem:
Foi lavá'los cueirinhos
Á fontinha de Belem [8].

29 *a*

Ó José, embala, o menino
Co'a mão, nanja co'o pé,
Qu'esse menino qu' embalas
É Jesus de Nazaré [9].

29 *b*

Ó José, embala o menino,
Qu'a mãezinha logo vem:
Foi lavá'los cueirinhos
Á fontinha de Belem [10].

29 *c*

Embála, berço, embála,
Com pausinho de oliveira:
Embala-me esta menina,
Que a quero metter freira [11].

30

Uma mãe que um filho embala
Todo o seu fim é chorar,
Só por não saber a sorte
Que Deus tem para lhe dar! [12]

---

1 Valpaços.
2 Moncorvo.
3 Falta evidentemente no principio o que ponho entre colchetes. A omissão foi devida a terminar do mesmo modo o verso anterior.
4 Obidos.
5 Tondella.
6 Obidos.
7 Obidos.
8 Moncorvo (Lousa).
9 Fornos de Algodres.
10 Fornos de Algodres.
11 Minho. *Trad. Pop. de Portugal*, p. 208.
12 Alemtejo. PIRES, *Cant. Pop.*, t. II, n.º 4:035.

IV

CANTIGAS DO REGAÇO E DO BERÇO

(que servem indifferentemente para acalentar o menino e para o embalar)

a) *Quando o menino começa a dormir :*

31

O meu menino quer dormir,
E o seu sono não quer vir:
Tem um olho cerrado
E o outro não n'o póde abrir [1].

32

O meu menino tem sono,
O sono não lhe quer vir:
Venham os Anjos do Ceu
Ajudá-lo a dormir [2].

33

O meu menino tem sono,
E o sono não lhe quer vir:
Venham nos Anjos do Ceu
Ajudá-lo a dormir [3].

34

O meu menino tem sono,
Tem sono e quer dormir.
Venham os Anjos do Ceu
Ajudá-lo a dormir [4].

35

Ró, ró, ró!
E o seu sono não quer vir:
Os Anjinhos do Ceu venham
Ajudá-lo a dormir [5].

36

Meu menino, dorme, dorme,
O sono não te quer vir:
Venham os Anjos do Ceu
Ajudá-lo a dormir [6].

37

O menino quer dormir,
O sono num le quer dar:
Anda, sono, anda tu,
Para o menino nanar [7].

38

O menino quer dormir,
O sono num le quer vir:
Anda, sono, anda tu,
Para o menino dormir [8].

---

1 Bragança.
2 Alemtejo.
3 Moncorvo. Quem me recitou esta quadra, juntava no começo do 2.º verso *tem sono,* que supprimi, por ser evidente repetição das últimas palavras do antecedente.
4 Alemtejo. PIRES, *Cant. Pop.,* t. II, n.º 4:029.
5 Bragança. Esta cantiga canta-se, como creio, em seguimento de outra.
6 Alemtejo. PIRES, *Cant. Pop.,* t. II, n.º 4:030.
7 Minho. Vid. *Trad. Pop. de Port.,* p. 207.
8 Minho. Vid. *Trad. Pop. de Port.,* p. 207.

39
O meu menino é d'oiro,
D'oiro é o meu menino:
Hei de entregá-lo aos Anjos
Emquanto é pequenino [1].

40
O meu menino é d'oiro,
D'oiro é o meu menino:
Vou entregá-lo aos Anjos
Emquanto é pequenino [2].

41
Ai! o meu menino é de ouro,
Ai! é de ouro o meu menino:
Eu hei de entregá-lo aos Anjos
Emquanto for pequenino [3].

42
O meu menino é de ouro,
De ouro é o meu menino:
Hei-de levá-lo aos Anjos
Emquanto é pequenino [4].

43
Meu menino é de ouro,
É de ouro o meu menino:
Hei-de levá-lo aos Anjos
Emquanto é pequenino [5].

44
O meu menino é de oiro,
É de oiro mui fininho:
Hei-de mandá-lo p'r'ós Anjos
Emquanto for pequenino [6].

45
O meu menino é d'ouro
D'ouro é o meu menino:
Hê-de mandálo p'r'ós Anjos,
Emquanto é pequenino [7].

45 *a*
O meu menino é d'ouro,
D'ouro é o meu menino:
Hei-de entregá-lo aos Anjos,
Que cresça, que é pequenino [8].

46
O meu menino é d'ouro,
D'ouro é o meu menino:
Eu hei-de dá-lo á Virgem
Emquanto for pequenino [9].

46 *a*
O meu menino é d'ouro,
D'ouro é o meu menino:
Hei-de entregá-lo á Virgem
Em quanto é pequenino [10].

---

[1] NEVES E MELLO, *Musicas e Canções*, p. 228. — Ouvi outra exactamente igual em Alvações do Corgo.
[2] Santa Martha de Penaguião.
[3] Valpaços.
[4] Tondella.
[5] Obidos.
[6] Alemtejo. PIRES, *Cant. Pop.*, t. II, n.º 4:032.
[7] Fozcoa. Cfr. *Trad. Pop. de Portugal*, p. 208, onde os dois ultimos versos sairam com estes erros: *arranjar* em vez de «aos anjos», *emquanto que* em vez de «em quanto».
[8] Moncorvo (Lousa).
[9] Alemtejo.
[10] Moncorvo (Lousa).

47

Nana, nana, mou menino,
Qu'a tua mãe logo vem:
Foi lavá'los teus paninhos
Á fontinha de Belem [1].

48

Nana, nana, mou menino,
Qu'a mãezinha logo vem:
Foi lavá'los cueirinhos
Á fontinha de Belem [2].

49

Nana, nana, mou menino,
Qu'a mãezinha logo vem:
Foi lavá'los os teus paninhos
Ao reguinho de Belem [3].

50

Nana, nana, mou menino,
Qu'a mãezinha logo vem:
Foi lavá'los cueirinhos
Ao reguinho de Belem [4].

51

Nana, nana, meu menino,
Que a mãezinha logo vem:
Foi lavar os teus paninhos
Á pocinha de Belem [5].

52

Rôla, rôla, meu menino,
Qu'a Senhora logo vem:
Foi lavá'los cueirinhos
Á fontinha de Belem [6].

53

Rula, rula, meu menino,
Qu'a mãezinha logo vem:
Foi lavá'los cueirinhos
A fontinha de Belem [7].

54

Rola, rola, meu menino,
Ca mãezinha logo vem:
Foi lavar os cueirinhos
Á fontinha de Belem [8].

55

Ròla, ròla, meu menino,
Quem te ha-de dar a mama?
O teu pae foi p'r'ó moinho,
Tua mãe caiu na cama [9].

56

Cala, cala, meu menino,
Que tua mãe já ahi vem:
Foi lavar os cueirinhos
Á fontinha de Belem [10].

---

1 Baião.
2 Baião.
3 Baião.
4 Baião.
5 Minho. Vid. *Trad. Pop. de Port.*, p. 207.
6 Moncorvo.
7 Mondim da Beira.
8 Fozcoa.
9 Th. Braga, *O Povo Português*, I, 285.
10 Neves e Mello, *Musicas e Canções*, p. 297.

57

Cala, cala, meu menino,
Que a mãezinha logo vem:
Foi lavar os cueirinhos
Á fontinha de Belem [1].

58

Cala, cala, meu menino
Q'a mãezinha logo vem:
Foi lavar os panaizinhos
Á fontinha de Belem [2].

59

Dorme, dorme, meu menino,
Que a mãezinha já vem:
Vae lavar os cueirinhos
Á fonte de Belem [3].

60

Dorme, dorme, meu menino,
Que a mãezinha logo vem:
Foi lavar os cueirinhos
Á fontinha de Belem [4].

61

Dorme, dorme, meu menino,
Que a mamã logo vem:
Foi fazer uma visita
Á Senhora de Belem [5].

62

Ó meu menino Jesus,
Quem vos ha-de acalentar?
É a mamãzinha
Que lh'ha-de dar de mamar [6].

63

Ó meu menino Jesus,
Da ribeira de Belem,
Dizei-me: o seu casaquinho
Quantas perolas tem [7].

64

Ó meu menino Jesus,
Comvosco é que eu estou bem:
Nada d'este mundo quero,
Nada me parece bem [8].

65

Ó meu menino Jesus,
Ó meu lindo amor-perfeito:
O que eu queria era trazer-vos
Sempre junto ao meu peito [9].

66

A Senhora do Soccorro
Já lá vem de S. Romão,
Com o seu menino *ó* collo
E S. José pela mão [10].

---

1 Valpaços.
2 Bragança.
3 Obidos.
4 Creio que me veio de Obidos.
5 Algarve.
6 Tondella.
7 Obidos.
8-9 Perdi a indicação da proveniencia.
10 Obidos. — Esta cantiga podia ir incluida na Secção II.

67

—Nana, nana, meu menino,
Quem te deu? porque choraes?
—Deu-me minha avó Sant'Anna.
—Oxalá te dera mais! [1]

68

Anjos, cantae ó menino,
Que a Senhora logo vem:
Foi laváʼlos cueirinhos
Á fontinha de Belem [2].

69

A cantiga que cantava a Virgem
Quando embalava o menino:
«Anda cá meu vaso d'ouro,
«Meu Sacramento Divino [3].

70

Quem me dera estar no Ceu,
Nem que fosse a um cantinho,
Ao pé de Nossa Senhora
A embanar o seu menino! [4]

71

Esta noite, á meia-noite,
Ouvi cantar ao divino:
Era a Senhora Sant'Anna
Aquelantando o menino [5].

72

A Senhora do Soccorro
Já me mandou chamar
P'ra me dar o seu menino,
Para eu lh'o embalar [6].

73

—D'onde vens, meu menino,
Que cheiras tanto a marcella?
—Venho do jardim dos Anjos
De enfeitar uma capella! [7]

74

Dorme dorme, meu anjinho,
Meu raminho de jasmim:
Eu vou chamar por Jesus
Que venha p'ra o pé de ti [8].

75

O meu menino é um anjo,
Deu-m'o Deus de natureza:
Por isso é que no meu coração
Nunca entra tristeza [9].

76

O meu menino é um anjo,
E o teu é um passarinho:
O meu voa para o Ceu,
E o teu voa para o ninho [10].

---

1 Penaguião.
2 Moncorvo.
3 Obidos.—Esta cantiga podia ir incluida na Secção III.
4 Obidos e Fozcoa.
5 Obidos.
6 Obidos.
7 Obidos.
8 Valpaços.
9–10 Bragança.

77

O meu menino é um anjo,
Deu-m'o Deus, não no mereço:
Todos dizem que o venda...
Anjos do ceu não tem preço [1].

78

Cala, cala, meu menino,
Quem é que te ha-de arrolar?
Tua mãe foi para o moinho,
E teu pae caiu ao mar [2].

79

Dorme, dorme, meu filhinho,
Porque eu tenho que fazer:
Eu quero ir ganhar o pão
Que precisamos comer [3].

b) *Depois que o menino adormeceu:*

80

Meu menino adormeceu,
Já saiu, já cá não está:
Foi a casa da madrinha,
Sabe Deus quando virá! [4]

81

Só á meia-noite durmo,
Um soninho descansado,
Quando os filhos 'stão dormindo
E o marido está deitado [5].

c) *Ninguem acorde o menino:*

82

Ó meu filho, dorme, dorme...
Olha o Papão que alem está...
— Ó Papão vae-te embora,
Que o menino dorme já! [6]

83

Vae-te embora, ó Papão,
Que o menino não 'stá cá:
Foi para casa da tia,
Deus sabe quando virá! [7]

84

Ó Papão, vae-te embora,
Que a menina não está cá:
Foi p'ra casa da madrinha,
Sabe Deus quando virá!

85

Ó Papão, vae-te embora,
Que a menina não 'stá cá:
Foi a casa da avó,
.... quando ella virá! [9]

86

Vae-te embora, Papão velho,
Vae-te embora, Papão novo:
Não leves o meu menino
Para a boca do lobo [10].

---

[1] Bragança.
[2-3] Valpaços.
[4] Obidos.
[5] Alemtejo. PIRES, *Cant. Pop.*, t. II, n.º 4:034.
[6] Alemtejo: PIRES, *Cant. Pop.*, II, n.º 4:025.
[7] Extremadura.
[8-10] Obidos.

87

Vae-te d'ahi, ó Papão,
De cima d'esse telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [1].

88

Vae-t' embora, Papão,
De cima d'esse telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [2].

89

Ó Papão, vae-te embora
De cima d'esse telhado,
Deixa dormir o menino
O seu sono descansado [3].

90

Ó Papão, vae-te d'ahi,
De cima d'esse telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [4].

91

Ó Papão,
Não venhas pelo telhado [5],
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [6].

92

Vae-te embora, Papão negro,
Para cima do telhado,
Deixa dormir meu menino
Um sono descansado [7].

93

Vae-te embora, Papão negro,
Vae-te para o telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [8].

94

Ó Papão, vae-te embora
Para cima do telhado,
Deixa dormir o menino
O sono descansado [9].

95

Ó Papão, vae-te embora
Para cima do telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [10].

96

Ó Papão vae-te embora
Lá p'ra cima do telhado,
Deixa dormir a menina
Um soninho descansado [11].

---

1 Fozcoa.

2 Algarve e Alcacer do Sal.—Em vez de *um soninho*, uma canção de Moncorvo diz *o soninho*.

3 Obidos, etc.

4 Alemtejo: PIRES, *Cant. Pop.*, II, 4:023.

5 Variante: *Vae-te embora do telhado.*

6 Tondella.

7-11 Obidos.

97

Ó Papão, vae-te embora,
D'ahi d'esse cantinho,
Deixa dormir o menino
Um soninho pequenino [1].

98

Vae-te d'ahi, ó Papão,
De cima d'esse loureiro,
Deixa dormir o menino
Que está no sono primeiro [2].

99

Vae-te embora, Papão,
Para cima do loureiro,
Deixa dormir o menino
O soninho primeiro [3].

100

Ó Papão, vae-te embora,
Deixa dormir o menino,
Qu'elle não chora com medo,
Chora porque é pequenino [4].

101

Vae-te embora, Papão feio,
Não queiras ser mau:
Se não deixas dormir o menino,
Vou bater-te com um pau [5].

102

Vae-te embora, Papão negro,
Deixa o menino dormir:
Venham os Anjinhos do Ceu
Ajudá-lo a cobrir [6].

103

Vae-te, Côca, vae-te, Côca,
Para cima do telhado:
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [7].

104

Vae-te embora, vae-te, ó Medo,
De cima d'esse telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [8].

105

Ó moça, vae-te d'ahi,
De cima d'esse telhado:
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [9].

106

Vae-te embora, passarinho,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir o menino
Qu'está no sono primeiro [10].

---

1 Alemtejo: PIRES, *Cant. Pop.*, II, n.º 4:024.
2 Fozcoa.
3 Obidos.
4 Porto.
5-6 Obidos. A cant. 102 podia ir na Secção III.
7 *Trad. Pop. de Portugal*, p. 208.
8 NEVES E MELLO, *Musicas e Canções*, p. 228.
9 Valpaços.
10 Obidos.

107

Vae-te embora, passarinho,
Deixa a baga ao lòreiro:
Deixa dormir a menina
Qu'está no sono primeiro [1].

108

Vae-te embora, passarinho,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir o menino
O seu soninho primeiro [2].

109

Vae-te embora, passarinho,
Deixa *ó* lòreiro a baga,
Deixa dormir o menino
O sono da madrugada [3].

110

Vae-te embora, passarinho,
Deixa a baga *ó* loureiro,
Deixa dormir o menino
Que está no sono primeiro [4].

111

Vae-te d'ahi, passarinho,
Deixa a baga do lòreiro
Deixa dormir a menina
Que está no sono primeiro [5].

112

Vae-te embora, passarinho.
De cima d'esse loireiro,
Deixa dormir o menino
O seu soninho primeiro [6].

113

Aquelle pombinho branco
Com o pescoço amar'lado...
Deixa dormir o Zèzinho
Um soninho descansado [7].

114

Rouxinol do bico preto,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir a menina
Que está no sono primeiro [8].

115

Rouxinol da penna verde,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir o menino
Que está no sono primeiro [9].

116

O rouxinol quando canta
Põe o pé no amieiro...
Deixa dormir a menina
Que está no seu sono primeiro [10].

---

1 Baião.
2-3 Perdi a indicação da proveniencia d'estas duas canções.
4 Penajoia, Moncorvo, etc.
5 Moncorvo.
6 Alemtejo.
7 Moncorvo.
8 Beira Baixa: Pires, *Cant. Pop.*, II, n.º 4:026.
9 Neves e Mello, *Musicas e Canções*, p. 228.
10 Alemtejo: Pires, *Cant. Pop.*, II, n.º 4:027. — Dá-se nesta cantiga um phenomeno syntactico que se nota noutras: passagem brusca do discurso indirecto (vv. 1-2) para o directo (vv. 3-4).

117

O lòreiro bate, bate,
Com as pontas no telhado!
Deixa dormir o menino
Seu soninho descansado![1]

d) *Canções do chôro e da doença:*

118

Porque choras, meu menino?
Porque choras, meu amor?
As tuas lagrimas, meu menino,
Cortam o meu coração com dor[2].

119

O rou-rou foi á botica,
A buscar o ijarope:
Ó rou-rou vem depressa,
Que o menino está á morte[3].

V

POESIAS VARIAS

a) *Cantigas que apresentam certas particularidades morphologicas:*

120

Ó, ó, ó...
Moça do telhado,
Deixa-me o menino
Dormir sossegado[4].

121

Menino bonito
Não dorme na cama,
Dorme no regaço
Da virgem Sant'Anna[5].

122

Este menino
Quer dormir:
Anjos do ceu
O venham cobrir[6].

123

Este menino
Quer rolar:
Anjos do ceu
O venham buscar[7].

124

Este menino
Quer dormir:
Mas o soninho
Não quer vir[8].

---

[1] Alvações do Corgo.
[2] Bragança.
[3] Fozcoa.
[4-8] Todas estas quadrinhas são de Valpaços.

125
Dormi, meu menino,
Dormi, meu amor,
Sem almofadinha
Nem cobertor [1].

126
Dormi, meu menino,
Fechae o olhinho,
Que vem as raposas
Papar o menino [2].

127
Ó Papão vae-te embora,
Tira-te d'ahi:
Menino bonito
Não é para ti [3].

128
Nossa Senhora lavava,
S. José estendia:
Qual era a criança
Que tanto le querìa? [4]

129
A Virgem lavava,
S. José estendia,
O menino chorava
Com o frio que tinha [5].

130
Viste a donzella
Á beira do rio
Lavando os paninhos
De seu bento filho?

131
Maria lavava,
José estendia,
O menino chorava
Com o frio que fazia [6].

132
Ró, ró, meu menino,
Dorme e descansa:
Tu és o meu alivio
E a minha esperança [7].

133
Ó, ó...
Menino d'avó,
Barre-lhe a casa,
Sacode-lhe o pó [8].

134
Tinglim-tim,
Tinglim-tó,
Que faz o netinho
Em casa da avó?
Varre-lhe a casa,
Sacode-lhe o pó,
E cata-lhe as pulgas
Do berço, -ço, -ço [9].

1-2 Neves e Mello, *Musicas e Canções*, p. 227.
3 Algarve: *Trad. Pop. de Port.*, p. 298.
4 Bragança. O 3.º verso corresponde a: *a quem tanto queriam.*
5 Castello-Branco.
6 Th. Braga, *O Povo Port.*, II, 401.
7 Bragança.
8 Moncorvo.
9 Th. Braga, *O Povo Port.*, I, 285.

135

— Que faz la menina
Em casa da avó?
— Barrer la casinha,
Sacudir lo pó,
Catal los piolhos,
Fazel lo còcó [1].

b) *Cantigas com musicas:*

Vão juntas com as respectivas musicas. A seguir á de Bragança mandaram-me esta, que se correlaciona com ellas:

136

A fontinha era d'ouro,
E a agoa de cheiro;
E o menino era filho
D'um Deus verdadeiro.

c) *Versos do Archipelago da Madeira* [2]:

Acalentar meninos

137

— «Imbala, preta, imbala
Menino do teu senhor;
Canta-lhe bem amoroso;
Anina-lo com amor.
Imbala, preta, imbala,
Como lo fez San Joseph,
Que los anjos cantarão;
Pater noster, dominé».

— «San Joseph, a trabalhar,
Imbalava com seu pé:
«*Calae-vos, Jesus Menino,
Nacido em Nazareth*».
Meu San Joseph, acudi;
Dae-me vós da vossa graça,
Com qu'inxugue meu menino
Suas lagrimas de prata».

— «Imbala, preta, imbala,
Como la Virgem fazia,
Que los anjos cantarão:
Gratiae plen', ave Maria».

— «Cantigas cantou la Virgem,
Quando imbalou Jesus:
«*Calae-vos, meu bento filho,
Qu'haveis de morrer na cruz*».
Nossa Senhor', acudi;
Dae-me do vosso thesoiro,
Com que cale lo meu menino,
Que chora lagrimas d'oiro».

Bicho Papão

138

Lo feio bicho Papão
Está em riba do telhado,
Pera ver lo meu menino
Se 'stá no berço deitado:
— «Ó Papão, tu vae-t' embora
De riba d'esse telhado;
Deixa dormil lo menino
Seu soninho descansado».

Agua que corre nã cansa;
Já de longe faz zoada;
Ao som de l'agua corrente,
Dormi sésta descansada.

Menina bonita

139

Menina bonita
Nã sob' á janella;
Que bicho Papão
Carrega com ella.

---

[1] Madeira: Azevedo, *Romanceiro*, p. 484.
[2] Azevedo, *Romanceiro*, pp. 479-481.

Se quer alvos ovos,
Arroz com canella,
Menina bonita
Nã sob' á janella.

Palminhas

140

Palminhas e mais palminhas,
Que mãe-mãe dará maminhas,
E o pae-pae, quando viel,
Dará sopinhas de mel.

d) *Rimas alemtejanas* [1]:

Cantos do berço

141

Papa-ratos já morreu,
Tem na cova por fazer,
As velas por accender,
Pomos o manto e vamos a ver.
Ó Papão foge do telhado,
Deixa dormir o menino,
Um soninho descansado.
Tocando num pandêro,
Encontrê uns alforgêros,
Carregados d'avelãs,
Mêas podres, mêas sãs,
Bràdê pr'os mês amigos,
Acudiram-m'os ladrões,
Despiram-m'os calções,
Dêtaram-me num poço,
C'um chocalho ó pescoço.
As velhinhas a cantarem,
As meninas a chorarem,
Calae-vos minhas meninas,
Que amanhã será domingo.
Cantará o pintasilgo;
Pintasilgo derrabado,
Sem ter sella nem cavallo,
Tinha só 'ma barra velha,
P'ra correr toda Castella,
De Castella a Marçagão,
A buscar pregos d'ôro,
P'ra trocar por assabão.
O sabão era ranhoso,
Coitadinho do velho tinhoso,
Fez a cama no telhado,
Encontrô um gafanhoto,
Mandô-o dêtar ó forno,
Com tres postas de toucinho,
Dava-lh'o vento, dava-lh'o frio,
Cantava como um bugio;
Dava-lhe o vento, dava-lhe o sol,
Cantava como um rôxinol.
Rôxinol que tão bem cantas,
Quem t'ensinô a cantar,
Foi a rainha na varanda,
E o rê no laranjal,
Jogando á laranjinha,
O rê más a rainha [2].

142

Pintesilgo derrabado,
Não tem sella nem cavallo,
Foi buscar um moio de pão,
P'ra elle, más p'r'ó seu cão,
O seu cão não está em casa,
Está debaixo do navio,
Dá-lhe o vento, dá-lhe o frio,
Faz cantá-lo como um assobio.

---

[1] Colligidas por A. Thomás Pires e publicadas por Ad. Coelho no *Bolet. da Soc. de Geogr.*, serie 4.ª, n.º 12.

[2] Cantam, embalando as crianças.

Cf. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Port.*, pp. 207–208.

143

Cabra, cabriola,
Corre montes e valles,
Corre meninos a pares,
Tamêm te comerê a ti,
Se cá chigares [1].

e) *Canções da Terra de Miranda* [2]:

144

Ai lé léla, ai lé lela,
Ai lé léla, ai lé ló,
Yę la purmeira cantiga
Que m'ansinöu la mi' abó.

145

Cala, cala, meu nino,
Cala, cala, meu amor,
Que as vossas verdades
Vos matam com dores.

146

Quem tem ninos pequenhos,
Ninguem lhe ignore o cantar:
Quantas vezes cantará
Com buntade de chorar?

147

Cala, cala meu nino,
Quem te ha-de dar la mama?
Uma belha cantoneira
Que lhe chamam *Sturiana*.

148

Palminhas d'azeite
P'ra a mãe que dá leite
Palminhas de mel
P'ra o pae que logo bem.

149

Vamos a la cama
Vamos a dormir:
Tu lhebarás la manta
Yöu lhebarei lo candil.

150

Ró, ró!
Töu pai fui a carbõu
E tüe mái a violeta:
Não tens quem te dê la teta.

f) *Versos hespanhoes que se cantam em Bragança:*

151

El padre del niño
Fue a Ribadeu,
Halló malo (*sic*) tiempo
Logo se volveu.
Tum, tum, ró ró
Se no lo entiendes,
Entendelo ahora,
Qu'en casa está
El padre del niño que llora.
Tem tem ró ró.

g) *Cantigas do Menino-Jesus:*

152

Ó meu Menino-Jesus,
Descalcinho pelo chão:
Mettei os vossos pèzinhos
Dentro do meu coração.

153

— Ó meu Menino-Jesus,
Descalcinho sem chapeu?
— Venho lá da Via-Sacra,
Lá do caminho do Ceu.

---

[1] Cf. *Trad. Pop. de Port.*, de J. L. de Vasconcellos, p. 298.

[2] São um mixto de mirandês e portuguès; ser-me-hia facil pô-las todas em mirandês, mas preferi imprimi-los segundo a cópia que recebi.

154

— Ó meu Menino-Jesus,
Qu'é do vosso çapatinho?
— Deixei-o em Santa Clara
Mettido num buraquinho.

155

Ó meu Menino-Jesus,
Da bandeirinha burmelha,
Vós sendes o pastor d'almas,
Eu hei-de ser vossa ovelha. [1]

155 *a*

O Menino-Deus é luz
Que ao mundo dá claridade:
É profeta embaixador
Da SS. Trindade [2].

155 *b*

Baixae Anjos, baixae Anjos,
Rompei já esse *trovéu* [3]
Vinde cantar ao Menino
Gloria in excelsis Deo! [4]

155 *c*

Uma estrella se parou
Em cima d'uma cabana,
Adorando a Deus Menino
E Jesus que é filho d'Anna [5].

155 *d*

Oh! dae-lhe leite,
Ao Deus-Menino,
Oh! dae-lhe leite
Qu'é pequenino [6].

h) *Cantigas profanas, que, sem serem do berço, se lhe adaptam:*

156

Nossa Senhora da Lapa,
Mandae varrer o terreiro,
Que vem nos vossos romeiros
Com viola e pandeiro [7].

157

Nossa Senhora da Lapa
Tem o tear á janella,
Dá-lhe o vento dá-lhe a chuva,
Todo o fiado lhe quebra [8].

158

Nossa Senhora da Lapa,
Da Lapa e da Lapinha,
Chamae-me vós afilhado
Qu'eu vos chamarei madrinha [9].

159

Esta noite á meia-noite,
A meia-noite seria,
Ouvi cantar os Anjos
E a Virgem Maria [10].

---

[1] As cant. 152–155 são de Cabeceiras de Basto. *Trad. Pop. de Port.*, p. 208.
[2] Alandroal?
[3] = tropheu.
[4] Alandroal.
[5] Perdi a indicação da proveniencia.
[6] Tambem perdi a indicação d'onde provém.
7–9 Moncorvo.
[10] Obidos.

i) *Anecdota infantil (em lingoa popular) :*

«Ũa mulher embelava ũa criença e dezia :

160

Nina, nina, nina, nina!
Já tem dentes a menina.

E o home dixe :

Nana, nana, nana, nana!
Já se me acabou a gana» [1].

j) *Proverbios relacionados com as crianças :*

161

Quem tem filhos | tem cadilhos,
Quem os não tem | cadilhos tem. [2]

161 *a*

Boas teias fia
Quem seus filhos cria [3].

APPENDICE

Cantigas obtidas já depois de coordenada e composta na typographia a collecção precedente

162

Toda mulher que tem filhos
É obrigada a cantar:
Quantas vezes ella canta
Com vontade de chorar! [4]

163

O meu menino tem sono,
Tem soninho, quer dormir
Venham Anjinhos do Ceu
Ajudá-lo a cobrir [5].

164

O meu menino tem sono,
Tem soninho, quer nanar:
Venham Anjinhos do Ceu
Ajudá-lo a embalar [6].

165

José embana o menino
Com a mão, e não com o pé:
Esse menino que embanas
É Jesus de Nazaré [7].

---

[1] *Trad. Pop. de Port.*, pp. 208-209.
[2-3] Fozcoa.
[4-6] Lousa (Moncorvo).
[7] Alandroal.

166

Embala, José, embala,
Embala este menino:
Elle não chora de sono,
Chora porque é pequenino [1].

167

O meu menino tem sono
E o sono não le quer vir:
Venham os Anjos do Ceu
Ajudá-lo a ver dormir [2].

168

O mê menino é d'oiro,
D'oiro é o mê menino,
Hê-de dá-lo aos Anjos
E hê-de ficar sem menino [3].

169

S. Antonio leve Antonio,
S. Antonio me leve a mim!
Os Anjos do Ceu me levem
Este menino para si! [4]

170

Faça ó-ó, meu menino,
Que a sua mãe logo vem:
Foi lavar os cueirinhos
Á ribeira de Belem [5].

171

Ó mê menino Jasus,
Quêm vos pudera valer!
Com sopinhas da panella
Sem a vossa mãe saber! [6]

172

Ó mê Menino-Jesus,
Da Lapa do coração,
Dae-me da vossa merenda,
Qu'a minha mãe não tem pão [7].

173

De Lisboa me mandaram
Quatro peras num raminho:
Duas para S. José
E duas para o mê menino [8].

174

— Ó José, ó Josézinho,
Que é da fita do chapeu?
— Dei-a a Nossa Senhora
Para levar para o Ceu [9].

175

Calae-vos, mê menino,
Qu'a Senhora logo vem,
Foi lavar os cueirinhos
Á fontinha de Belem:

Nossa Senhora lavava
S. José 'stendia,
E o Menino chorava
Do frio que fazia.

Calae-vos, mê menino,
Calae-vos, mê amor,
Qu'isto são navalhinhas
Que cortam sem dor [10].

---

[1] Búdens (Algarve).
[2] Alemtejo.
[3] Alandroal.
[4] Búdens (Algarve).
[5] Búdens (Algarve).
[6-8] Alandroal.
[9] Búdens (Algarve).
[10] Alandroal.

176

Ó Papão, vae-t' embora,
'Sconde-te para o telhado,
Dei a dormir o menino
Um soninho descansado [6].

177

Vae-te embora, ó Farronca,
Vae-te embora, vae-te embora,
Vae-te embora, ó Farronca,
Que o menino já não chora [7].

178

Menino está quedo,
Que vem a Farronca
Que te mette medo [1].

179

Vae-te embora, passarinho,
De cima d'esse telhado,
Deixa dormir o menino
Nesse sono descansado [3].

180

Vae-te embora, passarinho,
Deixa a baga ao loureiro,
Deixa dormir o menino
Que está no sono primeiro,

Que está no sono primeiro,
Que está no primeiro sono:
Vae-te embora, passarinho,
Deixa a flor do resmôno [2].

---

[1] Alandroal.
[2] Fozcoa.
[3] Fozcoa. Em fórma de tercetto; não falta verso nenhum.
[4] Alandroal.
[5] Búdens (Algarve). — A fórma *resmôno* corresponde a *rasmôno* «rosmaninho», cit. por J. J. Nunes. «Dialectos algarvios», na *Rev. Lusitana*, VII, 254.



COMMENTARIO

(Os numeros são os das cantigas)

1. Um dos attributos que a Igreja dá aos Anjos é a musica [1]. Por isso a arte os representou frequentissimamente com harpas, rabecas e outros instrumentos, ou em attitude de cantarem. Na nossa lingoagem usual reflectimos essa concepção quando dizemos: *canta como um anjo, tem voz de anjo* ou *angelica*. A poesia litteraria vae pelo mesmo caminho: os factos são tão conhecidos, que não vale a pena fazer citações. Na poesia popular ha muitos outros exemplos, além do que nos é ministrado pela canção que estou annotando:

O cantar veio do Ceu,
Que o mandaram os Anjos:
Que o cantassem no mundo
Todos os homens humanos.

Canta, minha voz de um Anjo,
Que eu gósto de te ouvir:
Se algum dia me occupares,
Gostarei de te servir.

São cantigas de Fozcoa, ineditas. Vid. outras do Alemtejo no thesouro poetico de A. Thomás Pires [2].

2. Esta canção, com uma variante nos vv. 3 e 4: *Quem tem amores tem zelos, | Quem tem zelos tem paixões,* canta-se sem ser aos meninos. É esse um dos muitos recursos da poetica popular: introduzir na quadra modificações, e adaptá-la depois a diversos themas.

---

[1] Na *Côrte Imperial*, obra mystica do seculo XIV, existente em ms. na Bibliotheca Municipal do Porto (cod. n.º 101), lê-se, por exemplo, o seguinte, no capitulo I: «E a· redor da cadeira real estava toda a corte das hordeēs dos spi»ritus celestiaes, e tijnham mujtos estormētos de muytas maneiras, em que tan»giam e faziam mujtos e muy graçiosos sōos. E diziam muj doçes cantares».

[2] *Cant. Pop. Port.*, t. I, pp. 82-84. O 1.º verso da 2.ª canção que aqui apresento encontra-se noutra de PIRES, n.º 503: *Canta, minha voz de um Anjo, | Que eu por um Anjo te tenho* | etc.

3-11. A nossa poesia popular é geralmente tão triste, que nem nos momentos mais felizes que uma mãe póde ter — aquelles em que está junto do filho — as lagrimas deixam de transparecer por entre os risos. Sempre a evocação da desgraça! Sempre a fatalidade!

Repare-se na belleza das canções que estou annotando: cada um dos dois grupos de versos que constituem as quadras exprime uma sentença; e a primeira é antithese da segunda, o que os verbos oppostos *cantar* e *chorar* denotam muito ao vivo. As variadas versões que juntei dão ideia de como as poesias se alteram de localidade para localidade. Numas e noutras diversifica tambem a lingoagem: aqui *ignorar, ingnorar, inorar;* ali *estranhar*.

12-13. A cantiga 13 differença-se da 12 principalmente em conter as palavras *avó* em vez de *mãe*.

As neumas *ró ró* e *rò rò* são muito da lingoagem infantil. Já a cima, na introducção, cap. II, trasladei de Gil Vicente (sec. XVI) *ro ro* e *ru ru;* Th. Braga cita na tradição moderna:

Oh meu menino, *ru ru*,
Cantam os Anjos, dormirás tu [1];

e eu, a proposito de Gil Vicente, citei supra o v. I como de Baião. Variante de *ro ro* é *rou rou* na cantiga 118: vid. a respectiva annotação. Na Beira-Alta usa-se um jogo chamado do *rô-rô*. Em hespanhol tambem ha *ro* «voz de que se usa repetida para arrullar á los niños» [2]; d'aqui vem o chamar-se *rorro*, na mesma lingoa, a uma criancinha [3]. Provavelmente *ro-ro, ru-ru* são na origem a primeira syllaba de *(a)rro(lar)*, *(a)rru(lar)*, em hesp. *(a)rru(llar)*, repetida rhythmicamente em flexão rhizotonica, como o francês *dodo* «sono» (em lingoagem infantil) é a repetição dos sons iniciaes da palavra *do(rs)*, e o citado vocabulo castelhano *rorro* é *ro* pronunciado duas vezes. A lingoagem infantil offerece-nos muitos exemplos de criações vocabulares d'este genero, pela repetição da syllaba accentuada, como *ti-ti* = ti(a), *vó-vó* = (a)vó, *Lé-lé* = (He)le(na), *Fi-Fi* = (Jose)phi(na): cf. a minha *Evolução da Lingoagem*, Porto 1886, pp. 55-58.

---

[1] *O Povo Português*, I, 284.
[2] *Dicc. de la Academia*, s. v.
[3] *Dicc. de la Academia*, s. v.; e cf. Marín, *Cant. Pop. Esp.*, I, 12.

14. Esta canção contrasta, em parte, com as que tem os n.os 2–11: ahi a mãe diz que a sua alegria será muitas vezes só apparente; agora especifica que, com quanto criar um menino custe, o tê-lo porém nos braços e o amá-lo do coração fazem que esse trabalho se torne menos pesado.

15-16. A expressão *solteirinha*, em deminutivo, dá certa graça ás canções, tanto mais que são cantadas junto de crianças. Nota-se nestas canções uma antithese, como é frequente na poesia popular.

17-18. Apparecem outra vez deminutivos, que são muito proprios, por se estar fallando com crianças. No n.º 18 a rima é meramente toante (*collo–lençol*), facto vulgar na poesia popular.

19. A expressão *fazer ó-ó* corresponde no sentido á francesa *faire dodo;* uma e outra pertencem apenas á lingoagem que se falla ás crianças.

20. Esta canção é posta na bôca de uma ama; acontecem factos semelhantes noutros paises, por exemplo na Bretanha:

> Et moi je suis la petite bonne,
> Pour garder la maison [1].

A palavra *mamã* revela influencia culta, pois não pertence usualmente ao lexico do povo; o geral é *mãe* e *mãezinha* (*minha mãe, 'nha-mãe, senhora mãe,* etc.).

Tanto *bercinho* como *beijinho* estão em deminutivos pela mesma razão indicada na annotação ás canções 17–18.

21. Não admira que os Anjos tornem a apparecer — e muitas vezes os encontraremos nesta collecção de poesias — porque a alma do povo está impregnada de ideias christãs, e estas revelam-se em todas as manifestações da litteratura tradicional. *Cantar o bendito* é expressão estereotypada; provém de um hymno religioso que começa por *Bendito e louvado seja o SS. Sacramento.* O povo transmudou este hymno em canção de berço, em virtude da assimilação que, como já notei na introducção, e tornarei com maior

---

[1] *Rev. des Trad. Pop.*, II, 398.

desenvolvimento a notar adiante, elle estabelece entre a sacra familia e a sua propria. Tambem numa canção hespanhola se diz: *Angelitos del cielo | Venir cantando!* | [1].

A canção de que me estou occupando é provavel que na origem, como algumas outras do berço, fosse canção do Menino-Jesus, cantada pelo Natal, pois é muito semelhante a estas que se cantam como taes:

O Menino está dormindo
No presepio de Belem;
Os Anjos lhe estão cantando:
— Nosso amor e nosso bem!

O Menino está dormindo,
Um sono muito profundo;
Os Anjos lhe estão cantando:
— Gloria ao Salvador do Mundo! [2]

22-23. Na cantiga 22 apparece Jesus, como noutras muitas poesias.

Nas casas ricas antigas encontrar-se-hiam sem dúvida *berços dourados,* como se lê na *Comedia de Rubena* de Gil Vicente, quando a Feiticeira diz aos Espiritos diabolicos:

Trazede *berço dourado*
Muito rico, e muito asinha;
Que se crie Cismeninha
Para muito alto fado [3];

tambem numa poesia popular moderna do Natal o povo canta ao Menino-Jesus:

Filhas d'homem rico
Em *berço dourado;*
Só vós, meu Menino,
Em palhas deitado [4]:

todavia na nossa cantiga *bercinho dourado* não passa de mera aspiração e hyperbole poetica, porque os berços são geralmente muito modestos, como vimos a cima. Na litteratura tradicional de outros povos acontecem cousas semelhantes. Numa cantiga de

---

[1] Marín, *Cant. Pop.*, I, 8.

[2] *Cancioneiro de Musicas Populares* de Cesar das Neves & G. de Campos, t. I, Porto 1893, p. 261. Comquanto não se possa sempre crer na genuinidade das canções dadas como populares nesta obra, que contém poesias de toda a casta, — as duas canções a que me refiro são authenticas, porque vem em Pires, *Cant. Pop.*, I, n.os 157–158.

[3] *Obras*, ed. de Hamburgo, II, 24–25.

[4] Ad. Coelho na *Rev. de Ethnologia*, p. 33.

Benevento (Italia) chama-se ao berço *cónnola d'oro* [1]. Uma da Sicilia soa assim:

> Durmiti figghiu [2], ca [3] la naca [4] è nova,
> D'oro li cordi e d'argentu li chiova [5],
> Lu chirchittedu [6] di curallu finu:
> Durmiti figghiu sina [7] a lu matinu [8].

Nestes versos sicilianos vemos que o povo adorna mentalmente o berço de outras riquezas, não só de ouro; a nossa canção 23 tem-nas tambem,—*alecrim, cambraia, cetim*... Se tornarmos á Italia, ahi acharemos numa poesia popular de Sena:

> Il letto vi sia fatto di viole,
> E le coperte di quel panno fine
> La coltrice di penne di pavone [9].

E numa de Basilicata: «Mamma t'à fatto la *naca di rosa*» [10]. Do berço calabrês diz com emphase F. Mango: «Ecco la casa d'oro, »dove comincia l'evo preistorico del fanciullo, il paradiso della »madre, la più gentile è più graziosa poesia della vita. Il bimbo è »avvolto tra bianche fasce, con la scuffieta («touca») ricamata e »ricca di nastri a vario colore;.. alla parte inferiore della fascia »è appiccato un nastro con un sacchettino.. di forma quadrata, »che porta dentro una immagine o reliquia sacra e un coricino »(«coraçãozinho») di salgemma benedetto; e tutto ciò serve di »talismano contro la forza del fascino» [11].

---

[1] CORAZZINI, *I Componimenti minori*, p. 44. A palavra dialectal *cónnola* corresponde á italiana corrente *culla* «berço» (do lat. c u n ŭ l a, deminutivo de c u n a «berço»). Propriamente uma e outra significavam na origem «bercinho». Á tendencia que o italiano tem para os deminutivos aggregava-se aqui a ideia de carinho infantil, tantas vezes expressa pelo mesmo processo grammatical na nossa poesia popular, como temos visto: a propria canção 22 diz *bercinho*.

[2] «filho».

[3] «porque».

[4] «berço».

[5] «pregos».

[6] «arquinho» (do berço).

[7] «até».

[8] PITRÈ, *Canti Pop.*, II, 8.

[9] CORAZZINI, *Componimenti*, p. 29.

[10] CORAZZINI, *Componimenti*, p. 40.

[11] No *Archivio per le Tradiz. Popol.*, II, 61.

O nosso povo provê igualmente de amuletos as criancinhas, uns de origem pagã, como a figa (origem romana), a meia-lua (origem igualmente romana: *lunula*) e o sino-saimão (origem semitica), outros de origem christã, como a cruz e a imagem da Virgem, — os quaes ellas trazem quer ao pescoço, quer á cinta, quer no punho [1]; mas as cantigas que colligi não alludem a elles.

24-27. De um berço que na imaginação do povo é tão rico, e coberto de roupas tão preciosas, como vimos na annotação antecedente, deviam effectivamente vir tomar cuidado entidades sobrenaturaes: os Anjos, tão iguaes ao menino; Nossa Senhora, tão propria para tratar da infancia, pois tambem teve um filhinho. Estas concepções condizem perfeitamente com o ambiente religioso em que temos visto desenvolver-se a poesia popular.

28-29 *b*. Pois que os Anjos cantam ao menino (canção 21) e o cobrem de roupa no berço (canção 24-27), vem tambem embalá-lo na canção 28. O *José* das canções 29, 29 *a* e 29 *b*, é evidentemente S. José, evocado na mesma corrente de ideias religiosas; estas canções, correspondem na fórma a outras, como veremos mais adiante.

29 *c*. Observa-se aqui uma personificação do berço, phenomeno psychologico muito vulgar na poesia, tanto popular, como litteraria. Cfr. o começo de uma canção dos Sioux (America do Norte), assim traduzida por Ploss:

> Schwank' hin, schwank her, du nette Wiege,
> Roll' hin, roll' her, du luftige Schwebe [2].

Com pauzinho de oliveira, creio que se quer dizer que o berço é feito de pau de oliveira; a oliveira entrará aqui talvez por se lhe

---

[1] No Sul do reino, Extremadura e Alemtejo pelo menos, os amuletos infantis chamam-se *arrelicas* (de *reliquias*). — No Alemtejo (Alandroal) as *arrelicas* só se usam: *a*) á cintura, fixas em *cintos* especiaes de velludo, etc., quando as crianças *são de cueiros*, isto é, até os tres meses; *b*) enfiadas em uma fita, ao pescoço, quando as crianças *se vestem de curto*, isto é, quando andam de saiinha ou de *calçonitos*, depois dos tres meses. Com allusão á passagem dos cueiros para o vestuario dizem os rifões alemtejanos: *Aos quatro | Arruma-lhe o fato*, e *Aos cinco | O rabinho te afinco*, isto é «aos cinco meses te assento no chão», porque *afincar* é o mesmo que *fincar*. — Noutras provincias o modo de trazer os amuletos varía.

[2] Vid. *Das Kind in Brauch*, etc., t. II, p. 131.

attribuirem virtudes sobrenaturaes (contra as trovoadas, etc.), como diz mesmo uma cantiga alemtejana: *A oliveira é benta, | Ramo d'ella tem virtude* |[1]. A citada expressão encontra-se igual em uma quadra dos *Martyrios do Senhor,* versos populares; aqui a transcrevo, segundo uma versão de Fozcoa, inedita:

A vossa divina cruz,
Feita de *pau de oliveira:*
Vós sois a mais linda rosa
Que nasceu entre a roseira.

Na nossa lingoa usual tanto se diz *pau* como *madeira*[2].

O ultimo verso da canção que estou annotando, isto é, *Que a quero metter freira,* contém uma ideia correspondente á segunda parte deste fatalistico proverbio: *Ou casar ou metter freira,* que nos transporta ao seio do antigo regimen, em que o futuro da infeliz (ou feliz!) donzella que ficava para tia era geralmente o convento. Ao passo que nesta quadra o povo como que faz consistir o ideal da menina em mettê-la freira, noutros casos, por effeito da constante contradicção que tortura a alma humana, que hoje ambiciona o que amanhã detesta, canta com alguma ironia:

Antes queria ser casada,
Á noite embalar meninos,
Do que ser freira professa,
Ir ao côro tocar sinos![3]

30. Esta cantiga é em certo modo parallela ás que tem os n.os 3–11: a mesma melancolia, — num caso motivada por desgraças actuaes, que nem a presença do filho mitiga, noutro pela incerteza do futuro.

---

1 A. Thomás Pires, *Cant. Pop.*, II, n.º 3:123.

2 O povo suppõe tambem que a oliveira é *paz,* e quando passa um casamento na rua, atira-se aos dois esposos com ramos d'essa arvore, — o que explica as canções que começam: *A oliveira é paz,* | *Que se dá aos bem casados* | : vid. as minhas *Trad. Pop. de Portugal,* p. 119, e A. Th. Pires, *Cant. Pop.*, II, n.º 3:121. No Algarve diz-se, como do alecrim noutras partes, que: *Quem pela oliveira passou,* | *E um raminho não cortou,* | *Do seu amor se não lembrou.* Em toda a parte, e em todos os tempos, a oliveira tem gozado de grande acceitação nas crenças populares (imagens de deuses feitas de pau de oliveira, como entre nós a cruz; oraculos de amor, superstições, etc.): vid. A. de Gubernates, *Mythologie des Plantes,* II, 258 sgs. Uma das razões que entre nós ajuda a manter as crenças nas virtudes mirificas d'esta planta, é, além da tradição, o provir d'ella o azeite, e servir o azeite para a luz das lampadas das igrejas.

3 Canção de Fozcoa.

31. O 1.º verso ficaria mais perfeito se não terminasse em *-ir*, como o 2.º; é provavel que algumas mulheres de ouvido mais apurado digam *O meu menino tem sono*, mas não ousei alterar nada.

Note-se a graça ironica dos dois ultimos versos, e a arte delicada do 4.º que, embora exprima quasi a mesma ideia do 3.º, tanto diverge d'elle na fórma. O 3.º tem uma syllaba de menos; ficaria bem, se em vez de *olho* estivesse *olhinho*.

O 2.º verso é igual a este de uma canção provençal moderna: *Lou sant som voou pas venir* [1].

32-36. Virem os Anjos ajudar o menino a dormir (originariamente o Menino-Deus), é natural sequencia das ideias contidas noutras canções em que elles lhe cantam, o cobrem e o embalam: vid. a annotação ás canções 21, 28-29 *b*.

Numa poesia italiana de Basilicata invoca-se o Anjo Custodio:

> Prehare [2] voglio l'angilo custorio,
> Ti dia lu suonno e la bella memoria [3].

Noutras canções, tanto de Italia, como de outros paises, invocam-se as restantes entidades celestiaes: S. Nicolau, em uma de Benevento [4]; S. Caetano, *Sant'Antuninu*, Nossa Senhora em canções sicilianas [5]; uma, tambem siciliana, invoca o sono e diz a S. Sebastião que venha adormecer a criança:

> Suonu, veni di luntanu!
> Annumiscitila, Sammastianu [6];

em Chypre, segundo o texto de Pitrè: *Santa Marina, corica* (il bambino) | *Santa Sofia, cantagli per addormentarlo* [7]; uma canção arabica de Constantina é assim traduzida em um periodico

---

[1] Apud Pitrè, *Canti Pop.*, II, 6.
[2] = ital. *pregare*.
[3] Corazzini, *I Componimenti*, p. 39.
[4] Corazzini, *Componimenti*, pp. 44-45.
[5] Pitrè, *Canti Pop.*, II, 4.
[6] Pitrè, *Canti Pop.*, II, 4.
[7] *Canti Pop.*, II, 5, nota 2.

francês: *Dieu, ó Dieu!* | *O celui qui endort les enfants!* | *Fais dormir mon fils,* | *O Dieu le Très-Haut!* | [1]; na Alta-Bretanha:

Sainte Marguerite,
Vierge très petite,
Endormez-moi cet enfant
Jusqu'à l'âge de quinze ans [2].

Todas estas concepções são muito naturaes em povos christãos; no entanto por detrás d'ellas ha concepções mythologicas, pois os Gregos e Romanos tinham um deus chamado «Sono», (Ὕπνος, *Somnus*) [3], com muitos filhos, um dos quaes era Morpheu [4], e nos Indios do Brasil e na Amazonia as mães pedem ao *acutipurú* (macaco) e ao *murucututú* (mocho) que adormentem os meninos [5]. O Christianismo santificou o que lhe pareceu pagão, substituindo entidades mythicas por entidades suas. Mas ás vezes nos proprios povos catholicos ficaram restos do passado, transformados de outra maneira, como o *Pedro-Chosco* da tradição gallega, o qual deita nos olhos das crianças um grãozinho de areia para ellas dormirem; a Sr.ª D. Carolina Michaëlis, que cita esta superstição, e explica a palavra *Chosco* como derivada de *clausicare (de clausus «fechado»), accrescenta: «É o *João Pestana* dos Portugueses, o *Sandmann* dos Allemães, ou mais exactamente o *Ole-Luk-Oie*, o *Cerra-olhos* dos Dinamarqueses» [6]. No Languedoc é o *Omenet* «homenzinho» quem infunde sono ao menino, e o leva e o guarda até que este acorde [7].

Com a neuma *ró ró ró* da canção 35 cfr. o que se disse na annotação das cant. 12–13. Cfr. tambem uma canção hespanhola:

A la ro ro, á la ro ro, duermete niño.
A la ro ro, á la ro ro, ya estoy dormido [8].

---

1 *Rev. des Trad. Pop.*, XI, 27.
2 *Rev. des Trad. Pop.*, VII, 226.
3 Ovidio, *Metamorphoses*, XI, 623: *Somne, quies rerum, placidissime Somne deorum.*
4 Ovidio, *Metamorphoses*, XI, 633–635.
5 Santa-Anna Nery, *Folk-Lore Brésilien*, pp. 70–71.
6 Na *Rev. Lusitana*, III, 139.—O *Pedro Chosco* figura tambem em canções que não se relacionam com as crianças. *João Pestana*, como synonymo de sono, é muito conhecido em Lisboa; cfr. o verbo *pestanejar* «estar a cair com sono».
7 *Rev. des Langues Romanes*, XXII, 257.
8 Olmeda, *Folklore de Burgos*, p. 42.

A canção 36 apresenta uma incoherencia syntactica, muito frequente na poesia popular: começa por vocativo e termina por uma frase em que o verbo está na 3.ª pessoa.

37-38. Personificação do sono, como na Sicilia: *sunnuzza veni* [1], *sunnuzzu vinit* [2], e em muitas do continente italiano: *suonno che incannaste a lu Leone, 'ncanname a Ninno mio* [3], *o sonn' vien* [4], etc. Uma canção de Alvernia é muito semelhante ás nossas:

Sommeil, sommeil, viens, viens, viens;
Sommeil, viens, viens, donc.
Le sommeil ne veut pas venir,
Le petit enfant ne veut pas dormir;
Sommeil, sommeil, viens, viens, viens;
Sommeil, viens à l'enfant [5].

Na annotação ás cant. 32-36 fallei já das concepções mythologicas do Sono em diversos paises.

39-46. Tambem segundo as canções da Calabria «il colombino è fatto di oro» [6]. Numa da Sardenha diz-se:

Dormi como, como
Sa natura de oro...

isto é «dorme agora, agora, a criatura de ouro» [7].

É notavel que a mãe declare nas nossas canções que ha-de mandar o menino para os Anjos, pois que, segundo a concepção popular, *ir para os Anjos* ou *para os Anjinhos* é morrer, o que está de certo em contradicção com a vontade da mãe [8]. Que quer

---

[1] PITRÈ, *Cant. Pop.*, II, 10.
[2] PITRÈ, *Cant. Pop.*, II, 6.
[3-4] CORAZZINI, *Componimenti*, p. 38.
[5] PAUL SÉBILLOT, *Littér. Orale de l'Auvergne*, p. 242; e *Annuaire des Trad. Pop.*, 1877, p. 33.
[6] *Archivio per le Trad. Pop.*, II, 62.
[7] WAGNER, *Die sardische Volksdichtung*, p. 295.
[8] Foi por isso que alguem que uma vez publicou uma das canções a alterou arbitrariamente assim nos dois ultimos versos:

Hei de trocá-lo aos Anjos
Por outro mais pequenino.

isto pois dizer? Muitas mulheres a quem perguntei que significação davam aos versos, responderam-me que não lhes davam nenhuma; houve porém uma mulher que me deu a que apresento na introducção, que o menino era entregue aos Anjos para estes o criarem. Com tal explicação concorda a canção 45 *a*, onde se diz *Hei de entregá-lo aos Anjos*, | *Que cresça, que é pequenino*, e de algum modo concorda tambem a canção alto-bretã, transcrita na annotação aos n.os 32–36, na qual se pede a Santa Margarida que adormeça a criança até a idade de 15 annos. Tudo isto é muito natural, visto que os Anjos, a Virgem e os Santos andam sempre á roda do berço, chamados pela crença das mães. No estudo porém da litteratura popular devemos alargar o mais possivel a nossa investigação, porque o que ás vezes parece sufficiente, torna-se insufficiente noutras circunstancias. Ora na Hespanha canta-se:

Duermete niño chiquito,
Duermete y no llores más,
Que vendrán los angelitos
Del cielo y te llevarán.

Angelitos del cielo,
Venir cantando,
Y llevarse este niño
Que está llorando [1].

E estes versos parece conterem a explicação primordial dos nossos e dos alto-bretões: na origem seriam ameaça ao menino para elle dormir; se não dormisse, levá-lo-hiam os Anjos, a Virgem, os Santos. As entidades christãs desempenhariam as mesmas funcções que, sob o impulso de outra concepção, desempenham, como veremos, a Côca, o Medo. Com o tempo perdeu-se o sentido dos versos, bastando que estes tivessem a melodia natural, e nelles houvesse palavras tão suaves como Anjos e Virgem, embora com funcção incomprehensivel. Não admira que o povo, no seu syncretismo, invoque umas vezes os Anjos para virem buscar o menino, quando elle não dormir, e outras vezes os invoque para pelo contrario facilitarem o sono (cant. 34–37), e que lhes digam que se vão embora para o menino não chorar, como nesta canção hespanhola:

Duermete, niño chiquito,
Duermete y no llores más,
Que se irán los angelitos
Para no verte llorar [2].

---

[1] Marín, *Cant. Pop.*, ii, 8.
[2] Marín, *Cant. Pop.*, i, 8.

Seja porém como for, o que é certo é que hoje os Anjos e a Virgem são invocados pelo nosso povo quando o menino começa a dormir, e que pelo menos algumas pessoas lhes ligam ideias beneficas.

47-73. Tenho de fazer aqui várias annotações, umas quanto á fórma, outras quanto ao sentido.

Nana-nana, dorme-dorme, rola-rola, cala-cala são naturaes comêços das canções de todos os povos. Em Alasca: *Xami, Xami, dormi piccino mio!* [1] No Haiti: *dormi, dormi, povero piccolo* [2]. Na Sardenha: *dormidi fillu miu* [3]. No continente italiano: *fate la nanna; ninna su, ninna giù; fa la nina; nana, ninana; ninni, ninni, ninni, nanna; ninna-nanna* [4]. Na Allemanha: *Schlaf, Kindlein, schlaf* [5]. Em vallão: *nan-né* [6]; *nâne, binamèye poyette* «dormez bien-aimée poulette» [7]. Em provençal moderno: *nino, nono, nino, nino* [8]. Em francês: *dodo, l'enfant do* [9]. Na Hespanha: *duermete niño chiquito* [10]. O nosso verbo *nanar* «dormir» (em lingoagem infantil), posto que de origem obscura, tem, como se vê, parallelos noutras lingoas romanicas; a ternura das mães soube adaptá-lo bellamente á canção.

O imperativo *ròla-ròla, róla-róla, rula-rula* das cant. 52-55 relacionam-se com o que se disse na annotação ás cant. 12-13.

Como na cant. 20, tambem na cant. 47 sgs., é a ama quem figura no canto e não a mãe, embora possa ser esta quem realmente cante. Comprehende-se isto, porque se manifesta aqui a assimilação, a que já me tenho referido, da familia popular á familia sagrada: o menino é na origem o Menino-Deus; a mãezinha a Virgem-Maria que lava os panaes de seu filho na fonte, na poça ou no rêgo de Belem.—Já na introducção me referi á origem d'isso. Foi costume de todos os povos festejar o nascimento de pessoas queridas ou o respectivo anniversario; γενεθλιάζω

---

1 Ragusa-Moleti, *Poesie dei popoli selvaggi o poco civili*, p. 1.
2 Ragusa-Moleti, *Poesie*, p. 3.
3 Corazzini, *Componimenti*, p. 20.
4 Corazzini, *Componimenti*, pp. 29-47.
5 Simrock, *Das deutsche Kinderbuch*, p. 60.
6 Monseur, *Le Folklore Wallon*, p. 96.
7 *Wallonia*, III, 80.
8 Ap. Corazzini, *Componimenti*, p. 49.
9 *Rev. des Trad. Pop.*, VII, 226.
10 Marín, *Cant. Pop.*, I, 9.

significa em grego «festejar o anniversario do nascimento», e τὰ γενέθλια são as festas ou presentes d'esse dia. D'aqui vem o nome de *canções genethliacas,* usado na poesia classica. Os povos catholicos festejaram, da idade-media para cá, nas igrejas e em presepios particulares, o dia de Natal e a infancia de Christo [1]. Na nossa antiga litteratura não faltam a este respeito nem autos nem villancicos, a partir do seculo XVI [2]. Assim como, á imitação dos versos que se cantam usualmente junto do berço, se applicaram outros a Jesus, assim, conforme já notei na introducção, os versos applicados a Jesus passaram, ao inverso, a servir para adormentar os meninos. No *Auto Pastoril Castelhano,* representado pelo Natal, introduz Gil Vicente (sec. XVI) uns pastores que se dirigem para um presepio e vão cantando:

Aburramos [3] la majada [4],
Y todos con devoción
Vamos ver aquel garzón;
Veremos aquel Niñito,
De agora recien nacido:

Asmo [5] que es el prometido
Nuestro Mesias bendito.
Cantemos á voz en grito,
Con hemencia y devoción,
Veremos aquel garzón.

---

[1] Cfr. Du Méril, *Poésies popul. latines,* Paris 1843, pp. 73-74 e notas.

[2] No opusculo da Sr.ª D. Carolina Michaëlis, *Ein portugiesisches Weihnachtsauto,* Prática dos tres Pastores, Braunsweig 1881, pp. 7-9 (nota), vem uma lista de autos dos seculos XVI-XVII representados pelo Natal. De Villancicos cantados pela mesma occasião possuo dois muito raros, um de 1662 e outro de 1663, que comprei na Livraria de Pereira da Silva, em Lisboa. O costume continuou nos seculos seguintes. Ha muito poucos annos usavam-se no Alemtejo, pelo Natal, autos d'esta especie chamados *pastoraes* (do genero feminino): umas vezes andava de casa em casa uma especie de companhia theatral ambulante, formada por gente pobre da terra, a qual, para obter algumas esmolas, representava a scena do nascimento, fazendo um de Nossa Senhora, outro de S. José, outro de Anjo, outro de preto, etc., e o preto dizia: *Arreda, arreda, gente branca,* | *Que quer o pretinho entrar* |; outras vezes armava-se em casa, particularmente, um presepio, e os da casa ou amigos desempenhavam os respectivos papeis, entre os quaes não faltava o da *cigana do Egypto,* que cantava:

Sou cigana do Egypto,
Caminhando p'ra Belem,
Dar graças ao Menino,
E á Virgem parabem.

Gloria a Deus, gloria a Deus,
Gloria a Deus nas alturas,
Na terra paz aos homens.
Que são suas criaturas.

[3] De *aburrir.*

[4] «malhada» no sentido alemtejano «barraca para o gado, etc.»: *Rev Lusitana,* II, 35.

[5] De *asmar* «julgar».

Chegando ao presepio diz

GIL:
Dios mantenga á nuestra gloria!
....

LUCAS:
Que casa tan pobrecita
Escogió para nacer!
....

SIL(vestre):
De paja es su camacita.

LUC(as):
Y un establo su posada.

BRA(s):
Loada sea y adorada
Y bendíta
La su clemencia infinita! [1]

Na *Pratica de tres pastores* (sec. XVI ou XVII), destinada tambem a ser representada pelo Natal, canta-se uma cantiga de que extráio estes versos:

É vindo o Mexias
Dos ceos enviado!
Digão as cantigas:
— Deus seja louvado!
....

Nasceu o cordeiro,
Filho do deus vivo
E deus verdadeiro,
De carne vestido,
Sem dores parido,
Em palhas deitado.
Digão as cantigas:
— Deus seja louvado! [2]

Ouçamos agora uns versos populares modernos cantados pelo Natal:

Filhos de homem rico
Em berço dourado;
Só vós, meu menino,
Em palhas deitado!
Em palhas deitado,
Em palhas nascido,
Filho d'uma rosa.
Cravo escolhido [3].

E comparemos-lhes os que citei a cima na annotação á cant. 21, e a cantiga do berço n.° 127. Acharemos analoga inspiração em tudo isto. Porém nem sempre os cantos do berço relacionados com a sacra familia provirão de antigas representações

[1] *Obras*, ed. de Hamburgo, I, 16-17.

[2] Vid. D. CAROLINA MICHAËLIS, *Ein portugiesisches Weihnachtsauto*, Pratica de tres pastores, Braunschweig 1881, p. 27. A illustre romanista utilizou para a sua edição um ms. da Bibliotheca de Evora, e dois impressos: um, sem data, da Bibliotheca da Ajuda; outro de 1761, da Bibliotheca do Porto. — No *Catalogo n.° 4* («Miscellanea») da Livraria de Pereira da Silva, Lisboa 1905, p. 308, descreve-se um exemplar impresso em Lisboa em 1659, o qual pelo titulo corresponde ao da Bibliotheca da Ajuda. Este exemplar foi vendido para o Algarve.

[3] *Rev. d'Ethnologia* (de Ad. Coelho), p. 33. Cfr. ATHAIDE DE OLIVEIRA, *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve*, Porto 1905, p. 137.

theatraes perante os presepios; estabelecido o impulso, o povo depois póde generalizar, como de costume [1]. — Noutros paises ha cousas parecidas. Quando na introducção tratei da bibliographia, alludi ás *ninne-nanne del santo Natale* na Italia. As canções d'este país destinadas a adormentar os meninos estabelecem, como as nossas, relação entre o *bambino* e Jesus. Na Sicilia:

> Figghiu mio, quantu ti stimu!
> Quantu Maria a Gêsu Bamminu [2].

Em Roma porém:

> Gesú mme chiáma e vvò'cché ssía súa spósa:
> Saría la nòra dé sánta María
> E ssan Giusèppe mé sarébbe pádre,
> Sant'Anna nònna e 'Llisabbétta zzía,
> San Giovacchíno mé sarébbe cugnáto:
> La Madaléna mé corteggeria... [3]

onde entra a familia toda, parentes e adherentes. — Na Hespanha, como país ferrenhamente catholico, encontramos o mesmo parallelismo:

> La Vírgen es panadera,
> Y el niño pide pan,
> Y el bendito San José
> Se lo dá con humildá [4].

> Este niño que llora
> No tiene cuna.
> Su padre es carpintero [5],
> Le va á hacer una [6].

---

[1] Em Fozcoa, na occasião do Natal, antes e depois, canta o povo poesias na igreja, allusivas a Jesus, por exemplo:

> D'aqui a bem pouco tempo
> A noute do Natal vem:
> Ha-de nascer o Menino,
> Jesus Christo, nosso bem.

> Bem dito e louvado seja
> O Menino-Jesus nascido:
> No ventre de Nossa Senhora
> Nove meses andou 'scondido.

[2] Pitrè, *Canti Pop.*, II, I.
[3] *Rivista di Letterat. Pop.*, I, 176.
[4] Olmeda, *Folk-Lore de Burgos*, p. 40.
[5] Isto é: S. José.
[6] Olmeda, *Folk-Lore de Burgos*, p. 45.

— Os Allemães tambem estabelecem nos *Wiegenlieder*, ou canções do berço, correlação das suas familias com a sagrada:

> Ich wolt mich zur lieben Marie vermiethen,
> Ich sollt ihr Kindlein helfen wiegen;
> Sie führt mich in ihr Kämmerlein,
> Da waren die lieben Engelein,
> Die sangen alle Gloria!
> Gelobet sei Maria! [1]

Que as cant. 47-60 são na origem cantos do Natal vê-se d'estas do Alemtejo, onde entra claramente o Menino-Jesus:

> Cantae, Anjos, ao Menino,
> Que a Senhora logo vem:
> Foi lavar los cueirinhos
> Á ribeira de Belem.

> Cantae, Anjos, ao Menino,
> Que a Senhora logo vem:
> Foi lavá' los cueirinhos
> Á pocinha de Belem.

> Ó meu Menino-Jesus,
> Ó meu Menino tão bello,
> Vou lavá' los cueirinhos
> Á fonte do Caramelo [2].

Com as mesmas cantigas 47-60 comparem-se estas duas hespanholas, que ouvi a uma mulher de Cheles (Olivença):

> Duermete, niño de teta,
> Que tu madre no 'stá 'hi:
> Te fue lavá 'los culeros
> De tu hermanito Agustín.

> Duermete, niño de teta,
> Que tu madre no 'stá en casa:
> Te fue lavá 'los culeros
> De tu hermanita Tomasa.

Particularmente comparavel ás nossas canções 56-58 e 79, em que se diz ao menino que se cale, porque a mãe foi lavar os cueiros ou panaes, e que durma, para ella entretanto ir ganhar o pão, é tambem esta copla hespanhola:

> Calla, niño, calla,
> Que tengo que hacer,
> Lavar los pañales,
> Poner-me á coser [3].

---

[1] Simrock, *Kinderbuch*, n.º 256. Isto é: «Eu queria assoldadar-me com a amavel Santa Maria, eu havia de ajudá la a embalar o seu menino; ella levou-me para a sua camarazinha, alli estavam os amaveis anjinhos, que cantavam todos: Gloria! Louvada seja Santa Maria!» — Cfr. tambem o n.º 255 do mesmo livro, onde se diz que a Virgem embalava com mãos de neve o berço do Menino.

[2] Pires, *Cant. Pop.*, I, n.ºs 158-160.

[3] Olmeda, *Folk-Lore de Burgos*, p. 43.

A cant. 61 é variante das 47-60: ha ahi evidente referencia á visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel, celebrada pela Igreja.

As cant. 62-65 constituem manifestamente fragmentos de villancicos do Natal, cantados diante de presepios.

A cant. 66 é perfeita descripção da familia sagrada, que o povo está habituado a ver em quadros e esculpturas.

As cant. 67 e 73 estão dialogadas, como as do S. João:

— D'onde vindes, S. João,
C'uma capa côr de rosa?

— Venho de ver as fogueiras
De Sant'Anna milagrosa [1].

Tanto pelo sentido, como pela fórma, compare-se com ellas esta hespanhola:

— Hermosa Santa Ana,
Porque llora el niño?

— Por una manzana
Que se le ha perdido [2].

Por occasião do Natal cantam-se em Fozcoa varias cantigas correlacionadas com o Menino-Jesus, umas vezes dentro da igreja, á hora da missa, como já disse a cima, outras vezes em qualquer circunstancia (no trabalho, etc.). Neste ultimo caso, se hão-de cantar cantigas profanas, cantam-nas *ao divino*, por a epoca o pedir. Eis uma d'ellas, muito semelhante á cant. 67:

— Ó meu menino Jesus,
Quem vos deu? porque choraes?

— Deu-me minha avó Sant'Anna
Oxalá me dera mais!

Na cant. 68 combina-se o canto dos Anjos, como na cant. 21, com a ida da Senhora para o lavadoiro, como nas cant. 47-60. O povo applica frequentemente a mesma fórma a diversos themas; é este um dos recursos da sua metrica [3].

No *vaso d'ouro* e no *sacramento divino* da cant. 69 ha reminiscencias eucharisticas. É costume chamar *vasos de honra* aos bons que honram a Deus [4]. Tambem é expressão da lingoagem religiosa *vaso d'eleição*, no sentido de pessoa eleita de Deus, por exemplo S. Paulo.

Com as cant. 70-72 cfr. os versos allemães que citei a cima.

---

[1] *Ensaios Ethnographicos*, I, 67.

[2] Olmeda, *Folk-Lore de Burgos*, p. 43.

[3] Cfr. as observações que fiz no prologo das *Canções da Beira*, de P. Fernandes Thomás, p. 21 sgs.

[4] Moraes, *Dicc. da Ling. Port.*, s. v. «vaso».

74-77. Se o menino foi assimilado a Jesus, como vimos nas annotações precedentes, aqui é assimilado a um Anjo, concepção perfeitamente natural, pois tantas vezes temos encontrado os Anjos junto d'elle. Delicadissima é a cant. 74, em que se chama a Jesus para vir fazer companhia ao menino. Na cant. 76 figura uma ave,—acaso allusão mythica á ave do sono, de que fallarei adiante.

78-79. A cant. 78 ja se cantava no sec. XVII, como vimos da citação que fiz de D. Francisco Manoel de Mello, na introducção, quando tratei da bibliographia portuguesa. Parece uma especie de ameaça dirigida ao menino para elle dormir.

Tambem uma canção do Piemonte diz:

Nana concheta,
Mama l'è andaita a mesa,
Papá l'andait al bosch;
Fa la nana, bel matot («bambino») [1].

Uma canção allemã falla igualmente da ida do pae para o bosque, como nesta italiana, mas accrescenta-se que elle vae lá apanhar passaros para o menino [2]; numa cantiga vallonica, em que se diz que o pae partiu para a festa, este trar-lhe-ha biscoitos na volta [3]. Taes canções divergem pois da nossa no sentido final, comquanto haja uma do Natal do mesmo typo:

O Menino de Maria
Chama pae a S. José,
Que lhe trouxe os çapatinhos
Da feira de S. André [4].

Da cant. 79 citei a cima um parallelo hespanhol.

80. Esta cantiga pertence á classe das do Papão (vid. n.º 83 sgs.), mas perdeu esse caracter; por isso a inclui nesta

---

[1] CORAZZINI, *Componimenti*, p. 48.
[2] SIMROCK, *Kinderbuch*, n.º 234:

Schlaf mein Kindchen sieben Stund
Bis der Vater wiederkummt.
Vater ist in Waid gegangen,
Will dem Kindlein Vögel fangen.

[3] MONSEUR, *Folklore Wallon*, p. 96.
[4] PIRES, *Cant. Pop.*, I, n.º 167.

secção. — A *madrinha* de que se falla nella poderá ter sido na origem a Virgem Maria, pois ha cantigas em que o povo invoca a Virgem como tal, por exemplo esta de Fozcoa:

Nossa Senhora da Veiga,
Da Veiga e da Veiguinha,
Chamae-me vós afilhada,
Que eu vos chamarei madrinha [1].

81. A *meia-noite* entra aqui em sentido geral, pelo seu caracter fatidico, pois é a essa hora que os lobishomens apparecem e as feiticeiras; a essa hora não se passa nas encruzilhadas porque está lá o Diabo ou as Bruxas; á meia-noite o Diabo vae em fórma de cão preto aos cemiterios inspirar as pessoas que querem praticar maleficios [2]. A concepção fatidica da meia-noite está em connexão com a do meio-dia [3]. Muitas canções ha, que se referem á meia-noite, não só a do berço que deu origem a esta nota; por exemplo:

Esta noite á meia noite,
Á meia-noite seria,
Ouvi cantar os gallos
No telhado de Maria.

Ó luar da meia-noite,
Guarda-te lá p'ra o verão:
Bem sabes, quem tem amores
Quer escuro, luar não.

A alma popular vive num ambiente intellectual muito seu, onde a observação da realidade, o sentimento poetico, a influencia do rhythmo, o automatismo da lingoagem se misturam a antigas ideias mythicas transmittidas inconscientemente pela tradição: de tudo isto resultam obras ás vezes na apparencia incoherentes ou incomprehensiveis, cuja significação só por anályses pacientes e estudos comparativos se póde encontrar (quando póde!).

---

[1] A capella da Senhora da Veiga, a que se refere a cantiga, fica na margem do Douro, ao pé do Pocinho, no concelho de Fozcoa. *Da Veiguinha* é expressão meramente poetica, propria d'esta cantiga; não se usa na lingoagem corrente. — Existe um painel com a imagem da Virgem da Veiga, o qual se offerece lá no dia da festa (2.º domingo de Setembro) a quem dá esmolas para o santuario.

[2] Vid. As minhas *Trad. Pop. de Portugal*, pp. 269, 307, etc., e *Ensaios Ethnographicos*, III, 241; cfr. tambem Consiglieri Pedroso, *Trad. Pop. Portuguesas*, XI, 9.

[3] *Trad. Pop. de Portugal*, p. 301, nota. — Sobre a importancia do *meio-dia* nas tradições populares em geral, vid. Consiglieri Pedroso, *Trad. Pop. Portuguesas*, n.º X. Cfr. Dr. Ploss, *Das Kind*, I, 112-113.

82-116 *a.* Nestas cantigas invocam-se várias entidades, umas de caracter mythico, ainda bastante manifesto, outras já com elle perdido no todo ou em parte. A principal de taes entidades é o Papão, que apparece aqui de dois modos oppostos entre si: num caso as mães fallam nelle para amedrontarem o menino, e este dormir ou se aquietar; no outro esconjuram-no para que se vá e deixe repousar o menino. A quadra n.º 82 contém as duas concepções. A segunda é provavelmente mais antiga que a primeira. Que significava primitivamente o Papão? Comquanto o problema das origens das cousas, por muito complicado, seja sempre difficil de resolver, reunirei alguns factos a fim de preparar a resposta á pergunta.

Para diversos povos o sono não é phenomeno physiologico, mas resulta de saida da alma temporariamente do corpo. Os Karens da Birmania crêem que, quando se dorme, a alma se escapa do corpo e vagabundeia; os Groenlandeses, que a alma durante a noite vae caçar, dançar e fazer visitas; certos Indios da America do Norte, que a alma de alguem que está a sonhar deixa o corpo para ir em busca de objectos que lhe agradem. E outros povos se podiam ainda citar com crenças analogas [1]. Na propria Allemanha diz o vulgo que não deve ir-se com sêde para a cama, senão a alma vae beber e póde extraviar-se [2]. Tambem no mesmo país se acredita que quando se vira para o outro lado alguem que dorme, a alma, que anda fóra, não póde reentrar; e que se um menino dorme com a bôca aberta, póde por ella escapar-se-lhe a alma em fórma de ratinho branco [3]. Uma vez o rei germanico Gunthram estava a dormir, e a alma saiu-lhe da bôca em fórma de animal semelhante á serpente [4]. Talvez originariamente se acreditasse entre nós que o sono da criança era causado pela vinda do Papão, que lhe levava a alma, isto é, que a *papava,* porque *papão* é substantivo verbal derivado de *papar*. Com a mesma ideia se relacionará a do *homem do saco* com que se espantam os meninos: o *saco* seria para levar, não propriamente o menino, mas a alma, e elle dormir [5]. Assim o Papão

---

[1] Vid. Tylor, *Civilisation Primitive,* I, 508-512.

[2] Wuttke, *Der deutsche Volksaberglaube,* 3.ª ed., § 462; cfr., § 60.

[3] Wuttke, ob. cit., § 60. Cfr. Tylor, *Civilisation Primitive,* I, 512.

[4] Tylor, ob. cit., I, 512, que cita a Grimm, *Deutsche Mythologie,* p. 1:036 (corresponde na 4.ª ed. ao vol. II, p. 905, como verifiquei).

[5] O achar-se tambem na Africa o *homem do saco* (vid. supra) mostra que a nossa expressão não é mera metaphora, mas se funda em uma tradição

desempenharia a principio as funcções de entidade mythica do sono, ou por outra, seria o Sono personificado, causador do sono dos homens: cfr. a annotação ás canções 32–36, onde fallei de divindades somniferas. A favor d'esta explicação está o achar-se o Papão intimamente relacionado com o sono nas cantigas, e tambem várias circunstancias que adiante especifico.

Com o tempo, esta concepção primitiva esvair-se-hia, e o Papão passaria a desempenhar outros papeis, porque o povo nunca perde totalmente o seu patrimonio de crenças: transforma, adapta, accrescenta. As canções do berço não são modernas, como vimos da resenha bibliographica que fiz no capitulo II da introducção; devem pois conter restos de ideias que vigoraram noutros tempos, e que hoje são menos claras. Ora os povos de civilização inferior crêem-se cercados de espiritos, uns bemfazejos, outros malfazejos, e torna-se necessario a cada instante propiciar aquelles e espantar estes. As criancinhas, como seres debeis, e alem d'isso inexperientes, estão particularmente sujeitas á acção das entidades malevolas [1]: por isso as mães as cobrem de amuletos preservadores d'essa acção [2], e ha povos selvagens que tomam os nomes dos filhos para attrahirem para si a influencia dos maus espiritos que os poderiam prejudicar [3]. Quando assim é na vigilia, que fará no sono, irmão da morte? [4] É sabido como na substituição de umas religiões por outras, as divindades mudam de caracter [5]. O

---

antiga. O *saco* desempenha certo papel nas crenças populares. Na Allemanha suppõem-se que quando se evocam as almas dos mortos, estas podem ser encerradas em um saco e levadas para logares pantanosos, onde apparecem em forma de *fogos fatuos*: vid. Wuttke, *Der deutsche Volksaberglaube*, § 774. Cfr. tambem as minhas *Trad. Pop. de Portugal*, p. 302. A respeito do *saco* na mythologia vid. Gubernatis, *Mytholog. Zoologique*, II, 481.

[1] Por exemplo nos Romanos as *Lamiae* (vid. Horacio, *Ars. Poet.*, v. 340) e as *Striges* (vid. Plinio, *Nat. Hist.*, XI, cap. 39); nos contos populares francezes o *ogre* e a *ogresse;* entre nós as Bruxas, etc. Todos estes seres maleficos sugam o sangue das crianças ou as devoram.

[2] Vid. o que se disse, p. 53. Já os Romanos costumavam pendurar no berço das crianças figurinhas da deusa *Muta* e do deus *Mutinus* para lhes proteger o sono: vid. *Rev. Archéolog.*, IV, 230–232, onde vem um desenho. Sobre amuletos infantis em diversos povos vid. Dr. Ploss, *Das Kind*, I, 121, etc.

[3] Cfr. Salomon Reinach, in *L'Anthropologie*, XIII, 540.

[4] Já Homero disse na *Iliada*, XIV, 231: ὕπνος κασίγνητος θανάτοιο «sono, irmão da morte», e Vergilio na *Eneida*, XIV, 278: *consanguineus Leti sopor.*

[5] Por exemplo, na passagem do paganismo para o christianismo, os deuses foram muitas vezes tidos por demonios: cfr. A. Maury, *La Magie et l'Astrologie*, 4.ª ed., p. 186.

Papão entraria pois nessa categoria de entidades malevolas e perseguidoras das crianças quando dormem: as canções em que as mães o mandam embora constituirão vestigios de fórmulas mágicas e execratorias. Depois o povo, em vista de tal caracter, servir-se-hia do Papão para pôr medo aos meninos.

Não nos devemos admirar da multiplicidade de aspectos que o Papão toma, pois as superstições populares não formam um systema philosophico uniforme, mas um mixto de muitos systemas, provenientes de várias epocas e de vários povos, modificado constantemente por associação e dissociação de ideias.

Fosse porém qual fosse a significação originaria do Papão, o que é certo é que elle hoje, tanto na poesia, como nas superstições, exerce funcções malevolas, reforçadas pelo nome, que deriva, como vimos, de *papar*. E é neste estado que principalmente figura.

Nas *Trad. Pop. de Port.*, pp. 297–298, na *Rev. Lusitana*, I, 96, e nos *Ensaios Ethnogr.*, III, 58, citei outros nomes com que se espantam as crianças, e mais se podem ainda citar, por exemplo: A *Preta* (Lisboa)[1], a *Ronca* (Baião[2]), a *Sarronca* (Valpaços)[3], o *Papa-ronquilhos* (Alandroal)[4], o *Gadunha* (ibidem)[5],

---

[1] Cfr. o que digo do *Papão negro* a p. 74.

[2] Dizem as mães: «stá caladinho, senão vem ahi a *Ronca!*». A ronca é um instrumento feito de uma panela velha a cuja boca se prende uma pelle, por onde passa um cordel encerado; a panela é furada pelo fundo, e por ahi se introduz a mão que corre pelo cordel que está fixo pela outra mão. Produz-se um som rouco, que serve para espantar os ladrões nos meloaes, etc.

[3] J. DE CASTRO LOPO, na *Rev. Lusitana*, II, 258. Não se confunda com *farronca*, que significa em Valpaços «fanfarronada», «bravata». A palavra *Sarronca* não tem outra significação, senão a de medo infantil: «Fuja, menino, que vem ahi a *Sarronca!*». — Estas informações foram-me dadas pelo Sr. Lopo.

[4] *Ronquilhos* só se usa nesta expressão, e o povo não sabe o que significa.

[5] *Gadunha* em calão significa «mão»: vid. Beça, *A Giria Portuguesa*, Lisboa, 1901, p. 154. Cfr. *gadachim* «unha» em Ad. Coelho, *Os Ciganos*, Lisboa, 1892, p. 73. Nos diccionarios usuaes, *gadanho* (ling. famil.) «garra», evidente metaphora. O Caturra, no *Novo Dicc.* e Suppl., cita *gadavanho*, como do Fundão, no sentido de «unha», «mão», «gadanho». Provavelmente, *gadunha* provém de cruzamento de *gadanho* com *unha*. Se bem me recordo, ouvi na Beira a expressão *o Gadunhas*, mas não posso precisar em que sentido. — Comprehende-se que o *Gadunha* se adoptasse para intimidar as crianças, pela ideia de «unha», isto é, «unha grande», que arranhava e fazia sangue. Em algumas terras chamam ao Diabo o *Mafarrico das unhas grandes;* cfr. *Grippi*, nome do Diabo na Baixa Bretanha («qui attrape en griffant, — *gripper* en patois»: P. SÉBILLOT, *Trad. et Sup. de la Haute Bret.*, I, 178). — A expressão *o Gadunha* (*o*

o *Velho das unhas* [1] (ibidem), o *Velho do cobertor* (ibidem) [2], o *das calças vermelhas* (Redondo) [3], e o verbo *ataburrar* (Bragança) [4].

Quer em canções do berço, quer em cantos populares (e por isso com relação a crianças um pouco mais velhas que as de mama), quer soltamente, na falla ordinaria, encontram-se em muitos povos entidades semelhantes, com que se espantam os meninos.

Os Gregos tinham *Λάμια, Γοργώ, Ἐφιάλτης, Μορμολύκη*, como diz Estrabão [5]. Os Romanos tinham *Striga*, como póde ver-se em qualquer diccionario [6]. Num texto do sec. XIII, transcrito de Ducange por Diez, lê-se: *lamias, quas vulgo mascas aut in gallica lingua strias dicunt* [7]. Cfr. italiano *strega*, rumeno *strigă*, e o nosso *estria* que se lê num dos manuscritos de uma egloga de Sá de Miranda (sec. XVI) [8].

Gadunhas) é grammaticalmente semelhante a *um unhas (de fome)* «somitico», sovina».— Com o *Gadunha* compare-se *o Velho das unhas*.— Ainda como illustração do assunto, notarei que em Trás-os-Montes *gadunho* é o nome de certo mammifero bravo.— Ha em diversos povos muitas superstições a respeito das unhas: vid. *Mélusine*, II, III, V, VI, nos respectivos indices.

[1] Cfr. *Gadunha*.

[2] Com o *homem do cobertor* cfr. *Maria da manta*, de que fallo noutro logar d'este trabalho. Sem ser preciso citar os contos populares onde figuram mantas maravilhosas, basta lembrar as nossas expressões populares *manta do Dianho* e *pintar a manta*. Tanto a manta como o cobertor tem, pois, aqui significação diabolica. Mais uma vez se vê que, pelo estudo comparativo das superstições e da lingoagem, aquillo que o geral das pessoas terá por insignificante e sem sentido adquire importancia e se esclarece.

[3] Diz-se o seguinte:

> O das calças vermelhas,
> Que te agarra pelas gadelhas.

[4] Gonçalves Vianna, na *Rev. Lusitana*, I, 204.

[5] *Geographia*, I, II, 8.

[6] Cfr. *Striges*, pl. de *Strix*, cit. supra.

[7] *Etymolog. Wörterbuch*, I, 310 (4.ª ed.).

[8] Eis o texto:

> As que nos berços sangue novo aventão
> Vierão ter ao meu (chamão-lhe *estrias*,
> Que a tantas de crianças arrefentam).

Vid.: *Obras* de Sá de Miranda, ed. de D. Carolina Michaëlis, p. 478, nota (egloga chamada *Encantamento*).

Na Hespanha, a par de *Coco*, que citarei adiante, ha *el Duende, el Bu, La Mano negra, el Moro, los Judios* [1]. Na Italia, *il Bau, l'Orco, la Befana* [2]. Na Belgica, em uma *berceuse*, falla-se do *omme âx poûssîres* («l'homme aux poussières») [3]; em Liége corresponde ao nosso papão o *Knoche-sur-mer* [4]. Na Allemanha diz-se aos meninos que durmam, senão que vem o cão do pastor e morde-o, e tambem: *vae-te embora, cãozinho negro!* (como entre nós *Papão Negro*) [5]; frequentemente se invoca nas canções allemãs a *ovelha*, ou mesmo a *morte* e o *Bubu* [6], e tambem o antigo deus germanico *Wuotan* (= Wodan, Wóden, Odhinn, etc.) e *Frau Holle* [7]. Na Argelia as mães incitam os meninos a dormir, ameaçando-os com o *Beauprêtre*, nome de um coronel do exercito francês de Africa (cfr. entre nós o *policia*) [8]. Em Constantina as mães arabes põem medo aos filhos com o *ogre*, o *preto*, o *ho-*

---

[1] MARÍN, *Cant. Pop.*, I, 16.

[2] E. TEZA, in *La Cultura*, IV, 276.—A palavra *befana* vem de epiphania (pronunc. *epiphánia* «manifestação de Christo», e depois, de modo geral, «apparição», d'onde: «fantoccio che si portava in giro la vigilia dell' epifania»,—apud Körting, *Lat.-roman. Wörterbuch*, 2.ª ed., § 3257. A applicação d'este *fantoccio* á mythologia infantil é naturalissima.

[3] *Wallonia*, III, 111. Cfr. II, 186.

[4] *Rev. des Trad. Pop.*, XX, 96.

[5] Simrock, *Kinderbuch*, pp. 60-61.

[6] Vid. Simrock, *Kinderbuch*, pp. 60-74; E. H. Meyer, *Deutsche Volkskunde*, p. 118; *Zs. d. V. für Volkskunde*, V, 214.—Como em allemão *ovelha* se diz *Schaf*, e dormir se diz *schlafen*, concorrendo não raro estas duas palavras na mesma canção, supponho que *Schaf*, como tal, é mera palavra pedida pela rima *schlaf* «dorme»; a ovelha encarnou assim a entidade mythica primitiva. O Prof. K. Weinhold, na cit. *Zs. d. V. f. Volksk.*, V, 214-217, apresenta varios exemplos de palavras provocadas pelas rima em canções d'esta especie; poderá juntar-se-lhes mais este. Em todo o caso a Sr.ª Dr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a quem expus a minha hypothese, diz-me que, para a ovelha aterrar os meninos, é preciso que pelo menos ella seja preta, e citou-me mais esta canção que sabe de cór:

> Schlaf, Kindchen, schlaf!
> Da draussen stehn zwei Schaf(e),
> Ein schwarzes und ein weisses;
> Und wenn das Kind nicht artig ist,
> So kommt das schwarze und beisst es.

Isto é: «Dorme, menino, dorme! Estão lá fóra duas ovelhas, uma preta e outra branca; e se o menino não tem juizo, vem a preta e morde-lhe».

[7] E. H. MEYER, *Deutsche Volkskunde*, pp. 120 e 121.

[8] *Rev. des Trad. Pop.*, XI, 26.

mem do saco (como entre nós), etc. [1] Na Amazonia, se se invoca, segundo vimos a cima, o *murucututú* (mocho) para trazer sono ao menino, diz-se tambem: *murucututú, vem papar este menino!* [2] Na já muitas vezes citada obra do Dr. Ploss, *Das Kind in Brauch u. Sitte*, vem mencionados muitos factos analogos, que não posso aqui reproduzir por inteiro: *Lilith* nos antigos Hebreus, *Berselia* nos Coptos, *Aal* nos Persas, *Polednice* nos Bohemios, *Mab* nos Escoceses, etc., eram ou são entidades perigosas para as crianças [3].

Assim me parece que se justifica o que eu a cima disse do Papão.

Feitas estas considerações geraes, annotarei agora algumas cantigas em especial.

A repetição de *dorme* no fim do verso primeiro da cant. 82 tem caracter melodico, que provoca o menino a dormir. Os versos finaes apresentam uma apostrophe brusca, que dá grande belleza á poesia.

A cant. 83 já vimos que se relacionava com a 80, e na annotação respectiva disse eu que *madrinha* poderia ter sido primitivamente a Virgem Maria. Da ideia de *madrinha* passou o povo facilmente para a de *tia* e *avó* das cant. 84 e 85. A estructura grammatical d'estas tres quadras é analoga á das 47–61: nos dois primeiros versos, vocativo, seguido de oração causal; nos dois ultimos, narração começada pelo verbo *ir*.

Na cant. 86 o epitheto *novo*, dado ao Papão, é provocado por *velho*. A mesma antithese se nota nuns versos que se dizem ao arco-da-velha ou «arco-iris»: *Arco-da-nova | Arco-da-velha, | Não bebas ahi*, etc. [4]; e numa fórmula que se recita á lua-nova: *Lua-nova | Eu não te vi senão agora; | E quem te fez nova, que te faça velha |* etc. [5] A lingoagem popular offerece varios outros exemplos d'este phenomeno. Na cant. 86 o epitheto *Velho* é manifestamente o primitivo, por causa do caracter malefico do Papão, que fica d'essa maneira sobrecarregado da ideia de velhice, tida por pejorativa, porque tambem são velhas as Feiticeiras, é velho o Diabo [6], e assim por diante. Na mesma cantiga o *lobo*, por poder

---

1 *Rev. des Trad. Pop.*, XI, 26.

2 Santa Anna Nery, *Folk-Lore du Brésil*, p. 71.

3 Vol. I, pp. 111–116.

4 *Trad. Pop. de Port.*, p. 60.

5 *Trad. Pop. de Port.*, p. 20.

6 Na Baixa-Bretanha o Diabo é o *Vieux Guillaume*: Sébillot, *Trad. et Superst.*, I, 178.

devorar gente, está correlacionado de modo muito natural com o Papão.

Nas cant. 87-96 diz-se ao Papão, ou que fuja do telhado, ou que vá para lá. A ideia do telhado condiz perfeitamente com a de Papão, tido por espirito, que facilmente se introduz ou se escapa por entre as telhas, como o fumo:

> Delicado é o fumo,
> Que passa a telha dobrada...

diz uma cantiga. Tambem o *Pesadêlo*, outra entidade mythica, se alguem consegue agarrar-lhe a carapuça que traz na cabeça, se escapa para o telhado [1]. Pelos buracos do telhado entra a Bruxa quando vae chupar o sangue das crianças [2]. Todas estas ideias se coordenam entre si.

A cant. 97 é mera variante das antecedentes: substituiu-se ahi *telhado* por *cantinho*, mas não sem alguma razão tambem, pois a palavra *canto* tem significação depreciativa: *ponho-te a um canto!* isto é «sobrepujo-te», «venço-te»; *vae-te para um canto, Diabo!* (dizem em algumas terras). Talvez com isto se ligue o vulgar proverbio: *A cada canto — seu espirito-santo.* [3] — O deminutivo *cantinho* usa-se em um jogo chamado «jogo dos cantinhos» (Beira).

Nas cant. 98-99 diz-se que o Papão sáia do loureiro, ou vá para lá. Não pareça singular esta ideia do Papão, espirito correlacionado com o sono, estar pousado em uma arvore. Na *Iliada* lê-se que o Sono, semelhante a uma ave cantora, que os homens chamam κύμινδις e os deuses χαλκίς, pousou no monte Ida, nos ramos de um abeto [4]. Jacob Grimm, que cita este passo, accrescenta que o sol adormece como uma ave que pousa num alamo [5].

---

1 *Trad. Pop. de Port.*, p. 290.

2 *Trad. Pop. de Port.*, p. 309.

3 Divirjo assim da explicação que dá Th. Braga, *O Povo Portuguès*, II, 286. Este suppõe que o proverbio provém de nos Açores haver muitas irmandades do Espirito-Santo. Mas o proverbio é tambem usado no continente, e tem pois caracter geral.

4 Cant. XIV, vv. 286-291.

5 *Deutsche Mythologie*, III, 270.

No vestibulo do Inferno havia uma arvore, não do sono, mas dos sonhos, segundo refere Vergilio:

> In medio ramos annosaque brachia pandit
> Ulmus opaca, ingens, quam sedem Somnia vulgo
> Vana tenere ferunt foliisque sub omnibus haerent [1].

A cant. 100 é muito interessante, porque com ella se desarma o Papão, dizendo-se-lhe que elle já não põe medo á criança.

Na cant. 101, *feio* é outro epitheto pejorativo, como *velho*. É natural que as entidades sobrenaturaes que fazem mal sejam concebidas como horrendas: Medusa e Gorgo, na mythologia grega; o Diabo, na christã. Na litteratura latina chama-se *foedus* a Tityo; o rio Galeso, personificado, recebe o epitheto de *foedatus* [2]. Entre nós diz-se tambem: *O Diabo não é tão feio como o pintam;* e ha estas cantigas:

> Tira-te d'essa janella,
> Que deita para o telhado:
> Se julgas ser boa moça,
> És *mais feia que o Diabo.*

> Os cravos do meu craveiro
> 'Stão voltados ao telhado:
> Tens fama de ser bom moço,
> E és *feio como o Diabo* [3].

Na cant. 102, *negro* é epitheto parallelo a *feio,* de que acabo de fallar. Este epitheto dá-se igualmente ao Diabo. Escusado será memorar a importancia da côr *negra* ou *preta* nas superstições: *gallo preto* [4], *gato preto* [5], *porco preto* [6], etc.; já a cima citei tambem o *schwarzes Schaf* ou «ovelha preta» da Allemanha. Por isso a applicação de *negro* ao Papão é naturalissima. Tambem na litteratura latina se encontra *niger* como epitheto de várias entidades mythicas pouco sympathicas: Charonte, Cerbero, etc. [7]

---

[1] *Eneida,* VI, 282–284.

[2] Carter, *Epitheta deorum,* Leipzig 1902, s. vv.

[3] Pires, *Cant. Pop.,* I, n.os 836 e 837.

[4] *Ensaios Ethnographicos,* II, 65.

[5] No Sul julga-se que quando ha um gato em casa, sobretudo preto, o mal que ha de ir para as pessoas vae para elle. Supponho que é por isso, que em geral o povo estima os gatos em Lisboa, e até ha asylos para elles. É um dos casos em que a superstição dá bom resultado! Tambem creio que se origina na mesma superstição o costume meridional de ter em casa, a titulo de ornato, pendurada da parede, a figura de um gato feita de panno preto, cujos olhos são botões de camisa (tenho um exemplar no Museu Ethnologico).

[6] Montaria do *porco preto* em Braga.

[7] Carter, *Epitheta deorum,* Leipzig 1902, s. vv.

Na cant. 103 temos a Côca em vez do Papão, com a mesma intervenção do telhado. Já nas *Trad. Pop. de Portugal*, p. 297, me referi á Côca, personalidade mythica com que se amedrontam os meninos, mesmo independentemente de cantigas, e ahi citei textos do sec. XVI, de Gil Vicente e João de Barros, a respeito do Côco, palavra que representa o masculino de Côca. Outros textos dos sec. XVI–XVII vem no *Dicc.* da Academia, s. v. «acalentar». Tambem o medico judeo-português Amato Lusitano (sec. XVI), referindo-se ao côco indico, diz que este fruto, «como apresenta á superficie depressões que lhe dão o aspecto de uma cabeça de macaco, recebêra o nome de côco com que as mulheres costumavam metter medo ás crianças» [1]. Vê-se d'esta noticia, a qual concorda com a de João de Barros, que no sec. XVI não existia o Côco só na imaginação, como hoje a Côca, mas tinha representação figurada, especie de mascara. Este Côco era decerto analogo ao μορμολύκειον, mascara grega com que se espantavam as crianças [2]. No *Dict. des Antiq. Roman. et Grecques,* de Rich, extraio para aqui (fig. 5.ª) a gravura de uma *larva* ou mascara que ahi é explicada como espantalho de crianças [3]. — Em hespanhol é tam-

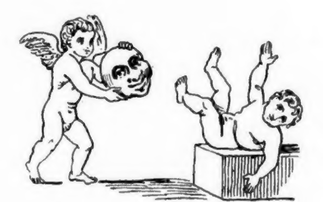


Fig. 5.ª — *Larva* romana

bem conhecido *el Coco,* que vem buscar os meninos *que duermen poco* [4]. Aumentativo da fórma hispano-portuguesa *Coco,* é o gallego *Cocón,* que se encontra em uma canção que constitue variante da hespanhola agora citada [5]. —Apenas como illustração do assunto,

[1] MAXIMIANO LEMOS, *Amato Lusitano,* Porto 1907, p. 58.

[2] Com estas palavras se relaciona a entidade Μορμολύκη, mencionada a cima.

[3] A *larva* era tambem mascara de theatro. Não sei a razão porque é que no *Dict. des Antiquités,* de Daremberg & Saglio, s. v. «larva», não se falla do espantalho infantil. Não considerou o autor do artigo esta figura de Rich como tal?

[4] MARÍN, *Cant. Pop.,* I, 8 e 15; OLMEDA, *Folk-Lore,* p. 40.

[5] BALLESTEROS, *Canc. Pop. Gallego,* III, 93.

e não porque se correlacione com os medos infantis, lembrarei a «*Cóca* ou *Santa-Cóca,* imagem esculptural de um monstro phantastico que se exhibe na festividade de *Corpus-Christi* em Monção» [1]; esta Cóca monçanense é irmã gemea da Cóca gallega, «figura de sierpe que solia ir delante de la procesion del Corpus» [2], e pelo menos parenta da *Tarasque* «sorte de mannequin représentant un animal monstrueux, que l'on promenait, à la Pentecôte et le jour de la fête de sainte Marthe, dans quelques villes du midi de la France, et particulièrement à Tarascon» [3]. — A origem immediata da Santa-Coca é provavelmente a figura do dragão derrubado por S. Jorge, — representação muito frequente na iconographia christã, e por isso exposta aos olhos do povo; a origem remota está em antigas concepções mythologicas de monstros vencidos por heroes.

Na cant. 104, o Papão é substituido pelo Medo, o que se comprehende, pelo caracter geral d'este [4]. — Menos clara é a substituição por *Môça* na cant. 105, porque, como me diz o Sr. Joaquim de Castro Lopo, a quem devo a remessa da cantiga, não se costuma em Valpaços, onde ella se canta, amedrontar os meninos com tal nome.

Cant. 106–112. Em vez de se invocar o Papão, a Côca, o Medo, ou a Môça, invoca-se aqui uma ave em geral, concepção muito natural, visto que ao espantalho dos meninos se attribuiu natureza espiritual. Já na annotação ás cant. 98–99 citei exemplos de povos que assimilavam a uma ave o Sono. Tambem J. Grimm diz do Heidmall (divindade dos Germanos do Norte) que elle tem necessidade de menos sono que uma ave [5], — o que parece manter alguma relação com isto. É sabido que alguns povos concebem

---

[1] ANTONIO-JOSÉ DE PINHO JUNIOR, *Provincianismos usados em Monção,* s. v. «Coca». — Cfr. tambem Th. Braga, *O Povo Portuguès,* II, 295. — A este proposito usa-se em Monção o seguinte dictado gracioso:

> Por causa da *Santa Cóca* rabicha
> Perdi o demo da missa!

(em vez de *rabicha* dizem alguns *bendita*).

[2] VALLADARES Y NUÑEZ, *Dicc. Gall.-Cast.,* s. v.

[3] *Petit Larousse illustré,* s. v. — A *Tarasque* já figura em bilhetes postaes! (comprei um ao passar uma vez na estação de Tarascon).

[4] Cfr. AD. COELHO, *Rev. de Ethologia,* p. 162; e as minhas *Trad. Pop. de Portugal,* p. 295.

[5] *Deutsche Mythologie,* t. I, 4.ª ed., p. 275.

a alma em fórma de ave [1]. — Nas nossas cantigas do berço, porém, o povo já não liga á ave, creio eu, nenhuma ideia mythica ou supersticiosa; o que se deseja é que a avezinha, com a sua voz, não desperte a criança que dorme. — O *loureiro* é a arvore predilecta de certas aves cantoras; por isso a sua menção tem todo o cabimento nas cantigas. — Estas são ás vezes cantadas como cantigas de amor; e em tal caso a palavra *menina*, que se lê em algumas, refere-se á namorada. Assim a cant. 107 foi ditada por uma mulher que me disse que, posto que tivesse *meninos*, costumava, quando a cantava, empregar a palavra *menina;* effeito do hábito de a cantar como canção amorosa.

Na cant. 113 a ave foi especializada em pombo. Pombos e pombas figuram frequentemente na poesia popular. A canção começa por nominativo, em vez de começar por vocativo, pois termina com apóstrophe (verbo no imperativo). A doce palavra *Zézinho* é uma das fórmas hypocoristicas, e a mais usual, de *José* (tambem se diz *Zeca*). Nesta canção o povo, em vez de *Zèzinho*, póde, como é natural, dizer outro nome, ou simplesmente *menino* ou *menina;* mas deu-se a circunstancia de eu ouvir a canção assim mesma, circunstancia que muito apreciei, por coincidir com o ser o presente trabalho expressamente destinado a commemorar o nascimento de uma criancinha chamada José. — Tambem numa canção do berço allemã, ou *Wiegenlied,* figura um nome proprio: *mein kleines Hänschen* «o meu Joãozinho» [2], e este póde ser substituido por outro, ou por palavras correspondentes a «menino», por exemplo *Mädchen* e *Bübchen*.

Nas cant. 114 a 116 dá-se especialização analoga á que vimos ter-se dado na cant. 111, pois figura ahi o rouxinol, uma das aves cantoras mais apreciadas da musa popular. Perdida a noção primordial de «espirito», ou «espirito-ave», que, ao que parece, serviu de base á concepção do Papão, o povo invocou indifferentemente várias aves, ou a ave em geral; a arvore escolhida póde

---

[1] Vid. *Religiões da Lusitania,* I, 223, nota 1. — Acêrca da concepção da alma como animal (insecto, reptil, etc.), cfr.: Maury, *Croyances et Légendes,* index, s. v. «âme»; Wuttke, *Deutsche Volksaberg.,* 2.ª ed., § 60; Grimm, *Deutsche Mytholog.,* 4.ª ed., p. 690 sgs. e 905; Gubernatis, *Mythologie Zoologique,* II, 224, 228, etc.; Ad. Coelho, *De algumas trad. pop.* (separ. da *Rev. Hispan.,* t. VII), pp. 24 e 60; Tylor, *Civilisation Primitive,* t. I, p. 512.

[2] Simrock, *Kinderbuch,* n.º 217.

ser uma ou outra, já pela importancia que ella tem nas crenças populares, por exemplo o loureiro, a que se attribuem varias virtudes, já pela influencia do metro, como na cant. 116 o *amieiro,* palavra de quatro syllabas. O povo nestas transformações do patrimonio intellectual primitivo procede ás vezes por associação de ideias, como já lembrei: umas cousas pois provocam outras.

Da cant. 117 desappareceu a ave, ficou só a arvore em que ella se sustém: e o povo, assim como nas cantigas antecedentes pensava só no som produzido pela larynge da ave, aqui tem em mente o ruido que o loureiro causa ao bater no telhado, e com o qual o menino póde acordar do seu sono angelico. Cfr. o que da *arvore dos sonhos* se disse na annotação ás cant. 98–99.

118-119. A cant. 118 tem alguns versos hypérmetros, cfr. cant. 145 (com versos falhos). Todavia ha uma canção hespanhola que faz lembrar esta:

Al verte triste y malito
Se me parte el carazon [1].

A cant. 119 deve ter sido na origem cantada (e comprehende-se com que tristeza!) para adormentar um menino doente. Tambem na Hespanha [2] e Italia [3] ha cantigas ao mesmo assunto. Comtudo a nossa hoje é cantada em qualquer circunstancia, sem que se lhe ligue a ideia de doença; foi a informação que me deu quem m'a recitou. — O *rou-rou,* não sabe o povo o que é; mas temos aqui certamente outra personificação do sono, pois que esta neuma serve para infundir sono aos meninos, como vimos na annotação ás cant. 12–13. Tambem numa canção hespanhola *ron-ron* é em certa maneira substantivado: *Echate niño al rón rón* [4]. Em Moncorvo ouvi uma cantiga com *rô-rô,* igualmente substantivado:

O ro-rô foi ao Papão
Por cima do meu telhado:
Deixou o menino a dormir
E o [5] soninho descansado...

[1] Marín, *Cant. Pop.,* I, 6, n.º 21.
[2] Marín, *Cant. Pop.,* I, 6, n.º 21: *Al verte triste y malito* ..
[3] Corazzini, *Componimenti,* pp. 27 e 34.
[4] Olmeda, *Folk-Lore de Burgos,* p. 40.
[5] Sic! mas talvez seja «um» em vez de *e o.*

cujo 1.º verso me não souberam explicar; mas em vista do que digo a cima póde entender-se assim: o rô-rô, i. é, o Sono, foi em busca do Papão, ou atrás do Papão. A neuma *rou-rou* da cant. 119 usa-se tambem em Fozcoa neste ditado: *Rou rou! faça-se o que el-rei mandou;* e em Moncorvo jogam os rapazes um jogo chamado *do rou-rou.* — A palavra *ijarope* significa «xarope» (o *i-* encontra-se tambem no provençal *issarop, yssarop* [1]); é provavel que ella para Fozcoa, onde se usa, fosse da vizinha Hespanha, e reflicta a antiga pronúncia do *j* castelhano em *jarope.* No resto do nosso país diz-se *xarope* ou *enxarope;* nesta ultima palavra a nasal é comparavel á de *Enxarrama,* nome que no concelho de Alcacer-do-Sal dão ao rio Xarrama.

120-135. Do mesmo modo que entre nós, tambem na Hespanha as *coplas de cuna* são umas em redondilha maior, outras em redondilha menor: vid. MARÍN, *Cant. Pop.,* p. 3 sgs., e OLMEDA, *Folk-Lore de Burgos,* pp. 38-39.

Na cant. 120 figura a Môça, como na cant. 105.

As cant. 121 a 124 são variantes de outras já analysadas, onde igualmente entra Santa Anna, os Anjos, etc.

Na cant. 125 repete-se *dormi* como na cant. 59 sgs.

A cant. 126 é muito interessante, porque o Papão é nella substituido por um quadrupede, neste caso a raposa (no plural), que é comparavel ao lobo da cant. 86, e ao cão e á ovelha das canções allemãs, como se disse supra.

As cant. 129, com o Papão, é variante de uma fórmula magica que se recita em varias partes contra o Arco-da-Velha:

Arco-da-Velha,
Sae-te d'ahi,
Meninas bonitas
Não são para ti!

onde *meninas bonitas* talvez seja o ultimo eco de um antigo sacrificio [2]; o povo vae assim adaptando a uns assuntos as fórmas metricas de outras, e conservando sempre uns restos do passado.

---

[1] Cit. por DOZY & ENGELMANN, *Glossaire des mots esp. et port. dérivés de l'arabe,* Leiden 1869, p. 218.

[2] Effectivamente muitos povos divinizam o arco-iris, personificando-o, e fazem-lhe offerendas (Gregos antigos, Peruvianos antigos, Polynesios, Birmanos, etc.): vid. *Mélusine,* II 110, III 128, X 198; TYLOR, *Civilis. Primit.,* I, 336; *Revue de l'hist. des religions,* XXIII, 58 sgs.

Com as cant. 128–131 cfr. a cant. 74 sgs., e estes versos do Alemtejo:

Indo eu por aqui a baixo,
Encontrei Nossa Senhora
Lavando os seus trapinhos
Para o seu rico filhinho:
Nossa Senhora lavava,
S. José estendia,
E o menino chorava
Pelo frio que fazia... [1]

e estes italianos, já citados por Th. Braga n-*O Povo Portuguès*, II, 401:

María lavava,
Giusèppe stenneva,
Ér su' fíjo piagneva [2],

todos os quaes assentam certamente em uma base commum, que deve ser de origem ecclesiastica.

Na cant. 133, temos outra vez o *ró-ró*, já estudado. Esta cantiga é muito semelhante a uma de Burgos:

Duermete, mi hijito,	Duermete tu, gloria
Duermete, mi sol:	De mi corazón [3];

esta semelhança é porém meramente psychologica (devida á analogia das situações, do metro e da lingoa) e não historica.

Cantigas 134–135. Ser avó é, como se diz, ser mãe duas vezes. Que admira, portanto, que ao pé do menino surja de vez em quando a *grand'mère* ou *Grossmutter*, em substituição da mãe propriamente dita? A mesma veneranda pessoa nos apparece noutros logares, por exemplo nos n.os 13 (aqui, porém, como avó de quem canta), 144 (imitação da anterior), e 67 (ahi identificada com Santa Anna, mãe da Virgem Maria).

---

[1] Pires, *Cant. Pop.*, I, n.º 161.
[2] *Rivista di Letterat. Pop.*, p. 175.
[3] Olmeda, *Folk-Lore*, p. 39.

136 (*musicas*). Creio que é agora a primeira vez que se publicam musicas genuinamente populares de canções do berço. Falta-me competencia para as annotar. Talvez que do estudo d'ellas, e da sua comparação com musicas congeneres de outros paises, possam colher-se resultados analogos aos que se colhem a respeito das cantigas.

137-140. Estes versos do Archipelago da Madeira foram um tanto modificados na fórma pelo collector; vid. o que eu disse nos *Ensaios Ethnographicos,* II, 314, nota. Os assuntos são os tratados noutras canções já antecedentemente estudadas.

Nos n.os 138-139 os versos do Papão relacionam-se com os que do mesmo se cantam no continente; escuso de repetir aqui o que disse a cima. A quadra final deve ter sido originariamente cantiga de amores, como se vê d'estas que lhe são parallelas em parte:

Fui-me sentar a dormir
Ao pé da auga que corre;
A auga me respondeu:
—Quem tem amores não dorme! [1]

Dêtê-me a dormir um sono
Ao pé da agoa que corre;
Acordei e ouvi dizer:
De mal d'amor's ninguem dorme [2].

140. Vid. o que se disse na annotação da cant. 78, onde tambem se falla de objectos dados de presente ao menino.

141-142. O n.º 141 contém alguns elementos já estudados a cima. O conjunto d'estes versos é um amphiguri; ha muitos na tradição popular analogos a elle.

O n.º 142 constitue tambem outro amphiguri. Conheço uns versos que começam tambem: *Pintasilgo derrabado,* | *Quem te derrabou?* mas não os posso aqui reproduzir, porque os não tenho á mão.

143. Correlaciona-se com os versos da *Maria-da-Manta,* outra entidade mythica a que me referi na *Trad. Pop. de Port.*, p. 298. A Maria-da-Manta é concebida como um monstro cornigero, com lume nos olhos; evidente transformação de uma antiga divindade.

---

[1] *Trad. Pop. de Port.*, p. 84. Outras versões tem *Fui-me deitar a dormir* no 1.º verso.

[2] PIRES, *Cant. Pop.*, I, n.º 1:527.

144-150. Com a cant. 144 cfr. o que se disse na annotação ás cant. 12-13. As neumas dos dois primeiros versos são frequentes nas cantigas populares.

Com a cant. 145 cfr. o n.º 56 sgs.

Com a cant. 146 cfr. o n.º 3 sgs.

Com a cant. 147 cfr. 56 sgs., quanto ao v. 1. O entrar nesta cantiga a ideia de *mamar* é facto raro. Comtudo citei na introducção os versos do romance de D. Silvana, onde a mãe canta ao menino para elle mamar. *Sturiana* está por *Esturiana* = *Asturiana*. Ha outra composição poetica da Terra de Miranda em que apparece um typo popular com o nome de *Sturiano* [1]. A fórma *Esturiano* é do hespanhol antigo: *esa gente esturiana,* em um romance de *Bernardo del Carpio* [2].

A cant. 148 é variante da cant. 140, da Madeira.

A cant. 149 canta-se em Fozcoa, nesta fórma, como estribilho em meio de outras cantigas de amor de redondilha maior (não é canção do berço):

Vamos a deitar,
Vamos a dormir:
Tu levarás a manta,
Eu levarei o candil.

Nella se descreve a ida da familia para o leito, quando um leva na mão a luz que serviu para a ceia, e o outro a manta que trazia coberta, porque esta tem de servir de colcha. Na Beira-Baixa e no Alemtejo *candil* significa uma antiga candeia de ferro ou de lata que se espetava na parede ou se pendurava (no Museu Ethnologico tenho exemplares). O Sr. Gonçalves Vianna dá *candil* como termo trasmontano no sentido de «candieiro» [3]. *Candil* em hespanhol é tambem instrumento de illuminação.

Á cant. 150 corresponde esta de Burgos:

Echate, niño, al ron rón
Que tu padre está al carbón,
Y tu madre á la manteca,
No te puede dar la teta [4].

151. Attenta a vizinhança do concelho de Bragança com a Hespanha, comprehende-se que versos d'este país se cantem no nosso.

---

[1] Vid. os meus *Estudos de Philologia Mirandesa,* II, 280.
[2] MENÉNDEZ PELAYO, *Antologia de Poetas Castellanos,* VIII, 21.
[3] *Rev. Lusitana,* I, 206.
[4] *Folk-Lore de Burgos,* p. 40.

152-155 *d*. Estes versos mostram a analogia que as mães estabeleceram entre o seu filho e Jesus, na qual mais de uma vez insisti a cima. Na cantiga 155 *d* ha mais uma allusão a *mamar*; cfr. a annotação á cant. 147.

156-159. Tambem noutros paises ha canções que, embora se cantem ao menino, não são originariamente destinadas a isso: por exemplo na Sardenha [1] e na Hespanha [2].

160. Temos aqui, a par de *nanar*, na fórma *nana*, o verbo *ninar*, na fórma *nina*. No texto de Antonio Prestes, citado no capitulo II da introducção, vimos tambem *nina nana*, o que é muito semelhante ao italiano *ninna-nanna*. Na *Feira dos Annexins*, de D. Francisco Manoel de Mello (sec. XVII), p. 100 diz-se: «Estou *ninando* com esses ameaços, não deixarei de dormir o meu somno descançado».

161-161 *a*. Chamam-se propriamente *cadilhos* os fios que ficam no resto das teias, e que podem servir de barbantes; tal palavra tem pois aqui a significação metaphorica de «embaraços». — Estes proverbios são tirados da vida das tecedeiras, que tanta importancia tinha outr'ora: assim como hoje rara é a casa em que não ha uma máquina de costura, assim d'antes rara era a que não possuia seu tear, o que hoje ainda acontece em algumas aldeias do Norte.

162. Variante das cant. 3-11, já annotadas.

163-164. Variante das cant. 24-28, já annotadas. O uso dos deminutivos é para dar meiguice á lingoagem, por se estar fallando com crianças.

165. Variante da cant. 165, já annotada. A differença é apenas dialectal: num caso *embalar*, noutro caso *embanar*; num *nanja* (= nã + já), noutro *e não*.

166. Correlaciona-se com a antecedente. Os dois versos finaes são variante dos da cant. 100. Como já notei, o povo applica frequentemente a mesma fórma a varios assuntos.

---

[1] VIVANET, apud CORAZZINI, *Componimenti*, p. 19 sgs.

[2] OLMEDA, *Folk-Lore de Burgos*, 39. — Cfr. o que eu disse na introducção, quando fallei da bibliographia da Catalunha.

167. Variante da cant. 32, mas mais perfeita quanto ao ultimo verso, que na cant. 32 apresenta hiato.

168-169. A cant. 168 é variante das cant. 39-45. A mulher que m'a recitou disse a principio que não ligava ideia á cantiga; instada, respondeu que se dava o menino aos Anjos «por ser bem empregado». Na cant. 169 a mãe desnaturada deseja que o menino lhe morra! Esta ideia, porém, supponho, que não é a primitiva, em vista das considerações que apresentei na annotação ás cant. 39-46. Apparece agora aqui novo personagem: Santo Antonio, tão querido do povo.

170. Variante das cant. 59-61, 47 sgs., etc. Em vez de *fontinha, reguinho,* etc., temos aqui *ribeira*. A neuma *ó-ó* apparece nas cant. 122 e 134; já na introducção se disse que *fazer ó-ó* é synonimo de «dormir» em lingoagem infantil.

171. Creio que ha uma cantiga de amores semelhante a esta na fórma, mas não a posso aqui reproduzir. Nesta cantiga se vê mais uma vez a assimilação que as mães fazem do seu menino com Jesus.

172. Aqui *Lapa* é a *Lapa de Belem* ou a *Lapinha,* onde, segundo a crença, nasceu Jesus. Parece que o povo chamou *lapa* ao coração, por metaphora, se *da Lapa* não se liga grammaticalmente com o verso anterior, isto é *Menino-Jesus da Lapa.* — Tambem em cantigas profanas se pede da merenda, como nestas de Fozcoa, em dialogo:

— *Dá-me da tua merenda*
Um bocadinho de pão :
Eu vou para o Limoeiro,
Eu te trarei um limão.

— Traz'-me de lá um limão
Do limoeiro azedo,
Para tirar o fastio
A quem m'o causou tão cedo [1].

Nellas faz o povo trocadilho de *Limoeiro,* a prisão de Lisboa, com *limoeiro,* arvore. — A musa popular fluctua assim entre as mais variadas ideias: de uma cantiga de amores aproveita um verso para uma cantiga religiosa; e esta, desvia-a do seu sentido original para a applicar ao berço.

---

[1] Ou: *A quem me casou tão cedo.*

173. A mesma correlação entre o profano e o divino, que observámos na annotação anterior, a tornámos a observar aqui, pois que no Alandroal tambem se canta uma cantiga amorosa cujos dois versos iniciaes são iguaes aos d'esta:

De Lisboa me mandaram
Quatro peras num raminho:
Como eram frutas novas,
Comeram-nas no caminho!

174. Nesta cantiga ha allusão a *S. José*, transformado porém em *José*. — Quanto á fórma, cfr. as duas seguintes:

— Ó minha pombinha branca,
Que é da fita do chapeu?
— Tenho-a na minha gaveta,
Ó meu seraphim do céu [1].

Ó meu amor, quem te deu,
A fita para o chapeu,
Que t'a queria eu dar
Azulzinha, côr di o ceu? [2].

175. Cfr. as cant. 57 e 128–131, já annotadas.

176. Cfr. as cant. 92–96, já annotadas. A ideia nova que a cant. 176 apresenta, é dizer-se ao Papão que se esconda.

177-178. A *Farronca* é outra entidade phantastica com que se espantam os meninos [3]. Estas duas cantigas manifestam dois aspectos de tal entidade: cfr., quanto ao Papão, a cant. 82.

179. Estes versos constituem propriamente duas quadras: uma, igual á que tem o n.º 106; outra, provocada por ella.

180. Variante da cant. 87–90. O povo, como vimos, identificou o Papão com a ave; e o que diz d'aquelle póde pois dizê-lo d'esta, e ás avessas.

Do estudo que acabo de fazer conclue-se que nas nossas canções do berço existem elementos communs ás canções de outros povos. D'estes elementos, uns são muito geraes, por exemplo as

---

[1] Pirés, *Cant. Pop.*, II, n.º 4:523.
[2] De Fozcoa.
[3] Vid. *Trad. Pop. de Portugal*, p. 297.

fórmulas do começo (cant. 47 sgs.), e por isso dependem, não de circunstancias historicas, mas de condições psychologicas, isto é, da uniformidade primordial do espirito humano; outros devem ter uma e mesma origem, por exemplo aquelles que reflectem as crenças christãs. A semelhança entre algumas canções portuguesas e hespanholas explica-se por transmissão directa. Outras semelhanças, quer entre estas, quer entre as nossas canções e as de varios paises da Europa extra-peninsulares, dependerão de relações ethnicas antigas.

Não é possivel determinar se da primitiva poesia dos Lusitanos, que deviam possuir canções do berço, ficaram vestigios. Da poesia dos Romanos é provavel que haja reflexos, pois que o especialissimo vocabulario relacionado com a vida das crianças apresenta ainda *ama, bum-bum, pápa,* que vem de palavras da lingoagem infantil romana; alem d'isso a nossa lingoa é a latina, e tendo-se conservado a fórma ou molde dos pensamentos, natural é que estes não se perdessem de todo. Talvez o Côco, com que se espantavam os meninos no sec. XVI, fosse modelado na larva. A par de seres beneficos, devidos á acção do Christianismo, — os Anjos, a Virgem e os Santos, — temos o espirito sinistro do Papão, com as suas variantes, e a Maria-da-Manta: e ninguem, lendo as respectivas cantigas, deixará de voltar os olhos para as velhas mythologias, e ahi buscar em parte os protótypos de taes entidades.

Acceitem-se, porém, ou não, todas as deducções que tirei no decurso do meu trabalho, fica entretanto plenamente provada a antiguidade das nossas canções do berço, e a importancia que ellas tem para o conhecimento e apreciação da vida do povo português, que ahi deixa entrever caracteres moraes, aptidões artisticas, processos psychologicos, lingoagem, usos, crenças e sentimentos. Se nas canções ha elementos que, segundo mostrei, vieram de longe, ha muitos outros que lhes pertencem como proprios; e em todo o caso a fórma poetica é genuinamente nacional.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

Canção maternal (Do Minho)

Andante

Voz

p

Dor-me dor-me meu me—ni—no,

Piano

p.

que tu-a mãe lo-go vem——.

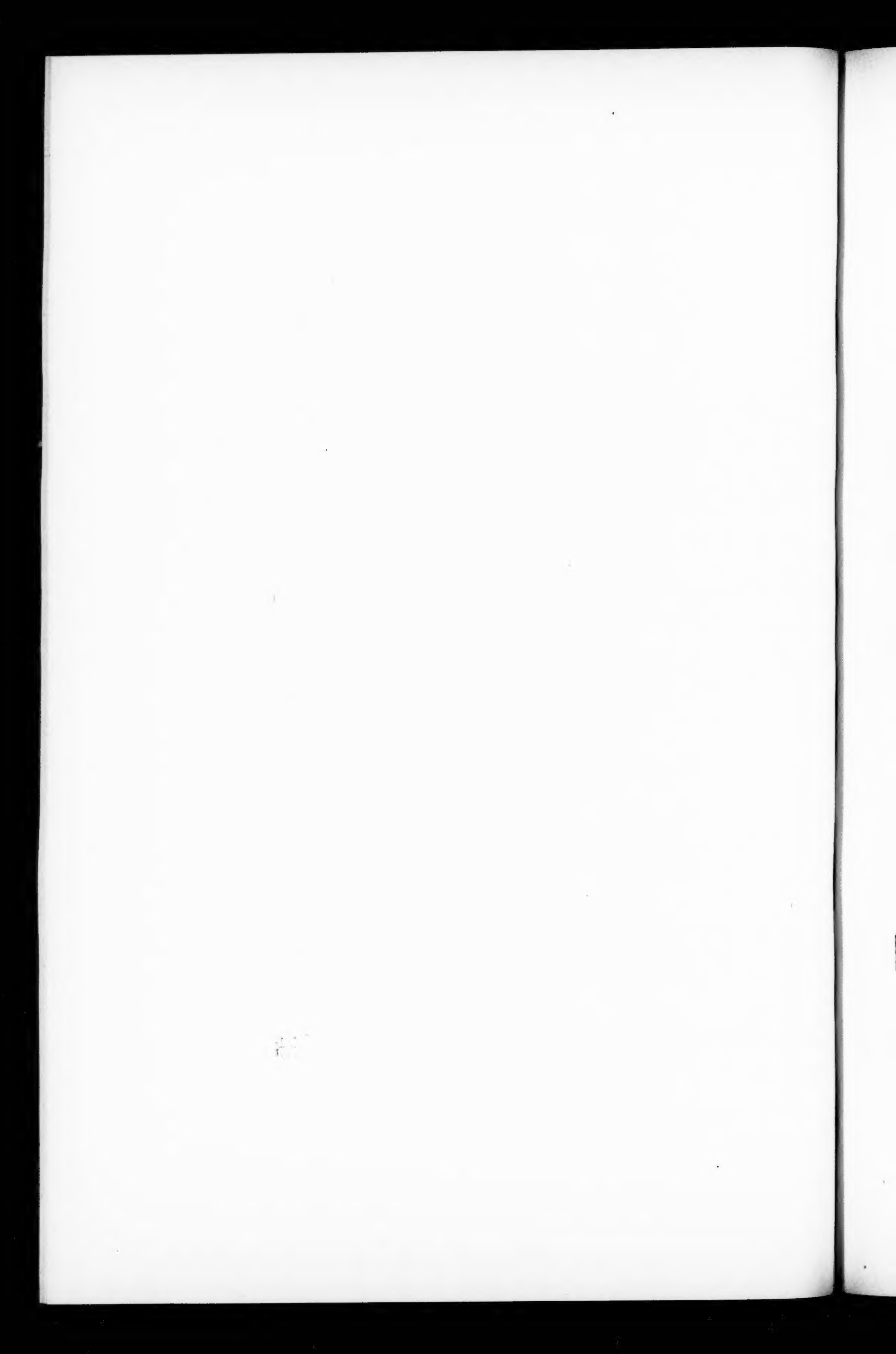
Foi la-var os teus pa-

ni——nhos

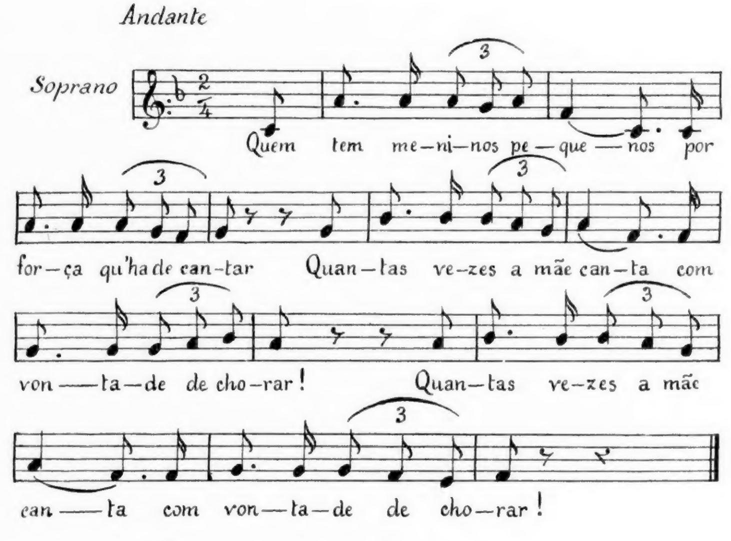
ao ri-i-nho de Be—lem.

Canção do berço (De Bragança)

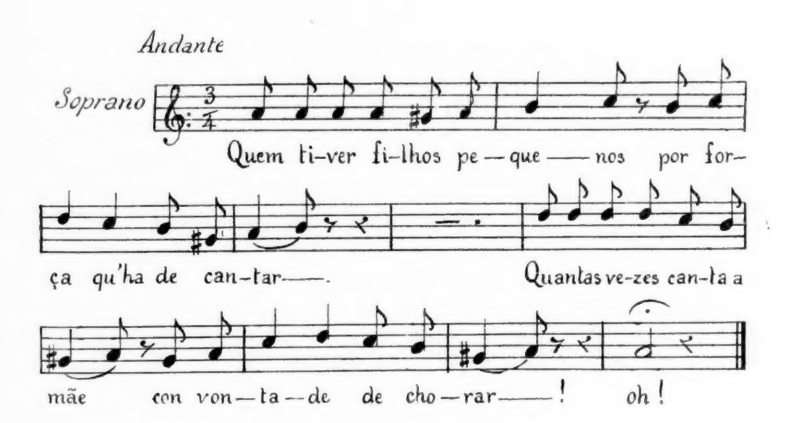




Canção do berço (Trás-os-Montes)



Canção do berço (De Elvas)



no

-c

ni-

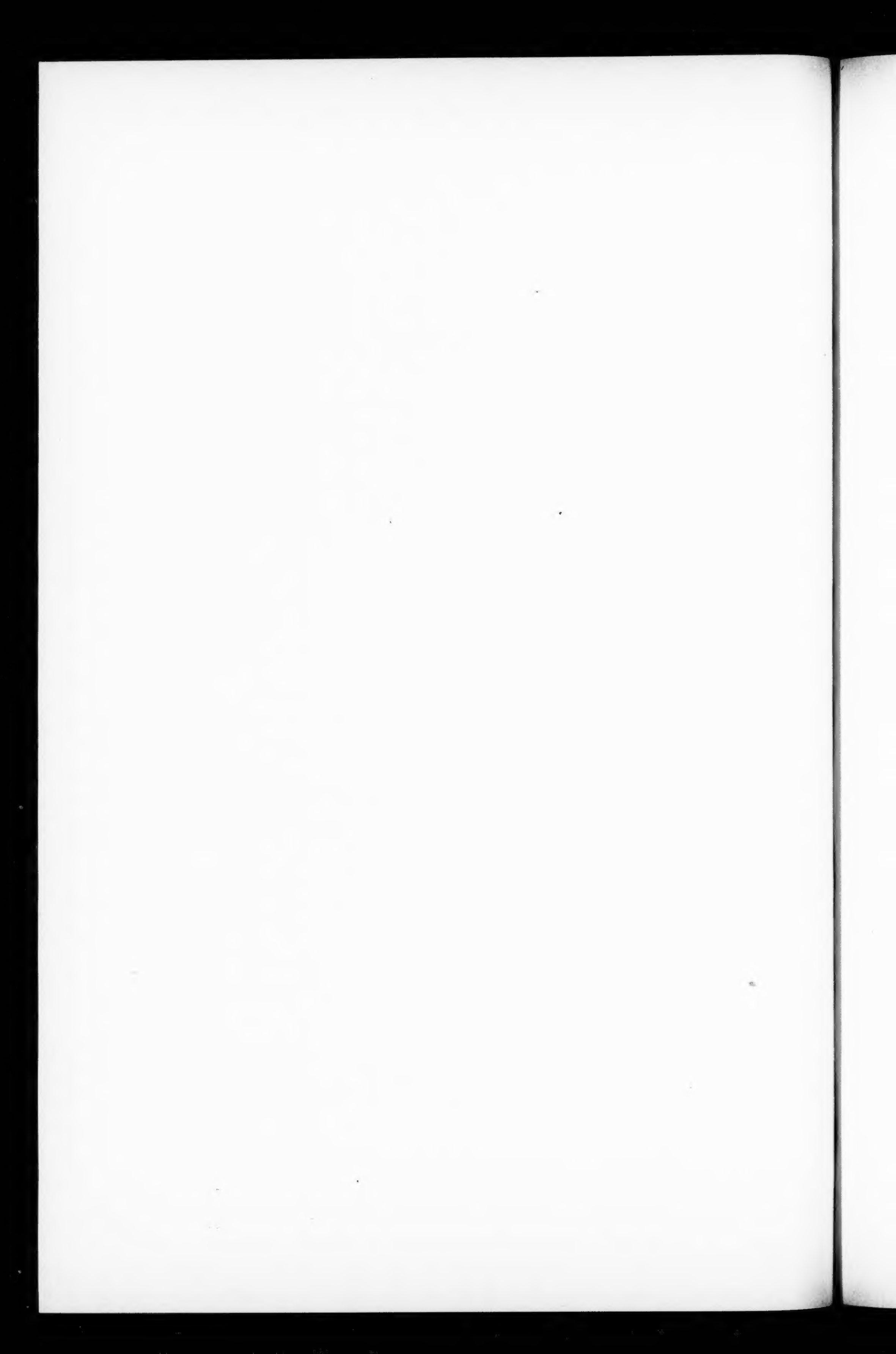
su

ver

fon

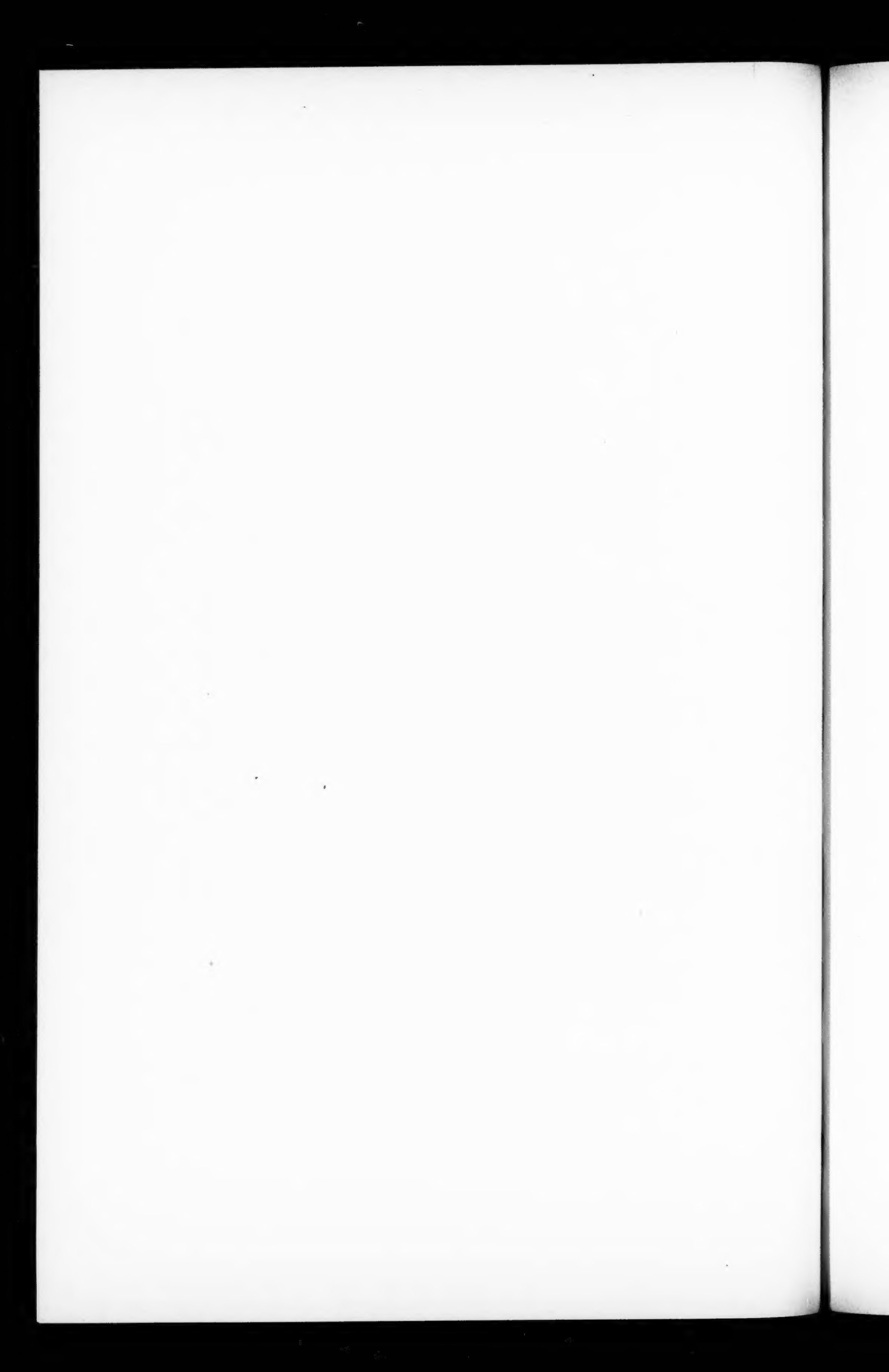
Canção do berço (De Foz-Côa)





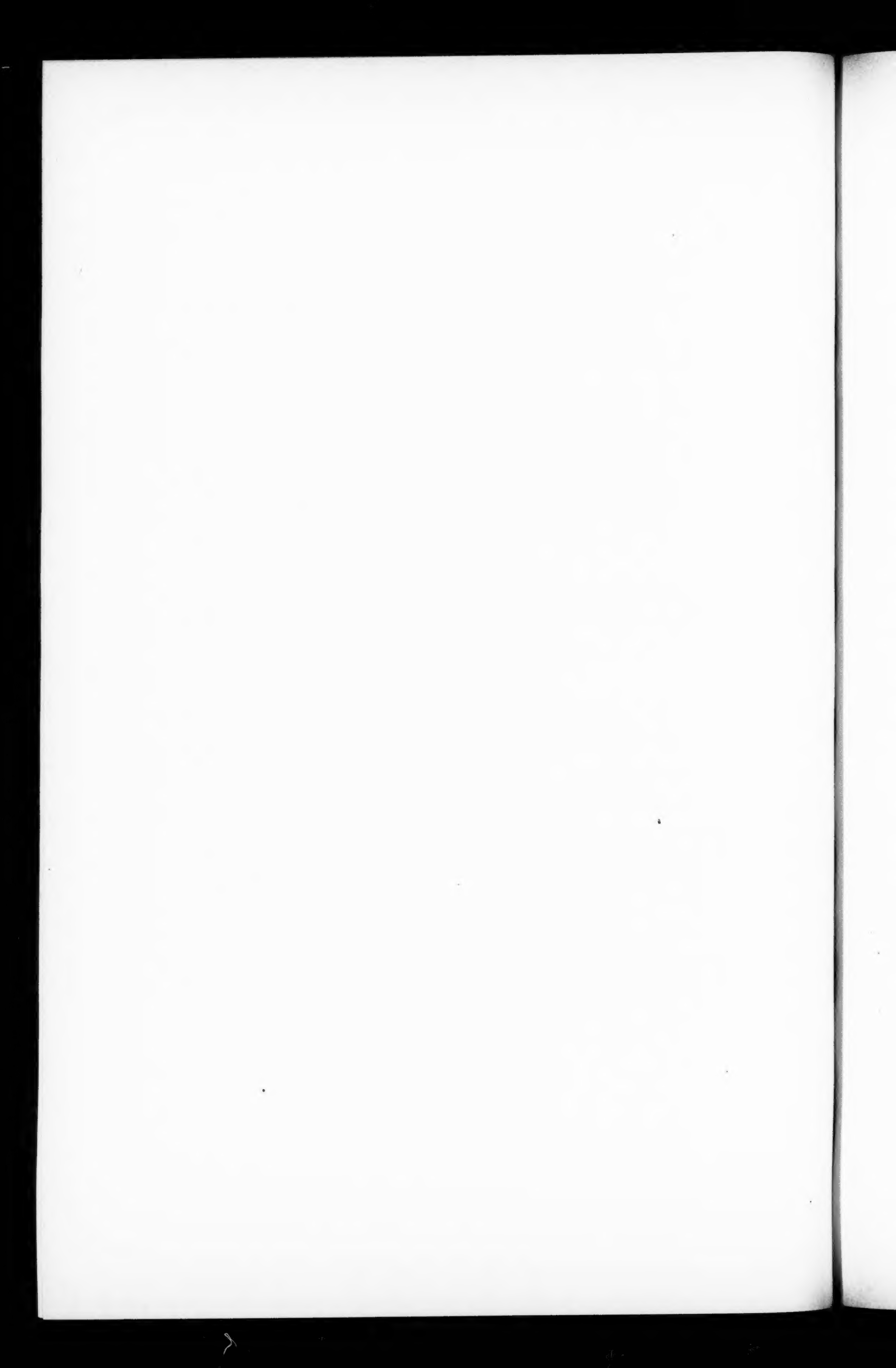
Canção do berço (De Coimbra)





Canção do berço (Da Estremadura)






Cantiga para embalar meninos (Do Algarve)
Andante
Soprano
Vae t'em-bo-ra pas-sa-ri-nho vae tem-bo-ra pas-sa-
ri-nho dei-xa a ba-ga ao lou-rei-ro dei-xa
ba-ga ao lou-rei ro. Dei-xa dor-mir o me-
ni-no dei-xa dor-mir o me-ni-no, qu'es-tá no som-no pri-
mei-ro qu'es-ta no som-no pri-mei ro.
Outra variante do Algarve
Adagio
Soprano
3
Vae t'em-bo ra pas sa ri nho, dei-
xa a ba-ga ao lou-rei ro . Dei-xa dor- mir o me-
ni no , qu'es-tá no som-no pri-mei ro .

VOCABULARIO ALEMTEJANO

(Continuação do vol. IX, 167-176)

E

esgalamido, exinanido, magro, debilitado.
esgallinhar, escarafunchar, esquadrinhar.
esgarnacha, (fazer —), quebrar loiça, e partir madeira.
esgarnachar, esgarrar, e quebrar.
esgarrada, desgarrada.
esgravêlhos, garavetos.
esgravulhar, esgarabulhar.
eslavaçado, aguado.
esmalmado, esfalfado.
esmaiar, desmaiar.
esmartoçado, pisado, esmagado.
espaciosa, espaçosa.
espalharice, ostentação.
espannejôr, espannejador.
espanidôr, espannador.
esparraguêra, planta do espargo.
espartão, esteira de esparto.
espatarrado, estendido.
espavilado, esperto.
espeçada, anspeçada.
espéce e **espécia**: especie.
espedir, despedir.
espelhente, espelhento.
espelicar e **despelicar**: explicar.
espengarda, espingarda.
espiço e **'spiço**: hospicio.
espifar, destruir.
espilrrar, esparrinhar.
espilrrar, espirrar.
espilrro, espirro.
espinha, zanga, odio (ter *espinha* a alguem).
espir, despir.
espiração (arch.), aspiração.
êspital, êspetal, êsprital e **'spital**: hospital.
esporretear-se, esportular-se.
espravéla, pernas á *espravéla,* descobertas, nuas.
espravoado, esparvoado.
espretalhão, expertalhão.
espreteza, experteza.
esprezar, desprezar.
espriencia e **inspriencia**: experiencia.
esprito (arch.), espirito.
esquiar e **'squiar**: tosquiar.
esquila e **'squila**: diminutivo de chocalho.
esquilão e **'squilão**: aumentativo de chocalho.
esquiparate e **caparate**: escaparate.

estabalcer (arch.), estabelecer.
estalage e **estalaja**: estalagem.
estâmago (arch.), estomago.
estamento, testamento.
estanfrir, transferir.
estanto, instante (a todo o *estanto)*.
estapôr e **estipôr**: estupor.
estârôcádo, destemperado, arrebatado.
estátula, estatua.
estassalhar, partir em pedaços.
estendarte (arch.), estandarte.
estêrina, estearina.
esterrado, desterrado.
estifazer, satisfazer.
estifação, satisfação.
estefèto, satisfeito.
estilhas (arch.), astilhas.
estilla, destillador.
estinto, instincto.
estio, magro, delgado.
estôrno, transtorno.
estortegão, estorcegão.
estrabuchar, estrebuchar.
estrafegar, destruir.
estralar (arch.), estalar.
Estramôres, Estremôris, Estramôs e **'Stramôri**: Estremoz.
estrampar, estercar, defecar.
estranquelhão, (de —) escantilhão.
estransbordar, trasbordar.
estréli, esteril. *(Anno estréli)*.
estrellas-do-norte, certa planta de jardim, de flores amarellas.
estrelúque, fluxo do ventre.
estremalhar, tresmalhar (o gado).
estremontado e **estramunhado**: estremunhado.
estrevaria, estrebaria.
estriado, (moço bem —) guapo, bem parecido.
estribuir, distribuir.
estrovar, estorvar.
estruir, destruir.
esvécer, esvaecer.
étigo e **éteco**: hectico.
expermir, exprimir.
extenguir, extinguir.
extrucção e **enstrucção**: instrucção.
Êzidóiro, Zidôiro e **Ezidoiro**. **Êzidro.**
êzirpula e **êzirpéla**: erysipela.

F

facataz, fatacaz.
facatura, factura.
fácel, facil.
fácelmente, provavelmente.
facenda, fazenda.
fâcháca — *metter fâcháca*: brilhar na conversação — ter graça.
facia, face.
fâcinhas, almofadas da cama.
faiúpa, fagulha.
falar, (ter relações amorosas). Elle *fala* com fulana.
falca, bocado de pão.
faldra, fralda.
falescer (arch.), fallecer.
famila e **familha**: familia.
fanfar, fanfarrear.
fantesia, graça, belleza.
farçolêro, farçola.

farfúncias, trabalhos extraordinarios e intricados.
Farnando e **Farnandis.**
farrajal, forrajal e **ferrajal,** ferragial.
farnezim, frenesi.
fârrôpêro, guardador de farropos.
fartão e **fartóte,** fartação.
fartulento, flatulento.
fataria, muito fato.
faternidade, fraternidade.
favrica, fabrica.
febrêro, fevereiro.
Fecencia, Vicencia.
fecinho, focinho.
fegura, figura.
felamengo, flamengo.
felástrêro, forasteiro.
Febrónia, Feveronia.
felecidade, felicidade.
felôr, flor.
felôrête, florete.
felôrído, florido.
felustrías, momices.
fenáite, deliquio.
fendola, fenda.
fengir, fingir.
ferío, frio.
fermoso (arch.), formoso.
fervrôr, fervor.
ferquente, frequente.
ferrage, ferragem.
ferruge, fuligem e alfôrra.
fertuna, fortuna.
festôr, homem presumido.
festra, fresta.
feturo, futuro.
fevra, febra.
fevre, febre.
fgaça, fogaça.
fiáldade, fidelidade.
flampágem, frandulagem.
flampalhos, farrapos.
filhuação, filiação.
finoiro, finorio.
finónimo, phenomeno.
fintar, levedar.
finuria, finura.
firido, ferido.
firir, ferir.
fisolofia, philosophia.
fissico (arch.), fisico.
flagante e **fragante**: flagrante.
flaita, flauta.
flaite. (Num *flaite:* num ápice, num momento.
Fleciana.
flémes, petrechos.
Flizardo.
fliz, feliz.
Floména, Foména e **Fillusména.**
florecer (arch.), florescer.
florizinhas, florinhas.
fluminante, fulminante.
folgo, folego.
folhagem, folhado. (Metter *folhagem:* empregar muito palavreado).
fôito, afoito.
fonção, funcção.
fondiça, ourina e borregada (excremento de borregos) em que se mette a roupa branca para desapparecerem as nodoas.
fondura, fundura.
fongar, fungar.
fontanairo, fontenario (marco *fontanairo*).
fontanéca, fontainha.
forçura, fressura.
foronha, fronha.

furmento e **frumento**: fermento.
forrinho, deminutivo de forro.
forrolho, ferrolho.
fôfes, fôfres, fósfaros, fósques e **frosques**: fosforos.
Fracisco.
francesices, francesismo.
franguinho, frangainho.
friginada, fritada.
Frizardo, Felizardo.
fromiga, formiga.
froteficar, fortificar.
fruita (arch.), fruta.
fumacêra, fumarada.
furminante, fulminante.
Furmino e **Ferimino.**
furrugento, ferrugento.
furtêro, fruteiro.
Furtuoso, Fertuoso e **Frituoso**: (Frutuoso).
furver, ferver.
futriquêro, dono de futrica.

G

gadelha, guedelha.
gadelha, questão. (Estive *á gadelha* com F.).
gaizar, ajaezar.
galerim, galarim.
gálguear, galgar.
galhabano, galhardo, bizarro.
gallarucho, gallo pequeno.
galleguices, gallegadas.
gálrrêjos, sons gutturaes das crianças de mama.
ganadêro, nome generico applicado a todos os guardadores de gado.
ganguear, bambalear.
gánhária, malta de ganhões.
gardanapo, guardanapo.
garganêro, glutão.
gargolíto. Lá vae aquelle *ao gargolito: á matadella* do bicho, a beberricar.
garrêas, disputas.
garrêro, guerreiro.
garulhada, grulhada.
gasalho, agasalho.
gástica, gastrite.
gavações, gabos.
gavar, gabar.
gavelas. Estar nas *gavelas.* O presunto está *nas gavelas:* quasi acabado. (Será *gravela?* — bagaço sêco da uva).
gavilha. *Fazer gavilha:* ter convivencia ou relações intimas com qualquer.
gavinete, gabinete.
Gavino.
Gavriel e **Greviel.**
geinte, gente.
geitozinho, deminutivo de geitoso.
gemea, gemma (do ovo).
genaro, genero.
genevra, genebra.
gengar, gingar.
gęngives, gingivas.
Genlro, genro.
genorosidade, generosidade.
genteada, gentalha.
gésta, giesta.
Gestrudes, Getrudes e **Estrudes.**
gila, chila. (Abobora de casca verde para doce).
ginela e **genela**: janella.
glantria, galanteria.
Gliberto.
glora, gloria.

gloriossa (arch.), gloriosa.
Gôdiana e **Gudiana**, Guadiana.
gómito, vomito.
gommar, engommar.
gorgogear, regorgear.
gôrpêlha, golpelha.
gorvata, gravata.
graces, graças. (*Graces a Dês*).
Gracia (Garcia).
gradelem, gredelem.
grandessissimo, superlativo de grande.
grantia, garantia.
grão-de-milho, homem muito baixo de estatura.
gravanadas, chuvas fortes e de pouca duração.
gravinête, bobinete.
gravito, melhoras na doença. (Vae tendo algum *gravito*).
grilanda, cimalha.
Grisante, (Chrysanto).
Grizostimo.
grossalhôna, grosseira.
guerande, grande.
guerganta e **graganta**, garganta.
Guergorio e **Grigorio.**
guerlandías, galantarias.
guerlas, guelras.
Guimar.
Guiteria (Quiteria).
guizalhada, som de guizos ou cascaveis.
gunfar, gemer em voz baixa.
gurita e **gôrita**: guarita.

H

Hanrrequeta.
havito, habito.
heredade, herdade.
Hermina (Herminia).
hervação, hervagem.
Hilaro.
himmorroides, hemorrhoidas.
hirege, herege.
Hirmógino (Hermogenes).
histoira, historia.
home, homem.
honte, hontem.
horroso, honroso.
hortejo e **hortinha**: pequena horta.
hortense, hortensia (planta).
hostaria, hospedaria.

I

icharia, ucharia.
ilhós, ilhó.
Ilêna.
iloquente e **enloquente**: eloquente.
imbirrar, embirrar.
imediatamente e **emmediatamente**: immediatamente.
immolmentos e **imolmentos**: emolumentos.
immondice e **emmondice**: immundicie.
imores, humores.
impestar, empestar.
impliquitente, difficil de contentar.
implusso, impulso.
impocrita, hypocrita.
imposturice, impostura.
impregado, empregado.
impurdencia, imprudencia.
inágora, inda agora.

incantar, encantar.
Incarnação.
increquilhar, encarquilhar.
incrivle, incrivel.
indíce, indicio.
indrêtar, endireitar.
indurcido, endurecido.
inffectuar e **enffectuar**: effectuar.
infirmidade e **enfrimidade** (arch.), enfermidade.
ingrimanças, engrimanças.
inguelês, inglês.
inhorança e **inorança**, ignorancia.
inhorar e **inorar**, ignorar.
inlêção e **enlêção**: eleição.
Inófre, Onofre.
inrreflexão, irreflexão.
inrritar, irritar.
Inselmo.
inséssos, excessos.
intigamente, antigamente.
intiqueta, etiqueta.
intrincados, intricados (trabalhos *intrincados*).
intromettido, entremettido.
inutel e **ênutel**: inutil.
invasiva, evasiva.
inviar (arch.), enviar.
invicionado, apaixonado por qualquer cousa.
inzatamente, exactamente.
Inzebio e **Anzebio**.
inzento, isento.
irmida (arch.), ermida.
irrar, errar.
irzípula, **êrzipéla** e **zerpéla**: erysipela.
isço, isso.
iódio, iôdo.
iss'sim! isso sim!

J

Jacintro.
jajemim, jasmim.
janalosías, gelosias.
janêta, ginêta.
Jão e **Joham**.
jaral, geral.
jardnêras, moñas.
jarguncho, zaguncho.
jarselim, gergelim.
jaspa, jaspe (jaspas de neve).
Jâsu-Christe, **Sâssu-Christe** e **Xassu-Christe**, Jesus Christo.
Jasuina.
Javier, Xavier.
Jaimes e **Jáme**.
jentar, jantar.
Jenuairo e **Jenhuáiro**.
jericó, jardim pequeno.
Jerolmo, **Jirolimo**, **Jerolimo**, **Juronomo** e **Jurolimo**.
jâsuita, jesuita.
Jequina e **Jóquina**.
jimento, jumento.
jolga e **joldra**, choldra.
joncal, juncal.
jontar, juntar.
Jóquim, **Jôquim** e **Jaquim**.
Jórze, Jorge.
juar, jejuar.
jum, jejum. (Dia de *jum*).
jubão, jibão.
Junior, Julio.
jurdição, jurisdicção.
Juromâno, Germano.
justiadinho, justinho.

L

labis-home e **lambishome**, lobishomem.

labutação, intimidade, privança.
làcar, lacre.
lacha, vergonha. (Não tem *lacha* nenhuma).
làdranzâna, aumentativo de *ladrão*.
lafárgas, mariola.
lágia, lage.
lagrimas de Jó, certa planta de jardim, de flor branca e encarnada.
lâima de terra, grande quantidade de terra.
Laiola, Loyolla.
lambaruço, homem grosseiro.
lambecricas, cãozinho fraldiqueiro.
lamboque, homem gordo.
lambuçar, lambusar.
lambuje, lambujem.
laméda, alamêda.
lançol, lençol.
Landroal, Alandroal.
langanhóso, languinhento.
langarás, armadilha, laço.
languisboia, lambisgoia.
lanisco, lanigero (gado *lanisco*).
lapachêro, lamaçal.
lá p'ra no Domingo, lá para o Domingo.
largato, lagarto.
lascar, defecar.
lascarim, velhaco.
lavardor, lavrador.
lavareda, labareda.
lavarintho, labyrintho.
lazarar, choramigar.
le (arch.), lhe.
lecença, licença.
lecre, leque.
lêinha, lenha.
lember, lamber.
lempeza, limpeza.
lendeza, lindeza.
lendinho, deminutivo de *lindo*.
lemite, limite.
Lesboa, Lisboa.
Lêtério, Eleuterio.
letria, aletria.
lêteras, letras.
Lexandre e **Lixandre**: Alexandre.
'Lhâ-lá! olha-lá! (Interjeição exclamativa).
Lianor, Leonor.
Libâna, Libania.
libaral, liberal.
liberdez, liberdade.
libradade, livradade e **libardade**: liberdade.
lícia, licença. (Com *lícia*. Do latim licet).
lila, certa planta de jardim, de flores brancas.
Limtejo, Alemtejo.
lindêlhos, embustes, mexericos.
lingoariça e **longariça**, linguiça.
liusonjêro, lisonjeiro.
Liría, Leiria.
liró, catita.
listra, lista.
litaráto, literato.
litrêro, letreiro.
liverar, livrar.
livra (arch.), libra.
lixuria, luxuria.
lizio, lizo,
lobêro, variedade de trigo rijo.
loje, loja.
lonjura, longitude.

lorcas, ventas.
Lôrenço e **Lairenço**: Lourenço.
lòres, lóros, torcicollos.
lovar, levar.
lote. (Do *lote* de fulano: do tempo de fulano; da sua idade, etc.).
luada, certa doença em crianças.
lumareu, aumentativo de lume.
luminho, diminutivo de lume.
lucaro, lucro.
luiva, luva.
lumiar, alumiar.
lusque-fusque, lusco-fusco.

M

maça, tubo da roda do «carro alemtejano».
macaròvia e **saragacina**: planta.
machóca, embrulhada, confusão, intriga.
macna e **mánica**: machina.
macla, macula.
Madanela, Magdalena.
madorra e **madorna**: modorra.
Madril, Madrid.
madrinhado, bàtizado. (A Maria está convidada para um *madrinhado*).
maginação, imaginação.
maginar, imaginar.
magrão, pernil do porco.
mãifestar, manifestar.
maiorro, marroio.
mais, mas.
manjaricão, mangericão.
manjarico, mangerico.
mâjârico, mangerico.
mal, **mel**, **mi** — mil (em próclise): Tres *mal* rés. Tres *mel* rés. Tres *mi* rés.
malandrage, malandragem.
malanquêras, maluqueiras.
malazengo, adoentado.
maldichano, maldito.
maldiçoar, amaldiçoar.
malha-eterna, crochet.
malina surda, certa doença.
malmente, principalmente.
malvarisco, malvaisco.
maminho, meiminho (dedo *maminho*).
mançaroca, maçaroca.
mancipal, **monocipal** e **muncipal**: municipal.
mancipar (arch.), emancipar.
Manel, **M'nel** e **Mané**: Manoel.
manga, grande chocalho para vacas.
manheim, manhã.
mánica, machina.
manificencia (arch.), magnificencia.
manigite, meningite.
manilha, intelligente, vivo, habil. (O Joaquim é um *manilha*).
mánita e **manzita**: deminutivo de *mão*.
manjor, major.
mantrimonio, matrimonio.
manzêra, rabiça do arado.
marafim, marfim.
marafolho, millefollio (erva).
Marçalino, Marcellino.
marear, caminhar em determinada direcção.
marge, margem.
margulho, mergulho.

Maria-de-Borba, mulher preguiçosa.
maribundo, moribundo.
Màriço, Mauricio.
Mari-Clara, Maria Clara.
marinha e **meirinha**: lã marinha.
mariolête, deminutivo de mariola.
maròfona, marafona.
mármol, marmore.
màrmurar e **mermurar**: murmurar.
marmurar, murmurar.
marotinho, lenço pequeno de assoar.
Marquinhas, Mariquinhas.
marrafaçal, sarrafaçal.
marraús, pontas dos madeiros.
marrocate, pão de centeio.
marracatêros, homens do baixo povo.
martaficio e **matraficio**: maleficio.
mártel, **márteri** e **márten**: martyr.
martelêro, mau caçador.
martinhêra, murtinheira (arbusto).
Martís, Martins.
marzia, orvalho.
más, mais.
màzão, aumentativo de mau.
mastade e **maestade**: majestade.
a **mata-mata**, apressado.
mata-piolhos, dedo pollegar.
matrafim, matagal.
matrial e **metrial**, material.
Matildes, Mathilde.
matapulga, saragacina (planta).
mazulca, mazurka.
m'dir, medir.
mecanismo, machinismo.
mèção, menção.
medida de Vêros (Veiros), medida avantajada.
Megildo e **Emelgidio**: Hermenegildo.
mégra-cão, certa trepadeira de jardim.
méiste (em próclise), mestre. (*Meiste Zé* — mestre José).
melcatrefe, melquetrefe.
menguadas, minguadas. (Horas *menguadas*).
meniciosamente e **municiosamente**: minuciosamente.
mêntis, mente. (Trago-o na *mentis*: no pensamento).
menza, mesa.
menzinha, deminutivo de «mesa».
mercer, merecer.
merlo, melro.
meringue, vaso de barro para agua.
mermurial, memorial.
merzicordia, misericordia.
meseria, miseria.
messagêro, mensageiro.
messiva, missiva.
mesterio, mysterio.
mestura, mistura.
michano, mosquito.
mijadôro, ourinol.
mija-mansinho, homem debil, fraco.
mijancêra, ourinadela.
mijona, certa casta de uva.
milhor (arch.), melhor.
mimoira, memoria.
mimoria e **mimôira**: memoria.

mingacha, mingacho.
ministrador: (arch.), administrador.
mintigar, metigar.
mintir, mentir.
mintira, mentira.
misarável, miseravel.
miscambilha, trapalhice.
miscòtar-se, assenhorear-se.
missar, missal.
mítara, mitra.
mixiricos, mexericos.
mixurdia, mixordia.
moage, moagem.
modos, *a modos que*, pelos modos...
m'nha (em próclise), minha. *(M'nha mãe).*
m'nina, menina.
mochila (giria), ladrão.
mogango, moganga.
mòlhada, malhoada (enredo).
mono, fazenda de commercio que não tem extracção.
monquita e **moquita**: corrimento do muco do nariz.
montrasto e **mentraste**: mentastro.
môral e **moiral**: maioral. *(Móral* das mulas).
môr, amor, na frase: por *môr* de.
morquelho, bocado.
morquelhinho, bocadinho.
morquês, sem pêlo nas partes vergonhosas.
morragia, hemorrhagia.
mortefuge, certo insecto.
moscoso, mosqueiro. (Gado *moscoso).*
mosquêra, logar onde ha muitas moscas.
mosquêro, negrilho (arvore).
movilha, mobilia.
mramelo, marmelo.
mramita, marmita.
mrecê, mercê.
mucipio, municipio.
muguino, burro. (De Muguino: burro preto?)
multipricar e **munteplicar** (arch.): multiplicar.
munto e **munta**: muito. *(Munto* bem. *Munta* bruto).
munturo, monturo.
murgenar, **muginar** e **murjar**: chover miudinho. (Será corrupção de *merujar?* — Merugem: rega que reduz a terra a um pantano).
murta, multa.
murtar, multar.
músca, musica.
musgar, chamuscar. *(Musgar* o porco).

N

ná, **nã**, **nom**: não (em próclise). *Ná* havia tempo. *Nã* quero. *Nom* é preciso.
nacedío,-a, adjectivo, nativo. (Agua *nacedia).*
nacença (arch.), nascença.
nacer (arch.), nascer.
nacente, nascente.
Nacléto e **Nacréto**: Anacleto.
nafil, anafil.
naipêra, multidão de naipes (no jogo).
nalga, nadega.
nalgatoiro, nadegas.
namoriscar, namoricar.
narte, quinhão. (Leva bom *narte).*
nasarca, anasarca.

Nastacic, Anastacio.
Natreza, Anna Theresa.
navidade, novidade.
necidade, necessidade.
necitar, necessitar.
Neo'lau, Nicolau.
negoço, negocio.
negrigencia, negridão.
nêja, nanja.
nenguem, ninguem.
nesçario, necessario.
netralização, naturalisação.
neurisma, **nórisma** e **nurisma**: aneurisma.
nicòquices, niquices.
nim (em próclise). *(Nim* um: nem um).
nina, menina.
nobrézia, belleza. (A seara está uma *nobrézia)*. Cf. *nuvresia*.
noda, nodoa.
nogociar, negociar.
nojêras, nauseas, enjôo.
nonjo, nojo.
nosaria, muitos nós.
notiça, noticia.
novadia, nova; adj. (Madeira *novadia)*.
novedade, novidade.
númaro, **num'ro** e **númuro**: numero.
núveas, nuvens.
nuversidade, universidade.
nuvrado, nublado.
nuvresia, grande abundancia.
nuvrina, neblina.

O

obséqui', obsequio.
oca, ocre.
óclo e **ocalo**, oculo.
odioso, melindroso. (Esta planta é muito *odiosa:* muito melindrosa).
ó dispois, ao depois.
ôfano, ufano.
Ôfemia, Eufemia.
Ôfrasia, Eufrasia.
Ôgenia e **Uugénia**: Eugenia.
ôivar, uivar.
Ôlalia e **Ôlaia**: Eulalia.
ôlhamento, beneficio, gratificação. (Teve um *olhamento* commigo: gratificou-me).
òido, odio.
ômagem e **umagem**: imagem.
ômettir, emittir. *(Omettir* opinião).
ômilde, **himilde** e **omildôso**: humilde.
ondàgora e **ontàgora**: ainda agora.
ongir, ungir.
ônião, união.
ontar, untar.
ontes d'ontem, ante-hontem.
oratoiro, oratorio.
orde, ordem.
ordenos, ordens. (É quem dá os *ordenos)*.
ordêro, herdeiro.
ôrdidura, urdidura.
ôrear, enxugar. (Será *aurear*, de aura?)
orfo, orfão.
ôrgente, urgente.
osga, odio, malquerença. (Tem-lhe *osga)*.
óspiço, auspicio.
óspois, ao depois.
óstante, obstante. *(Nam óstante)*.
ôtorizar, autorizar.

ôtorização, autorização.
ôvada, multidão de ovos.
ôzadia, ousadia.
ôzear, apascentar com pachorra, carinho e solicitude o gado fraco que pasciga em pouco terreno.
ôzequio, obsequio.

P

pá | **p'ra** | **pera** — para (em próclise) — (*Pá riba:* para cima). (*Pá trás:* para traz).
pá, pau (em próclise: *Pá' sêco).*
pachelgas, pateta.
pachôvada e **pachuchada**: pachonchada.
paciença, paciencia.
padar, paladar.
padastro, padrasto.
pàdêria, padaria.
padrinhar, apadrinhar.
page, pagem.
paiáço, palhaço.
paiagem, palhada.
pajola, pachola.
palanfroes, palanfrorio.
palatina, platina.
palávera, palavra.
pálea, pála.
paliza, paulada.
pallame, pellame.
paleio, fallacia.
palmar, empalmar.
Pàlino, Paulino.
Palos e **Paluo**: Paulo.
paltado, pautado. (Papel *paltado).*
Pálua, Paula.
pamfolheto, pamphleto.
pampolinhas, deminutivo de *papoulas.*
pampolho, pimpolho.
panariz, panaricio.
pandêreta, pequeno pandeiro.
panedrázio, pedrada.
panêdro e **penêdro**, penedo.
Pangracio, Pancracio.
pantaça, barriga cheia.
pantasma, phantasma.
panzaría, muitos pães.
pão-pingado, bel-prazer. (Estou no meu *pão pingado).*
papa-gente, anthropophago.
papelázio, embrulho.
papelucio, papeliço.
papôla e **pampolia**: papoula.
paradêro, pardieiro.
parador, aparador.
paraisso (arch.), paraiso.
paravilho, peralvilho.
par'cer, comparecer.
pardaloca, pardoca.
pâr dentro, para dentro.
pâr lá, para lá.
parentêra e **parentálha**, parentela.
pargana, pragana.
parimento, parto.
pàrlezia, paralysia.
parpatana, barbatana.
parrança, mandrião.
parrancisse, mandria.
partimento, apartamento.
partonato, patronato.
parumonia, **plomenia**, **priumonia** e **prumonia**: pneumonia.
passage, passagem.
passuir, possuir.
pastana, pestana.

pastoradôro e **pastage**: pastagem.
pata-gallanha, coxo.
patamêro, pantano.
patanisca, isca de bacalhau.
pate, empatados. (Estamos *pates*).
patêgas, simplorio.
pato-moleque, tolo, pateta.
patrafum, cousa monstruosa.
patriacha, patriarcha.
patudo, homem de pés grandes.
paviola, padiola.
pavona, mulher gorda.
pàzada, paulada.
paz-d'alma, homem simples.
pàzinho, deminutivo de *pau*.
pêce que, parece que.
pecissão, **porcissão**, **percissão**, **pricessão** e **precissão**: procissão.
pécora, mulher de má vida.
pedrão, padrão.
pegar, começar.
pelangana, palangana.
pelano, plano.
peligrino, **pelingrino** e **pregrino**: peregrino.
pelica, pellico.
Pelonio, Apollonio.
Pelunáiro, **Pulináiro** e **Pulnário**: Apollinario.
pempão, pimpão.
pencel, pincel.
pendencia, pendor, propensão, tendencia.
penêra, fome.
penetencia, penitencia.
peninho, tem-tem. (Para a criança: faz lá um *peninho*).
pensativle, pensativo.
pentar, pintar.
pentasilgo e **pentesilgo**: pintasilgo.
peplessia, **poplessia**, **aplessia**: apoplexia.
perabens, parabens.
percepicio, precipicio.
percêto, preceito.
perciosa, **pernuciosa**, **pruniciosa** e **pernunciosa**: perniciosa (febre).
percisar, precisar.
perduto, producto.
perfundar e **porfundar**: profundar.
pergão, pregão.
perla e **pérrola**, perola.
perlongar, prolongar.
permêro, **primêro**: **prumêro** e **purmêro**, primeiro.
pernóstico e **pornóstico**: prognostico.
perpertar, prepetrar.
persebelhos e **precebejos**: persevejos.
persidir, presidir.
personage, personagem.
personal e **persoal**: pessoal.
perte, perto. *(Perte de si*: perto de si).
pèrtechinho (soa *pèrtexinho)*, deminutivo de *perto*.
pertinhola, portinhola.
pervenir e **privenir**: prevenir.
pervidente e **prividente**: previdente.
pervilegio, privilegio.
perzunto e **porzunto**: presunto.
perzente, presente.

perzidente, presidente.
pesbitro, presbytero.
pescacios, piscazes, precalços e **piscáços**: percalços.
pescadêras, — duas estrellas da constellação da «Aguia».
péscimo, pessimo.
péscurar e **próguntar**: procurar.
pézinho, chispe.
pespinhêro, uma das peças do arado.
petitorio (arch.), peditorio.
Piadade, Piedade.
pial, poial.
pico, migalha. *(Catórze testões e pico)*.
pida, andar á pida, esmolar.
pidir (arch.), pedir.
pieguento, niquento.
pifão, bebedeira.
pildora e **pirola** (arch.): pilula.
pilheta, pilheiro.
pimparote, piparote.
pinche, calculo, alvitre. (Deita lá um *pinche)*.
pindonga, mulher velha e porca.
pinhor, penhor.
pintiar, pentear.
pintorices, pinturas.
piolho chegadiço (ou *pegadiço*, homem impertinente*)*.
piornêra, moita de piorno.
pipa, pipia.
pipino, pepino.
piqueno (arch.), pequeno.
piquinino, pequenino.
pirame, pyramide.
pirandula, pyramide.
piriquito, periquito.
pirúa, perua.
pirum, peru.
pisponto e **bisponto**: posponto.
pitafe, bitafe.
pitafe, epitaphio.
pitição, petição.
pitrol e **pitroli**: petroleo.
pitrolini: petroline.
plainas, polainas.
plantaforma, plataforma.
planto, pranto.
plicia, plucia e **pulucia**: policia.
p'l's, pelos. (As mãos *p'l's* pés).
pobertão, pobretão.
pocachinha, excremento.
pocachinho (soa *pôcaxinho)*, deminutivo de *pouco*.
poçonha, peçonha.
podroso, poderoso.
polgar, pollegar.
pólica, polka.
polica e **polit'ga**: politica.
politeca e **politega**: politica.
polmão, pulmão.
polvarinho, polvorinho.
polvarosa e **pulverosa**: polvorosa.
Policarpio, Polycarpo.
pom-t'em péi, põe-te em pé.
pontuavel, pontual.
porcariada, grande porção de immundicia.
porcorar, procurar, prèscurar e **prècurar**: procurar.
pordigio, prodigio.
porfêto e **prefêto**: perfeito.
porfrir, proferir.
porfurar e **profurar**: perfurar.
porjudicial, prejudicial.

pormetter e **pormotter**, prometter.
pormetter (arch.), prometter.
porparar, perparar e **proparar**: preparar.
porpiatario e **propiatario**: proprietario.
porpina e **prepina**, propina.
porpocionar e **perpecionar**: proporcionar.
porpor e **prepor**, propor.
porposta e **preposta**: proposta.
por quíi, por aqui.
por lii, por ali.
porrada, porretada, paulada.
porradinha, pancadinha.
porsuadir, persuadir.
porteger, proteger.
Porto-Alegre, Portalegre.
porvar, provar.
porvedença, providencia.
porveito e **perveito**: proveito.
posetivo, positivo.
pôs, pois. (*Pôs* é assim).
possivle, possivel.
possoal, pessoal.
posta, bosta.
postela, bostela.
postema, apostema.
p'r'á, para a.
pracêsse, parecesse. (Aquelle que me *prâcêsse)*.
prache, parche.
praiso, paraiso.
pranóstico, prognostico.
prantar, pôr.
praticular, particular.
prátiga, prática.
pravoêra, parvoeira.
pravoice, parvoice.
preceber, perceber.
prècura, procura, prògunta, porgunta, progunta: pergunta.
precuração, procuração.
precurador, procurador.
predão, perdão.
pregaminho e **purgaminho** (arch.): pergaminho.
preguête, pequeno prego.
preguntar e **prògunta r**: perguntar.
prejuro, perjuro.
premettir, promettir e **primittir**: permittir.
premittir (arch.), permittir.
prencipal, pricipal e **princepal**: principal.
prencipalmente, pricipalmentes e **'palmentes**: principalmente.

(Continúa)

A. Thomaz Pires.

FOLK-LORE CEILONENSE[1]

I

ADIVINHAS

Hum home tem impido,
Corttê[2] pindurado,
Cabéllo ispiado.
Um homem está de pé,
Com frutos pendentes
Cabello espalhado.

Coqueiro.

Subí par subí savodi tem,
Despôs de subí ardor tem,
Despôs de descê médo tem.
Emquanto sobe dá saude,
Depois de subir dá ardor,
Depois de descer traz medo.

Sol.

---

[1] [Accedendo a um pedido que lhe fiz em tempo, o Sr. Tavares de Mello, nosso compatriota da India, que habita Ceilão, e conhece muito bem o crioulo português que ahi se fala, coordenou varios textos ceilonenses que imprimiu em ornaes de Goa, e que, depois de emendados por elle, agora reimprime na *Revista Lusitana*, o que de certo é muito agradavel aos leitores d'ella. Como o mesmo senhor diz em uma correspondencia publicada n-*O Heraldo*, de Goa, n.º 2092, de 13-III-907, Ceilão, quasi tres seculos depois do nosso dominio, mantem ainda em parte da sua população, o uso da lingoa portuguesa, e é nella que se prega, recíta e reza nas suas igrejas — catholicas, lutheranas, wesleyanas e baptistas. É grande serviço prestado á sciencia colligir estes testemunhos do nosso passado. = J. L. DE V.]

[2] *Corttê* é o termo adoptado nesse crioulo para significar «caroço, fruta».

Santá né méza,
Cortá, partí, tomá ne man,
Maas não podê comê.
Senta-se á mesa
Corta, distribue e toma na mão,
Mas não pode comer.

Baralho.

Bujáns-riba
Hum veljo tem santado.
Sobre o jarro
Está sentado um velho.

Cajú [1] com caroço.

Pegando ne piscosso
Chapá ne barriga.
Pegando no pescoço
Aperta na barriga.

Guitarra.

Bulí, bulí, botá ne buraco.
Revolve na abertura.

Chave.

Vae, vi, tres bocus, dés pê.
Anda, vê, tem tres bocas e dez pés.

Carro de 2 bois e seu guia.

Subí minha riba,
Oljá minha bás,
Eu já fica médo,
Quando oljá palás.
Suba-me e olha a meus pés,
Tenho medo quando vejo o palacio.

Poço.

Filjo matá e mãe chorá.
Filho mata e a mãe chora.

Sino.

---

[1] Fruta viçosa asiatica.

Cortá par cortá
Té ficá cumprido.
Quanto mais cortar
Tanto mais cresce.

Sangria de agua.

Hum homi impido
Crianças pindurado.
Um homem em pé
Com crianças suspensas.

Jaqueira [1].

Lantá pan, cargá man.
Levante o pano e metta a mão.

Abrir janella arregaçando a cortina.

Quando já quimá com fôgu
Bocu vasá agua.
Quando arde no fogão
Deita agua pela boca.

Caldeirinha.

Tábu tabliado
Dos mines encantado.
Taboa tabolada,
Duas meninas encantadas.

Espelho.

Mãe su barriga riba
Filjo te corrê.
Sobre a barriga da mãe
O filho corre.

Pedra de moer.

Cinco brincos te brincá ne hum casa.
Jogam cinco brincos numa casa.

Betel [2].

---

[1] Arvore frutifera asiatica.

[2] O betel compõe-se de folhas, areca, cal, tabaco e cardamomo: cinco ao todo.

Cando já ví, nunca ví,
Aquel par despôs já ví,
Aquel par despôs já foi,
Torna quando ví nan andá más.
Quando nasce não os traz,
Ao depois vem e vão,
Quando de novo voltam
Não mais vão.

Dentes.

Assi que subí, assi que descê,
Assi que bottá, assi que rossá.
Assim como sobe assim desce,
Assim como pinta assim apresenta.

Caiar.

Tem con vide nuca murrê,
Caçan de morti te buscá te cumê,
Tendo vida nunca morre,
Mas o cação quis comer sem o matar.

Propheta Jonas.

Crus-riba tem murttê [1]
Murttê-riba tem mato [2]
Ne mato tem porcos [3].
Emcima da cruz tem uma panela,
Sobre a panela existe mato,
E no mato ha porcos.

Homem.

Redunda e redonda,
Tudos té gostá,
Criance, beata e pápa.
Redonda redondela,
Todos gostam d'ella,
Meninas, beata ou pápa.

Annel.

---

[1] *Murttê* é palavra singalesa significativa de «panela»; allude a cabeça.
[2] *Mato* allude a cabellos.
[3] *Porcos* são piolhos, provavelmente.

Manhã andá com catro pê,
Meo-dia con dôs pê,
Ne tarde con tres pê.

Na manhã anda com quatro pés,
Ao meio dia com dois pés,
E sobre a tarde com tres.

Estado de homem.

Filjo veljo maas mãe tenro.

Filho velho mas sua mãe é tenra.

Algodoeira.

Hum homi impê con tres oljos.

Um homem em pé com tres olhos.

Coco.

Nué homi, tem cabéça, nan tem cabello.
Nuntem dente, mas murdê.

Não é homem mas tem cabeça sem cabello, morde sem dentes.

Alfinete.

Hum bottle com dós vins.

Uma garrafa com dois vinhos.

Ovo.

Nué home, mas cantá benfêto,
Vistí corado mas nan cortado.

Não é homem mas canta bem,
Veste-se corado sem se talhar.

Gallo.

Vi quilae rei
Já santá quilae lean,
Tem cabeça, não tem cabello.

Veio como um rei,
Sentou como um leão,
Tem cabeça sem cabellos.

Rã.

Quem fazê nunca gozá,
Quem gozá nan vê,
Quem vê nunca desejá.

Quem faz não goza,
Quem goza não vê,
Quem vê não deseja.

Cova.

Corrê ne montanho,
Pará ne caminho.
Corre nas montanhas,
Mas pára nas ruas.

Fogo.

Já nascê no montanho,
Vivê ne courte,
Nunca já foi baptizado,
Levá nomi christão.
Nasceu nas montanhas,
Vive nas côrtes,
Sem ser baptizado
Tem nome christão.

Martinho.

Rico gardá ne bolsa,
Pobre botá fora.
O rico guarda na algibeira,
O pobre deita fora.

Ranho.

(Publicados no *Nacionalista*, da India Portuguesa, n.os 29 e 32).

II

CANTIGA PER SÃO FRANCIS [1]

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán [2] *Huma,*
Huma nossa Criador,
Si varán sarán, minha Sinhor.

---

[1] Diz a tradição que S. Francisco Xavier, quando esteve nessa ilha, compôs esta jaculatoria, e a ensinou ás crianças para a cantarem no principio e fim do catechismo.

[2] *Varán-sarán* — não são palavras de crioulo ceilonense, nem são de sin galês ou tamul, lingoas vernaculas d'esta ilha. [Tal expressão está verosimilmente por *S. Cypriano*, arc. *S. Cibrão*, como expliquei numa das minhas prelecções philologicas feitas na Bibliotheca Nacional. A cantiga ceilonense corresponde á oração do *Anjo Custodio*, muito conhecida em Portugal: vid., a respeito d'ella, *Rev. Lusitana*, I, 246 (artigo de Adolfo Coelho). — J. L. DE V.].

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *dôs,*
Dôs péders de Moyses [1],
Huma nossa Criador,
Si varán sarán, minha Sinhor.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *tres,*
Tres Patriarchos de Deos,
Dôs pedres de Moyses,
Huma nossa Criador
Si varán sarán, minha Sinhor.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *catro,*
Catro Envangelists de ley,
Tres Patriarchos de Deos,
Dôs pedres de Moyses,
Huma nossa Criador,
Si varán sarán, minha Sinhor.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *sinco,*
Sinco chagas de o Christo,
Catro Envangelists de ley,
Tres Patriarchos de Deos,
Dôs pedres de Moyses,
Huma nossa Criador,
Si varán sarán, minha Sinhor.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *seis,*
Seis jares de Cannah [2],
Sinco chagas de o Christo,
Catro Envangelists de ley,
Tres Patriarchos de Deos,
Dôs pedres de Moyses,
Huma nossa Criador,
Si varán sarán, minha Sinhor.

---

[1] *Pédres* ou *péders de Moyses* = taboas da lei.
[2] *Jares de Cannah* = talhas das bodas de Cannã.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *sete,*
Sete Sacraments de o Sinhor,
Seis jares de Cannah, etc.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *oito,*
Oito bemaventures de Monte,
Sete Sacramentos de o Sinhor, etc.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *novi,*
Novi anjo-chusmos de o céu [1],
Oito bemaventures de Monte, etc.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *dez,*
Dez mandamento de Deos,
Novi anjo-chusmos de o céo, etc.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *onze,*
Onze mils de virgins,
Dez mandamentos de Deos, etc.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *dozi,*
Dozi apostolos de Jesu-Christo,
Onze mils de virgins,
Dez mandamentos de Deos,
Novi anjo-chusmos de o céo,
Oito bemaventures de Monte,

---

[1] *Anjo-chusmos* = coros dos anjos [*chusmos* por «chusmas». — J. L. DE V.].

N. B. Posteriormente ouvi em Goa igual jaculatoria em lingua vernacula, que tambem diz a tradição ter sido ensinada pelo Apostolado das Indias (S. Francisco Xavier) ás crianças; e vae assim:

Sang macá, sang macá, quitém tém éco; êco Deu, èco sômôrte, êco bavarto. (Dize-me, dize-me o que é um: um Deos, uma lei, uma fé).

Sang macá, sang macá, quitem tem dôni; dôni pôttê Moisêlê, êco Deu, êco somorte, êco bavarto. (Dize-me, dize-me e que são dois: duas táboas de Moises, um Deus, uma lei e uma fé); etc., até doze.

Sete Sacraments de o Sinhor,
Seis jares de Cannah,
Sinco Chagas de o Christo,
Catro Envangelists de ley,
Tres Patriarchos de Deos,
Dôs pedres de Moyses,
Huma nossa Criador,
Si varán sarán, minha Sinhor.

(Publicado no *Nacionalista*, n.º 38).

III

MAXIMS E PROVERBIS

Amor e tèmor de Deos tem o comêço de sabèdoria. (Amor e temor de Deus é inicio de sabedoria).

Amoróso palavers sem obre tem como o casca sem miólo. (Palavras meladas sem obras são como casca sem miolo).

Abundancia de o coração o bocu te papiá. (O que o coração sente a voz não mente).

Amizade tem o joyie de humano vide. (A amizade é a joia de vida humana).

Bebérajo tem diabo su lastro per home e home sua juntamente com elle. (Bebida é um laço satanico e o demonio em solução).

Bom bèbèrájo te ruiná sáco, maas sléc bèbèrájo te ruiná estámo. (Bebida boa arruina algibeira, mas a má o estomago).

Cada um per si e Deos per todos. (Cada um para si e Deus para todos).

Cumprido divída te fazê curto o vide. (Muita divida abrevia a vida).

Cachôrro que ladrá nan murdê. (Cão que ladra não morde).

Contentament tem trabalhóso ne mundo. (Ninguem é contente neste mundo).

Dinheiro tem um bom dádimo, mas tem hum pirigoso mestre. (Dinheiro é boa dadiva, mas mestre perigoso).

Discuidaçan de mãe-pae tem o ruino de suas criances. (Descuido dos paes é a ruina dos filhos).

Dôdos nan temê per atramentá onde os anjos tremê per marchá. (Doidos correm onde anjos entrar temem).

Elle quem te jugá, roubá elle mesmo. (Quem joga rouba a si proprio).

Exemplo te papiá mais forte do que palavres. (Exemplos fallam mais alto que as palavras).

Elle quem te importá o corpo na mais, lô perdê ambos, corpo e alma. (Quem cuida só do corpo, perde tanto o corpo como a alma).

Elle quem temê per Deos, não temê per nada. (Quem respeita a Deus, não teme a ninguem).

Elle quem tem silente, consente. (Quem cala, consente).

Elle quem te suportá trabalhos com curájo tem valoróso. (Quem soffre com resignação os infortunios é victorioso).

Elle quem te juntá com ladrão, lô perdê sua fato, si vós tem com peccador elle lô rubá vossa vertudes. (Andar com ladrão perde reputação, porém associar ao peccador é perder virtude).

Fallá comquem vós te vivê, e su lô reconhecê per vós. (Diz-me com quem andas e dir-te-hei que manhas tem).

Fallá quem vossa cambrado tem e eu lô dizê vós quem tem. (Conta-me teus amigos e eu te direi que tal és).

Fazê bom sem respètá de pesson. (Fazei bem sem olhar a quem).

Goldice te rompê sua sáco. (Gulodice dá furo a algibeira).

Hum mal livro tem mais pior do que hum ladran. (Mau livro é peor que ladrão).

Hum pastro ne man tem mais bom do que dôs ne mato. (Melhor é um na mão do que dois te darei).

Hum-há de bom carachtero tem mais respétado do que o riquo. (Individuo de bom caracter é mais respeitado que um rico).

Hum limpo coraçan tem mais precióso do que ouro. (Coração limpo é mais apreciado que o ouro).

Hum verdadéro cambrado te discubrí si-mesmo ne tempo de adversidade. (Amigo verdadeiro descobre-se na adversidade).

Hum abundante hora de um glorióso vide tem mais bom do que hum torméntóso séclo innomeal. (Uma hora de vida gloriosa vale mais que um seculo inglorio).

Jogo tem o curto caminho per ruinaçan. (Jogo é o mais curto caminho que dirige para a ruina).

Mais bom per dormí sem comêro, do que irguê ne divída. (Melhor é dormir sem comer do que acordar com dividas).

Mal palavres te firi mais fundo do que ispada. (Más palavras ferem mais que a espada).

Mais iscuro que tem noite, mais luzente e glorioso tem o ma-

nhão. (Quanto mais escura fôr a noite, tanto mais luzente e gloriosa a manhã.

Mais tanto amáro per outros, mais menos serão amado. (Quanto mais amar aos outros, tanto menos serás amado).

Modestia tem o mais bom policy. (Modestia é a melhor politica).

Muito somno te fazê fraco de vista. (Muito somno enfraquece a vista).

Mundo te nistá mais santos do que prégaçan. (Mundo precisa mais de santos que de predicas).

Milhor per ter calado do que per papiá mal. (Melhor é calar que mal falar).

Necessidade tem hum pesadôro ama, mas elle té producê forti criances. (Necessidade é ama cruel, mas produz filhos fortes).

Non tem rosa sem ispinho, assi sem trabalho não tem ganho. (Assim como não ha rosas sem espinhos, assim sem trabalho não ha ganho).

Necessidade tem o ley ou necessidade nantem ley. (Necessidade não tem lei ou necessidade é a lei).

Nós bebê misinha nuvê per sabóro, maas per procurá savódi. (Bebemos remedios não para gôsto, mas para recobrar saude).

Não fazê per outros aquel que vós te desejá que outros te fazê per vós. (Não faças a outrem o que não queres que te façam a ti).

Ninguem não mistê emprestá de o rico, ninguem não mistê promettê per o pobre. (Ao rico não devas e ao pobre não promettas).

Ne hum case sem pan tudos pelejámos sem razan. (Na casa onde não ha pão todos pelejam sem ter razão).

Obres podê ganhá tudo. (Trabalho vence tudo).

O tempo de necessidade tem o tempo per conhecê amizade. (Na necessidade conhecem-se os amigos).

O mais luster o lumiar, o mais cachorrs te ladrá. (Quanto mais luzir a lua, tanto mais os cães ladram).

O pastro despôs de fugí não valê per fichá gaiola. (O passaro uma vez fugido não vale a pena engaiolá-lo de novo).

O bebérajo tem mais ruinoso do que doensa. (Bebida é mais devastadora que a doença).

Preguiça tem o raiz de tudo o mal. (Preguiça é o alicerce de todo o mal).

Preguiça tem mãe de pobreza. (Preguiça é mãe da pobreza).

Preguiça tem o ruino de home viventi. (Preguiça é ruina do homem).

Preguiça tem mãe de tudo vicio. (Preguiça é mãe de todo o vicio).

Preventamento tem mais bom do que o cure. (Prevenção é melhor que a cura).

Pae de hum ladran nan condèná per sua filjo de laderviça. (Pae de um ladrão não condemna seu filho pelo furto).

Per bom intendedor mettade palavre tem basta. (Bom entendedor meia palavra é bastante).

Quando coraçan tem direito, os palavres não podê errá. (Quando consciencia for recta, palavras não erram).

Quem rie moito, prendê pócu. (Quem muito ri, pouco aprende).

Quem fazê que elle quer, te procurá que não quer. (Quem faz o que quer, experimenta o que não quer).

Quem nan riscá, num podê ganhá, nem perdê. (Quem não aventurou, não ganhou nem perdeu).

Quem te promettê tem certo de fazê. (Quem promette na divida se mette).

Rei torto tem razan morto. (Rei torto, razão morto).

Riquéza nuvê duravel e pobréza nuvê opprobio. (Riqueza não é firmeza nem pobreza é vileza).

Si sal te perdê sua sabôro tóma nan recebê. (Se sal perder o seu sabor, não se recupera).

Tudo o que luzê nũ vê dianmante. (Nem tudo o que luz é diamante).

Tudos querrê justiça, mas nunca contamiá com elle mesmo. (Todos querem justiça, mas ninguem á sua porta).

Tem mais leve per pegá hum mentiróso que um lejado. (É mais facil apanhar um mentiroso que um coxo).

Unidade tem forçóso. (União faz força).

Vivêro de pae-mãi tem um exemplo poderoso per criances. (O viver dos paes é um poderoso exemplo para os filhos).

Verdadêro religio tem o fundamento de o sociedade. (Verdadeira religião é um alicerce da sociedade).

Verdade podê ser maltratado, mas nan ganhado. (Verdade será cansada, mas não vencida).

(Publicados no *Nacionalista*, n.ºˢ 39, 40 e 41).

IV

MISERERE [1]

Psalm 50.

Oh Deos, compadecê permi: confórma tua grandi misericordia.

E confórma o multidade de tua terno [2] misericordia: burrá minho pecado.

Lavá parmi ainda de meo maldade: e limpá mi de minho pecado.

Vidéque [3] eu ti culpá mi de minho pecados: e meo maldade tem cada hora de mi diante [4].

Conter ti namás [5] eu já pecá, e eu fazê mal ne tua vista: porqui tu podê ficá justificado ne tua palavres, e podê ganhá quehora [6] tu lô julgá.

Porqui oljá, eu já ficá consebido ne maldade: e ne pecado meo mãi já generá [7] parmi.

Porqui oljá, tu já amá verdadi: os cousos duvidóso e iscundido de tua sabèdoria, tu já mustrá parmi.

Tu lô bruffá [8] par mi de hyssopo, e eu lô ficá limpu: tu ló lavá parmi e eu lô ficá más branco do qui neve.

Tu lô fazê mi per ouví de allegria e contentament: e o ossos qui já ficá humiliado lô allagrá.

Virá tua rósto de minho pecados: e burrá tudo minha iniquidades.

Formá, oh Deos, hum limpu coreçan ne mi: e renová hum drêto [9] ispirito ne meo entranhas.

Ne mistê pinchá [10] mi de tua precencia: e nan tirá de mi tua Santo Ispiríto.

---

[1] Ha muitas traducções de *miserere*, mas esta é conforme com a que geralmente se canta nas igrejas catholicas nesta ilha.

[2] *Terno misericordia* = grande misericordia.

[3] *Vidéque* = porque.

[4] *Cada hora de midiante* = sempre diante de mim.

[5] *Conter ti namás* = só contra vós.

[6] *Que-hora* = quando.

[7] *Generá parmi* = me concebeu.

[8] *Tu lo bruffá par mi* = vós fareis sobre mim a aspersão (Asperges me).

[9] *Drêto ispirito* = espirito justo ou recto.

[10] *Ne mistê pinchá* = não me aparteis ou expulseis.

Dá parmi o allegria de tua salvaçan: e fortificá ni de hum perfêto ispiríto.

Eu lô ensiná per o justos tua caminho: e o malditos lô fica convertido per ti.

Livrá par mi do sangui, oh Deos, tu Deos da minha salvaçan: e meo lingu lô exhaltá [1] tua louvour.

Tu lô abri minha bêsos, oh Sinhor: e meo bôco proclamá tua louvour.

Porqui si tu já diziá sacrifiso [2] eu certomente lôdiá dá [3] de quémado offersos [4] tu nan tem satisfêto.

O sacrifiso per Deos tem hum afflitado ispiríto: oh Deos, tu nan disprezá hum contristado e humiljado coreçan.

Julgá cum favor, oh Deos, ne tua boa vontade com Sion: paraqui o paredio de Jerusalem [5] lô ser consertado.

Aquelhora tu lô acceptá o sacrifiço [6] de justicia, oblaçans, e enteiro quemado offerços: aquelhora ellotros lô gardá vakinhas [7] ne tua altar.

Gloria ao Pae, ao Filjo e ao Ispiríto Santo: Como era ne prinçipio, agora, sempre e cada sempre [8]. Amen.

(Publicado no *Nacionalista*, n.º 47).

V

NOSSA OBREIROS

Tudo vistimento,
Tambem o comèria [9],
Num podê comprá
Par vide carestia.

Todo foi barrato
Ne tempo passado,
Mas agora já susdê
Per pagá dobrado.

---

1 *Lingu lo exhaltá* = lingoa publicará.
2 *Diziá sacrifiso* = desejaes um sacrificio.
3 *Lôdiá dá* = dar-vos-hia logo ou vo-lo daria.
4 *De quémado offersos* = de holocaustos.
5 *O paredio de Jerusalem* = os muros ou muralhas de Jerusalem (*muri*).
6 *Acceptá o sacrifiço* = acceitareis o sacrificio.
7 *Vakinhas* = victimas (*vitulus*).
8 *Cada sempre* = seculos dos seculos.
9 *Comèria* = comestivel.

Muito de Berghers [1]
Per certo obreiros,
Mas ninguem de ellotros
Tem grande riqueiros [2].

O inteiro semana
Te gastá sua suor,
Mas ne dia de pága
Tandá [3] casa com dor.

Tudos gentes te sabê
Que tem lamentação,
Mas te fichá oljos
Sem prestá attenção.

Aquel pobre soma
Que tem pagamento,
Nuntem bástа per elles
Per sua sustento.

Mulheiras e crianças [4]
Tudos te padecê,
Sem trapo e comére [5]
Cum vergónha te vivê.

Proveito de reméde [6]
Outros te permanicê [7],
Mas pobre obreiros
Cum dor te padicê.

Per corpo, nem alma
Ninhum consolação,
Sempre te trabaljá,
Sem nihum satisfação.

Isto cousa susdê
Per elles muito bebê,
Bebéro tudo gastá
E ne pobreza vivê.

Qui te olja oljo [8]
Per pobre obreiros,
Divudors tem tras [9]
Como feticeiros.

Alguns rico Sinhoris
Pagá póco dinêro,
Outro nan querrê dá,
Pagament de obreiro.

De quatro pecados
Que gritá por Céos,
Menos pagamento.
Tem conter Deos.

Cum todo pessons
Nós ti pedí muito,
Per pagá obreiros
Hum pága justo.

(Publicado no *Nacionalista*, n.º 48).

---

[1] *Berghers*, palavra hollandesa; applica-se a todos os descendentes do Europeus.

[2] *Riqueiros* = ricos.

[3] *Tandá* por *te andá* = volta.

[4] *Mulheiras e crianças* = mulheres e crianças.

[5] *Sem trapo e comére* = sem vestir e comer.

[6] *Proveito de reméde* = o ganho do seu mester ou salario.

[7] *Outros te permanicê* = outros aproveitam.

[8] *Qui te olja oljo* = o que vemos hoje ou ao presente.

[9] *Divudors tem tras* = devedores atrás de si.

VI

BATTÊ, BATTÊ [1]

Avelá cum jagra, amor, battê, battê,
Par me si crescê ires, amor, battê, battê.
Arroz com *jagra* [2], amor, *battê, battê,*
Para não me zangar de meu amor, *battê, battê.*

Noná [3] nuntem cazá, amor, battê, battê,
Avelá cum jagra, amor, mettê, mettê.
A senhora não quer casar-se, *battê, battê,*
Arroz com *jagra,* meu amor, metta, metta.

Quem já cumê jambu, amor, battê, battê,
Quem já pinchá corttê, amor, battê, battê.
Quem comeu jambos, meu amor? *battê, battê,*
E quem deitou fóra seus caroços, amor? *battê, battê.*

Pegá bossê sáia, noná, battê, battê,
Mustrá bossê jetu, nona, battê, battê.
Pegando por seu vestido, senhora, *battê, battê,*
Mostre-nos seu geito, senhora, *battê, battê.*

Noná nuntem cazá, amor, battê, battê,
Ella per cantá lô battê, amor, battê, battê.
A senhora não quer casar-se, *battê, battê,*
Ella canta o *battê* pelo seu amor, *batê, battê.*

Avelá, cocu, jagra, amor, battê, battê,
Par me si crescê ires, amor, battê, battê.
Arroz, coco e *jagra,* meu amor, *battê, battê,*
Para não me zangar do meu amor, *battê, battê.*

Minha amor já foi Cándy, já vi, battê, battê,
Ella per lantá lo battê alli, battê, battê.
Meu amor foi e voltou de Kandy, *battê, battê,*
Para ali cantar o *battê, battê.*

---

[1] *Battê battê.* É uma cantiga favorita, usada em todas as classes de gente d'esta ilha. As linhas são soltas sem, ás vezes, ter combinação uma com a outra

[2] Açucar de coqueiro.

[3] Palavra singalesa, significativa de «senhora», usada neste crioulo.

Tambor já levá igreja per tocá, battê, battê,
Padre já falla: «poitú vaddá [1]» battê, battê.
Tambor foi levado á igreja para tocar, *battê, battê.*
Então o padre lhe disse: «vá e volte», *battê, battê.*

Saban, poer, tudo tomá, battê, battê,
Vi, andá, lavá, meu amor, battê, battê.
Sabão, pós, tudo foi levado, *batê, battê,*
Venha, ande, e lave-se, meu amor, *battê, battê.*

Eu já amá per vós, amor, battê, battê,
Eu lô cazá cum vós, amor, battê, battê.
Eu vos amo, meu amor, *battê, battê,*
E eu casarei comvosco, meu amor, *battê, battê.*

(Publicado no *Nacionalista*, n.º 49).

VII

SOL, ISTRELLA MAAS LUME [2]

Oljae de dèdia [3]
Discubrí durante
Aurora ispalhá
Razor ardente [4].

Sol ispalhá luz,
Com sua razor resplendor [5]
Ispelho de fogo
Quando manhã sua ardor.

Recordai cristalino
Quando manhã accordá
Fazê moi maréllo [6]
Sua luz te ispalhá.

De mára fundador [7]
Ardente fazia
Mattá mal nascedor
Razor de media.

---

[1] Expressão tamil, significativa de «volte de novo» ou «vá e volte».
[2] É uma cantiga dedicada ao sol, ás estrellas e á luz.
[3] *Dedia* = de manhã.
[4] *Razor ardente* = raios brilhantes.
[5] *Razor resplendor* = raios resplandecentes.
[6] *Moi maréllo* = mui amarello.
[7] *Mára fundador* = fundo do mar.

Irgendo de mára
Mattá malles de este claran [1]
Ares de media
Sol de sua fortidan [2].

Ne mára salgado
Manêcê de ardente [3]
Descanso fundado
Ne mára corrente.

Sol fundá ne mára [4]
A rez de atarde [5]
Lume moito gosto
De sua claridade.

Gostóso ispalhava
Formóso seja elle
Onde sol fundava
Meo diana belle [6].

Formósa ispelho
Meu genti diana
Onde sol fundá
Clarissê moi mána [7].

Folles de continuo [8]
Ne mára sem riska [9]
Oljos mil oljava
Diemante sem riska.

Ficaram su luz
De lançar par riska
Folles diemante
Luzê sem tem riska.

Firmament istrado [10]
Precióso montanha
De grande valia
Gloria ne campanha [11].

O grand firmamento
O sua valor montanha
Sol, istella, lume
Gloria ne campanha.

(Publicado no *Nacionalista*, n.º 50).

VIII

STABAT MATER

Junto de o Cruz doloróso
Impê o mãi continualmente,
Oljando o Filjo
Agonisante.

Sua alma enternecido
Tinha gemê trespassada
De tormentado dôr
De agudo ispada.

---

1 *Mattá malles de este claran* = corta doença estes raios.
2 *Sol de sua fortidan* = sol bemfazejo.
3 *Manecê de ardente* = amanhece rutilante.
4 *Sol fundá ne mára* = o sol some-se no mar.
5 *A rez de atarde* = sobre a tarde.
6 *Diana belle* = crepusculo ou aurora.
7 *Clarissê moi mána* = brilha mui amena.
8 *Folles de continuo* = lençoes de agua.
9 *Sem riska* = sem mancha, limpido.
10 *Istrado* = estrellado.
11 *Ne campanha* = juntamente, junto.

De o unigeníto Filjo,
Oh qui triste e qui aflito
O morti perto oljando
O Mãi bemditto.

Sua peito tribulado
Tinha sentí dôr silente
Com o martyrio de o Filjo
Mais penetrante.

Qui coreção humano
Lôdiá dessá chorá [1]
Oljando a grande dôr
Que Virgin oppressá.

Quem podê pará dôr
Oljando o Mãi trespassado
Ne tormento do Filjo
Atormentado?

Per peccados de seo gente
Já oljá que o Crucificado
Lô morrê çoitado
Dispedassado.

Oljando ne cruz pindurado
Murrê o Filjo amado
Triste e abandonado
Ignominiado.

Dôce Mãi, moito amoróso,
Assi vós chorá justomente
Fazê descê de minha olhos
Agua como de fonte.

Pelo Christo que mi amá
Fazê que ferventemente
Minha oraçan se abrazá
Com fogo vivente.

Sancta mãi, impessá fundo
Com terno e bon effeito
Esse divino chagas
Ne meu pêto.

De tua amoróso Filjo
Este dores que tu padecê,
Repartí com minha pêto,
Qui nós bem mêrêcê.

E chorando com vossotros
Vivê sempre sentida
A morti de sua Filjo
Ne minha vida.

Par companhá vós sempre
Junto de o Cruz, tendo sort',
Lamentando de o Christo
A cruel morti.

Ne sua companhia,
Virgin preclara pura,
Fazê minha pêto um mar
De amargura.

Naqual de o Christo a morte
Amorgomente seja impressado
Porque nós sentí quanto
Christo tem sintido.

---

[1] *Qui non fleret.*

Per compaixão affectado
D'este chagas firido,
Sentindo só de amor
Perdê sentido.

Este amor abrazado,
Alá ne tribulado dia [1],
A tua dôr nos trié
Per valia.

Fazê que pelo deferencia
De cruz, vintóre me dá [2]
Que o tormento de o Christo
A mi assegurá.

Quando nossa corpo murrê
Garda nosso alma [3]
Ne reino de Paradiso
Par gloria. Amen.

(Publicado n-*O Heraldo*, de Nova Goa, n.º 1832).

Colombo (Ceilão).

TAVARES DE MELLO.

---

[1] *In die judicii.*
[2] *Ad palmam victoriae.*
[3] *Animae donetur.*

TRADIÇÕES POPULARES E LINGUAGEM

DE

VILLA REAL

(Continuação do vol. IX, pag. 229)

297

O meu amor é tão lindo,
De tão lindo me aborrece:
Inda os vejo mais bonitos,
E *á* mim não m'o parece.

298

A cigarra atrepa,
Corta a espiga ao centeio:
Quem tem um amor bonito,
Ri-se de quem *no* tem feio.

299

Castinheiro trinta ganchos,
Cada gancho trinta ninhos:
Cada ninho trinta ovos...
Conta, amor, os passarinhos.

300

Vinte e cinco guardanapos
Seis vintens em cada ponta:
Menina, qu'é tão 'sperta,
Faça-me lá essa conta.

301

Eu esperta não *no* sou,
Nem *no* 'spero vir a ser:
Vinte e cinco guardanapos
Doze mil réis vem a ser.

392

Meu amor de tão longe,
Chega-te cá mais p'ra perto:
Que me doe o coração
De te ver nesse deserto.

303

Eu ausente e tu ausente,
Dois ausentes que farão?
Mal *lo* haja quem causou
A nossa separação.

304

Quem perdeu o qu'eu achei,
Um lenço quasi novo?
Em cada ponta tem seu ramo,
No meio dois *ais qu'eu morro.*

305

S'o bem querer se pagara
Quanto me devias tu?
O bem querer não se paga,
Que não tem preço nenhum.

306

Quando t'eu disser que não,
Repara no qu'eu te digo:
Este meu dizer que não
É um sim p'ra comtigo.

307

Jinella sobre *jinella,*
Sobre *jinella* varanda:
Menina, saia cá fora,
Qu'ó seu amor aqui anda.

308

Esta noite hei de ir ás uvas,
Esta noite hei de ir a ellas:
Quem tiver as filhas guarde-as,
Qu'eu não me hei de guardar d'ellas

309
Esta noite e mais meu primo
E mais oitro camarada:
Hei de ir abanar uma pereira
Que nunca foi abanada.

310
Eu hei de ir ao Sant'Antonio
Que m'hei de lá regalar:
C'um raminho de cerejas
Que meu amor m'ha de dar.

311
Se fores ao S. João
Traz-me um S. Joãozinho:
Se não puderes com elle maior,
Traz-m'o mais pequeninho.

312
Ó prima, cantas bem,
Que não podes cantar melhor:
A hora do meio dia
Fizestes parar o sol.

313
Reixinol que tão bem cantas,
Onde fostes aprender:
Fui ao palacio da Rainha
Onde o rei 'stava a 'screver.

314
Dizeis qu'eu não sei cantar,
Dizeis bem, não saberei:
Fui ao estudo a Coimbra,
P'ra cantar não estudei.

315
Eu a cantiga que cantar
Não na canto duas vezes:
Qu'a semana tem seis dias
E o anno doze meses.

316
S'eu cantara coma ti,
S'eu tivera a tua falla:
Cantara-te uma cantiga
Qu'o teu peito regalara.

317
Nossa Senhora tem linho,
Pois quem tem linho tem linhaça:
Eu hei de servir a Senhora,
Siquer um anno de graça.

318
A Virgem Nossa Senhora
Foi a primeira mulher:
Tenho-a eu sempre a meu lado,
Diga o mundo o que quiser.

319
Que *desgracia* tamanha
Morrer o pombo á pomba:
Mais desgraçada fui eu,
Não tenho quem me responda.

320
Ó vida da minha vida,
Ó vida desarranjada:
Todos arranjam *na* vida,
Só eu não arranjo nada.

321
Ó vida da minha vida,
Minha vida, vae andando:
Fiz a cama na folhinha,
O vento ma vae levando.

322
Ó vida da minha vida,
Eu não tenho vida, não:
Eu p'ra que quero a vida,
S'ella não está na minha mão.

323
O mar pediu a Deus agua,
E os peixes a Deus fundura:
Os homens pediram dinheiro,
As mulheres formosura.

324
O ingrata, tu *fugistes*,
Deixastes-me só:
Sózinho no mundo,
Sem pena, nem dó.

325

Quando eu nasci ao mundo,
Nasceram quatro num dia:
Nasci eu e *á* desgraça,
Tristeza e melancholia.

326

Não sei se te diga adeus,
Se me vá indo embora:
Um adeus é saudoso,
Quem diz adeus sempre chora.

327

Não sei se cante, se chore,
Se *quais* melhor me será:
O cantar allivia penas,
O chorar dobrar-m'as-ha.

328

Ai de mim, ai de ti,
Ai de nós ambos e dois:
Ai de mim primeiramente,
Ai de ti ao *dipois*.

329

Hei de m'ir e deixar-te,
Como a agua deixa a fonte:
Hei de te deixar, menina,
Ó desamparo no monte.

330

Ó ingrata, tu já dormes,
Dormes e não suspiras:
Se me tu quiseras bem,
Suspiravas e não dormias.

331

Eu não posso cantar alto,
Qu'eu estou na terra alheia:
Tenho medo que me prendam,
Que me levem á cadeia.

332

Eu não posso cantar alto,
Nem meu coração me ajuda:
Morreu-me o meu pae ha pouco,
Sou filho de uma viuva.

333

Ó vida das tres vidas,
Ó vida eu serei tua:
Solteirinha e casada
E inda ao depois viuva.

334

Ó vida da minha vida,
E eu que melhor vida quero:
Deito-me na minha cama,
Viro-me p'ra onde eu quero.

335

Vae-te somno, vae-te somno,
Fora da minha criada:
Não *na* calças nem *na* vestes
Nem lhe pagas a soldada.

336

Canta, minha voz de um anjo,
Qu'eu por um anjo te venero:
Se te chego a lograr,
Nada mais do mundo quero.

337

Quando eu for d'esta terra,
Tres cousas t'hei de pedir:
Firmeza e lealdade
Até eu tornar a vir.

338

Quatro cousas quer o amo
Do criado que o serve:
Deitar tarde, erguer cedo,
Comer pouco, andar alegre.

339

Agora já se não usa
Pedir as filhas *ós* paes:
Pega-se-lhe pela mão,
Ó sogro, ella cá vae.

340

No alto d'aquella serra
Está um gato a miar:
Que lhe talharam o rabo
P'r'ó feixe de um lagar.

341

Minha mãe chama-se Rosa,
Sou filha de uma roseira:
Não me posso apartar
De rosa que tão bem cheira.

342

Alecrim á beira d'agua
Deita cheiro que rescende:
Bem me queria ir embora,
Mas os teus olhos me *prende*.

343

Muito bem parece o ouro
No pescoço da donzella:
Melhor parece a honra,
Menina, faça por ella.

344

Estando eu no caes do Porto,
Villa Real me lembrou:
Villa Real da minh'alma,
Que o Porto me enfeitiçou.

345

Se Villa Real fosse minha
Assim como é do Estado:
Fazia do Porto villa,
De Villa Real cidade.

346

Não sei qu'o Porto quer
Que tanto chama por mim:
Hei de ir morar ao Porto,
Á rua do Bomjardim.

347

Dei um ai, dei um suspiro,
Dei uma volta na cama:
P'ra ver se te encontrava,
Meu amor, da outra banda.

348

Esta noite tive um sonho
Comtigo, minha belleza:
Acordei, achei-me só,
Em sonhos não ha firmeza.

349

Esta noite tive um sonho
Muito *adevertido:*
Que tinha na minha cama
A forma do teu vestido.

350

Se tu viras o qu'eu vi,
Fugirias com'a mim:
Uma cobra a tirar agua
P'ra regar o seu jardim.

351

Hei de amar a pedra dura,
Deixar o teu coração:
A pedra dura não quebra
E tu quebras sem razão.

352

Limoeiro da calçada,
Já não quero os teus limões:
Já te cortaram *na* rama,
P'ra vender corações.

353

Pedras d'esta calçada,
Levantae-vos e *dezei:*
Quem vos passeia de noite,
Qu'eu de dia bem *no* sei.

354

Pedras d'esta calçada,
Ladrilhada, mal segura:
Quando eu passo nella,
Não ha pedra que não bula.

355

Pedras d'esta calçada,
Ladrilhada ao revés:
Quando o manco tem amores,
Que fará quem tem dois pés?

356

Eu hei de casar-me *ésti*-anno,
Ou p'ró anno que vem:
Estão os *homes* baratos
Quatro centos *ó* vintem.

357
Quem quer comprar, qu'eu vendo,
Os *homes ó* quarteirão,
Os casados a pataco,
Os solteiros a tostão:
Os viuvos não se *vende*,
Qu'esses vendidos 'stão.

358
Menina, não se namore
D'*home* que já viuvou:
Uma falla, duas fallas,. . .
Mulher que Deus me levou.

359
Menina, não se namore
D'*home* casado, qu'é p'rigo:
Namore-se de um solteiro
Que possa casar comsigo.

360
Amores d'*home* casado,
Quem *nos* toma é porque quer:
Logo á primeira resposta,...
Vá p'r'á sua mulher.

361
Hei de amar os cinco nomes,
Qui os tenho em devoção:
Antoninho, Francisquinho,
Manoel, José, João.

362
Não me sigas,
Olha que perdes o tempo:
Se t'o torno a dizer,
És falta de entendimento.

363
Nunca cantei á rebeca,
Nem foi minha criação:
Quero agora cantar,
Qui a toca meu irmão.

364
Nunca cantei á rebeca
Nem isso me deu cuidado:
Quero agora cantar,
Qui a toca meu cunhado.

365
Toque-me *nèssa* rebeca,
Repenique-me nesses dedos:
Se lhe quebrarem as cordas,
Aqui tem os meus cabellos.

366
Toque-me *nèssa* rebeca,
Que m'a faça retinir:
Tenho meus amores longe,
Que m'os *façam* aqui vir.

367
A rebeca quer qu'eu cante,
A viola qu'eu padeça:
O tocador da rebeca
Quer qu'eu por elle endoideça.

368
A rebeca sem *na* prima,
A prima sem *no* bordão:
Uma casa onde não ha mulheres
É como o caldo sem pão.

369
Abaixa-te serra alta,
Qui as outras *si* abaixarão:
Deixa passar a do limão verde
Ou do verde limão.

370
Ó cidade do Porto,
Contra ti vou dando ais:
Arrecolhes os estranhos,
Deitas fora os naturaes.

371
Adeus ó Gravellos,
Arrasado sejas tu:
Com beijos e abraços
Não te rogo mal nenhum.

372
Gravellos é pequenino,
De pequenino tem graça:
Tem uma fonte no fundo,
Dá de beber a quem passa.

373
Gravellos é pequeno,
Não é villa nem cidade:
E uma terra pequenina,
Onde brilha a mocidade.

374
Villa Sêcca já caiu,
Com-Êdo já está no chão:
Vivam-*nas* moças de Gravellos,
Por ora inda tiveram mão.

375
Onte á noite me disseram
Detrás d'aquelle cruzeiro:
Qu'o teu lenço vermelho
Era teu alcoviteiro.

376
Onte á noute me disseram,
Eu por mim não adivinho:
Tinhas *nòvos* amores,
Da minha parte estimo.

377
Eu quero bem ao cigarro,
Que me custou o meu dinheiro:
P'ra fallar ás moças
Serve-me de alcoviteiro.

378
Comprei o chapeu branco
P'ra namorar de noite:
O chapeu branco rompeu-se,
E a moça logrou-a outro.

379
Trazeis o chapeu branco
Por baixo lenço de seda:
Dubaixo do chapeu anda
Lenço de meia moeda.

380
Trazeis chapeu de palha,
Avesaes dinheiro:
Mãe de Deus! que o não devas
Im Braga *ó* chapeleiro.

381
Chamaes á amoreira triste,
Não sei que tristeza *lhi* achaes:
Amoreira cria o *sirgo,*
Com que vós vos asseiaes.

382
Delicado é o fumo,
Que passa telha dobrada:
Delicados são teus olhos,
Que namoram á pancada.

383
Delicado é o fumo,
Que passa telha e meia:
Delicados são teus olhos,
Que namoram á candeia.

384
Apagastes a candeia
Qui estava no velador:
Agora vae-te deitar
Ás escuras, meu amor.

385
Apagae essa candeia,
Qui está o azeite caro:
Defronte de mim estão olhos,
Qu'*allumeiam* mais claro.

386
Allumeia-me, candeia,
Até *ó* cima do rego:
Eu ando ameaçada
Com quem tenho pouco medo.

387
Se me quiseras bem,
Como o musgo *ó* penedo:
Tu me vieras fallar
E a ninguem tiveras medo.

388
Já fui á fonte,
Já hoje atravessei o rego:
Já vi a cadeia,
Donde podia estar preso.

389

Vae, qu'eu vou entrando
Pela moradinha dentro;
Inda que saiba que morro,
Hei de seguir o meu intento.

390

Adeus, adeus, ó Gravellos,
As costas te vou virando:
As saidas foram *honte*,
As entradas não sei quando.

391

Debaixo da oliveira
È um regalo amar:
Tem *na* folha miudinha,
Não entra lá o luar.

392

Ó luar da meia noite,
Tu és o sol dos garotos:
Eu tambem ando a elle
P'ra cumprir os meus gostos.

393

Ó luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo:
'Stou á porta de quem amo,
Não posso entrar comtigo.

394

S'a oliveira fallara,
Ella dissera o que viu:
Debaixo da sua sombra
Dois amantes encobriu.

395

Se tu queres e eu quero,
Temos o contrato feito:
Não venha cá pae nem mãe
Desmanchar o qui 'stá feito.

396

Felisbina e Felisberta
Foram duas desgraçadas:
Felisbina morreu de um tiro,
Felisberta de uma facada

397

Eu nasci ao mundo
Na hora de *tanto monta:*
Quem eu quero não me quer,
Quem me quer não me faz conta.

398

Não me atireis com pedras,
Qu'eu estou a lavar a louça:
Atirae-me com suspiros
De modo que ninguem ouça.

399

Eu hei de morrer de um tiro
Ou de uma faca de ponta:
S'hei de morrer amanhã,
Morro hoje, tanto monta.

400

Alto pinheiro manso,
Cobre-me com tua sombra:
Qu'eu furtei *ũa* menina
Não tenho onde a esconda.

401

Chegou aqui
Uma voz regalada:
Isto veio do ceu,
Na terra não foi criada.

402

Por mais qu'o lòreiro cresça,
Ao ceu não ha de chegar:
Por mais amores qu'eu tenha,
Á ti não t'hei de deixar.

403

Tenho cama de nupcias,
Travesseiro *di* ais:
Lançoes de cuidados,
Cobertores de penas mortaes.

404

Quem acceita prenda d'*home*,
Logo pode pensar:
Quem acceita 'stá em divida,
Quem as dá quer-se pagar.

405
Quem tem amor careca,
Tem a morte á cabeceira:
Quando acorda de noite
Dá c'os olhos na caveira.

406
Se 'stivera' solteira,
Fazia-te os meus carinhos:
Agora qu'estás casada,
Vae *engalhar* teus meninos.

407
Quando eu era solteira,
Usava fitas e laços:
Agora qu'*istou* casada,
Trago meus filhos nos braços.

408
Coitadinho do meu peito,
Deita *saingue* pisado:
A culpa tive-a eu
Em *ti* amar *desmasiado*.

409
Se queres ver o meu peito,
Desabrocha meu collete:
Verás o meu coração
Na ponta d'um alfinete.

410
A rosa p'ra ser boa,
Ha de ser de Alexandria:
Toda a moça p'ra ser firme,
Ha de se chamar Maria.

411
O ai é a primeira letra
Qu'eu em teu peito 'screvi:
S'alguem se perdeu no mundo,
Fui eu por via de ti.

412
Perdi a Deus;
Olha, amor, o qu'eu perdi:
Fiquei sem Deus na minh'alma,
Sem Deus, sem amor, sem ti.

413
Muita volta dá o rio
Ao redor da cachoeira:
muitas mais dá o amor,
S'elle é firme verdadeiro.

414
O senhor é cozinheiro,
O seu caldo cheira bem:
Dê-me d'elle uma pinguinha
Pela alma de sua mãe.

415
Eu bem vi o mar a arder
E as pedras a estalar:
Eu bem vi *ũa* menina
Pelo seu amor chorar.

416
Fui ao mar buscar o lume,
Queimei-me numa faisca:
Namorei-me dos teus olhos
Logo á primeira vista.

417
Ó mar de variedade,
Eu fui a que variei:
Variaram os meus olhos,
Quando p'r'ós teus olhei.

418
Já passei o mar a nado
C'uma vela branca accesa:
Em todo o mar achei agua,
Só em ti pouca firmeza.

419
Ó mar, sagrado ladrão,
Quantos *côrpos* tens em ti:
Já me lá tens pae e mãe,
Já estás vingado de mim.

420
Já passei o mar a nado
Nas ondas do teu cabello:
Agora posso dizer
Que já passei o mar sem medo.

421
Não se me dá da ***vindima,***
Nem tampouco de vendimar:
Dá-se-me das tristes noites
Que passo no lagar.

422
Fui ao Douro á ***vindima,***
Não achei que vendimar:
Vendimaram-me as costellas,
Foi o qu'eu lá fui ganhar.

423
Vendimas, vendiminhas
As vendimas boas são:
Saí de casa c'um cruzado,
Entrei com meio tostão.

424
Eu não quero mais amar,
Eu *ó* amar tenho medo;
Não me quero arriscar
A pagar o que não devo.

425
Por esta rua vou indo,
Por aquella dando volta:
Em busca do amor,
Qu'inda lhe não sei a porta.

426
Pessegueiro abanado
Da mão e não do vento:
Menina que falla a todos
Não pretende casamento.

427
Janella de pau de pinho,
Qui a meu respeito *ti abristes:*
Torna-te a *fichar,*
Faz, amor, que me não vistes.

428
Graças a Deus p'ra sempre,
Que já ouvi tua falla:
Parece que vem do ceu
E os anjos àcompanhá-la.

429
Menina das tres meninas,
Não sei qual d'ellas é:
Mandou-me aqui não sei quem
Que fosse não sei onde é.

430
Tudo é *meu bem, meu bem,*
Por ser moda de cantar:
Eu não tenho bem nenhum
Só se Deus m'o *quijer* dar.

431
Meu amor é um anjo,
Deu-mo o Deus, não *no* mereço:
Dezeis que vo-lo venda,...
Anjos do ceu não tem preço.

432
— Agora pergunto eu,
Já que vós não perguntaes:
Como ides de saude:
— Eu bem e vós como 'stais.

433
Agora começo eu
Na hora de Deus, amen:
Quem na hora de Deus anda
Sempre lh'*assucede* bem.

434
Quem diz qu'o cantar quer hora,
Falla verdade, não mente:
Eu hoje quero e não posso,
Onte cantei lindamente.

435
Eu cantar cantava bem
Lá na minha mocidade:
Agora quero e não posso,
Tudo requer a idade.

436
Tudo o qu'é verde, seca,
Lá na *tineira* do verão:
Tudo torna a renovar,
Só a mocidade não.

437
Meu amor não vás hoje,
Qu'amanhã inda é dia:
Se fores amanhã,
Eu vou na tua companhia.

438
Namorei-me de um padre,
Nunca melhor cousa fiz:
Deu-me *ũa* anagua
Da sua sobrepeliz.

439
Coitadinho, coitadinho,
Mal é de quem *no* tem:
Quem *no* tem fica com elle,
Não *no* apega a ninguem.

440
Ó paes que *tindes* as filhas
Não falleis das malfadadas:
As filhas da desgraça
Tambem nasceram honradas.

441
Fui á fonte das tres bicas,
Dar a mão á *libardade:*
'Stava varia de juizo,
Quando te fiz a vontade.

442
Dei um nó que nunca o dera,
Nem *no* eu *chigara* a dar:
Deu-o padre na igreja,
Não *no* posso desatar.

443
Jura, amor, juramos ambos,
Fazemos uma jura bem feita:
Jura que m'has de dar
Na igreja a tua mão direita.

444
Casada ha tres dias,
Ella alli vai a chorar:
Coitado de quem *nas* cria
P'ra outro castigar.

445
Sabes cantar e não cantas,
Deus te pode castigar:
Sabes cantigas bonitas,
Não m'as queres ensinar.

446
Cantigas são meninices
Palavras *lév-às* o vento:
Quem se finta em cantigas,
É falto de entendimento.

447
Quero cantar que me mandam,
Não quero ser descortês:
Quero fazer a vontade
A quem m'á mim nunca fez.

448
Quero agora cantar,
Agora me puxa a veia:
É um regalo cantar
Depois da barriga cheia.

449
Ó estrellinha do norte,
Agulha de marear:
É por onde m'eu governo
Quando te quero fallar.

450
....
Nossa Senhora faz meia,
As estrellas são *nas* agulhas,
O novelo é-*u*-a lua cheia.

451
Quatro com cinco são nove;
Agora já sei contar:
Quem me *inganou* uma vez,
Não me torna a *inganar*.

452
Quatro com cinco são nove,
Já se acabou a novena:
Amei-te com muito gosto,
Deixei-te com muita pena.

453

Triste sorte foi a minha
O meu amor ser carreiro:
Anda de 'strada em 'strada,
De ribeiro em ribeiro.

454

O meu amor é carreiro
Da Regua par'ó Pinhão:
Passa uma vida alegre
Com a aguilhada na mão.

455

Ó rio que já foste rio,
Agora és um regato:
Quem namora ás escondidas
Nem de namorar é farto.

456

Não canto por bem cantar,
Nem por boa falla ter:
Canto para cegar os olhos
A quem me não puder ver.

457

Eu se canto é com raiva,
Quem *mi* ouve bem m'intende:
Deu-me Deus habilidade
De comprar a quem me vende.

458

Gôsto de quem canta bem,
Regalo de quem escuta:
Quem escuta vae dizendo:
Cantas bem, filho .....

459

Quem diz que o cantar
Que tira penas ao coração:
Tenho cantado bastante,
Mas as penas não se me vão.

460

Eu se *ti* amo, tenho guerra,
Se te deixo, tenho dor:
Antes te quero amar com guerra,
Que deixar-te, meu amor.

461

Tanta laranja, tanta lima,
Tanto limão no chão:
Tanta menina bonita,
Tanto rapaz de feição.

462

Sou do Minho, sou minhota,
Sou filha dũa *minhoteira:*
Sei fallar aos amores,
Como qualquer da Ribeira.

463

Meu pae é chasco,
Minha mãe chasca Maria:
Tenho dois chascos em casa,
Sou filha da chascaria.

464

Quem me dera um val'verde,
Onde o vento não dera:
Quem me dera um amor,
Onde ninguem *no* soubera.

465

Quem me dera um veu preto
P'ra cobrir o meu rosto:
P'ra que nenhum magano
Dos meus olhos faça gosto.

466

Menina, venha commigo,
Peça licença a seu pae:
Seu pae é meu amigo,
Logo diz: Rosinha, vae.

467

Sepultura se me *aibra*,
Sepultura agora aqui:
S'eu neste mundo tenho
Quem queira mais *qui á* ti.

468

Namorei-me de um soldado,...
Onde *chigou* o meu brio:
De dia mata-me á fome,
De noite morro *ó* frio.

469
Meu amor é soldado,
Eu soldado não *no* q'ria:
Hei de ir livrá-lo a Chaves
Ó livro da *vadoria*.

470
Ó livro da *vadoria*,
Em fogo sejas queimado:
Foste-lo causador
Do meu amor ser soldado.

471
Atirei c'uma laranja
Por cima de Chaves fora:
A laranja caiu dentro,
Adeus Chaves, vou m'embora.

472
O somno e a perguiça
Tem-me dado muita perda:
O somno diz que me deite
E a perguiça que me não erga.

473
Eu hei de assentar praça
No coração de uma pomba:
Depois da praça assente
Darão-me baixa redonda.

474
Atirei á pera parda,
Acertei na de baguim:
Todas as penas acabam,
Só a minha não tem fim.

475
Quando eu cuidei que tinha
Os meus males acabados:
Então é qu'elles estavam
De novamente dobrados.

476
Já te podia ter dado
Um pente para a cabeça:
Se não fôra arrecear
Qu'o eu dar-t'o era perdê-lo.

477
O meu amor foi-se e deixou-me
Na maior força *di* amar:
Inda me deixou *im* tempo
De outros amores tomar.

478
Meu amor diz qu'é firme,
Qui é firme no amar:
Com'ó vento no bulir,
Com'ó vidro no estalar.

479
Tudo o que no mar nasce,
No mar *esfallece*:
Quem mais ama, mais se engana,
Quem mais faz, menos merece.

480
Meu peito é relogio,
Meu coração dá badaladas:
No dia que te não vejo
Trago as horas contadas.

481
A figueira preta
Arrebenta pelo pé:
Assim rebente a lingua
De quem diz o que não é.

482
Eu sou garoto, sou garoto,
Sou filho da garotice:
Inda que sou rapaz novo,
Nunca faltei *ó* que disse.

483
A figueira preta
Dá os figos na retorta:
Meu amor, na tua ausencia
Mil vezes pedi a morte.

484
O amor, quando se encontra,
Causa pena e dá gosto:
Dá sobresaltos no peito,
Sobem-se as côres ao rosto.

485
O amor e *ó* dinheiro
Não pode andar encoberto:
O dinheiro é chocalheiro,
E o amor é desinquieto.

486
S'eu *intrara* no teu peito,
Sabia o teu int'rior:
Assim como lá não *antro* (entro),
Não sei se me tens amor.

487
Meu amor, se te vires
No tribunal das formosas:
Apega-te ás moreninhas,
Qu'as brancas são enganosas.

488
Antre o trevo nasce o trevo,
Antre o trevo nasce a salsa:
Vale mais uma feia firme,
Do *qui* uma bonita e falsa.

489
Leitei o limão correndo,
Á tua porta parou:
Olha que tal é o mundo,
Qu'até nisso reparou.

490
Deitei o limão correndo,
Á tua porta parou:
Quando o limão tem amores
Que fará quem no deitou?

491
Não cortes a videira
Qui assobe par'á janella:
Qu'é-*u*-a escada do amor,
Que sobe e desce por ella.

492
Moro á beira do rio,
'Stou á sombra e 'stou *ó* sol:
'Stou admirada
Do cantar do *reixinol*.

493
É um regalo na vida,
Ao pé da agua morar:
Se tem sede vae beber
Se tem calor vae nadar.

494
Não quero sapato alto,
Que se m'interra n'areia:
Não quero amores na cidade
Já os tenho n'aldeia.

495
Dizeis que não pode ser
Silva verde dar um cravo:
Vedes aqui um bem bonito
Criado no monte bravo.

496
Minha mãe p'ra m'eu casar
Prometteu-me quanto tinha:
Depois que m'agarrou casada,
Deu me uma agulha sem linha.

497
Minha mãe p'ra m'eu casar
Prometteu-me tres ovelhas:
Ũa manca, *oitra* cega,
Oitra móna, sem orelhas.

498
Não me falleis em Gravellos,
Que são penas que me daes:
Onde eu tenho os meus amores,
P'ra que m'os *alembraes*.

499
Já me não lembrava Gravellos,
Nem que tal terra havia:
Agora já me não esquece
Nem de noite nem de dia.

500
Quero dá-la *espedida,*
Quero dá-la agora, agora:
Quero dá-la pequenina,
Que me quero ir embora.

501
Deixae-me ir qu'eu vou de pressa,
Levo agua, vou regar:
Amanhã é dia santo,
Tamos tempo de fallar.

502
Quero dar a *espedida*
Na folha da nabiça:
Adeus raparigas todas,
Até domingo á missa.

503
Quero dar a *espedida*
Na c'roa do meio tostão:
Senhores, que *mi ouve,*
Em geral peço perdão.

504
Quero dar a *espedida,*
Por hoje não canto mais:
Que me doe o ceu da boca
E *ós* dentes queixaes.

505
Quero dar a *espedida*
Por hoje não canto mais:
Que me doe o ceu da boca
E o coração ainda mais.

506
Eu bem sei quem *s'istá* rindo
Do meu cantar que não presta:
Saia cá *par'ó* terreiro,
Servirá de minha mestra.

507
Menina, não se admire
De eu cantar e não saber:
Eu ainda estou nova,
Ainda posso aprender.

508
É noite e o sol posto,
E o meu amor não vem:
Ou o meu amor é morto,
Ou elle matou alguem.

509
Meu amor, não embarques,
Nem deites pé no navio:
Que te quero sustentar
Nesta terra, qu'é meu brio.

510
Meninas do Bairro Alto,
Que fazeis *ó* que ganhaes?
Trazeis o amor descalço,
Nem uns sapatos lhe daes?

511
Meu amor, compra-me um lenço,
Senão dá-me o teu chapeu:
Qu'eu não posso aturar
Calor que vem do ceu.

512
A quem tem crianças,
Não se lhe *inora* o cantar:
Muita vezes canta
Com vontade de chorar.

513
O coração e *ós* olhos
São dois amantes leaes:
Quando o coração tem penas,
Logo os olhos dão sinaes.

514
Alegria e tristeza
Tudo por mim tem passado:
S'eu muito me tenho rido,
Muito mais tenho chorado.

515
Ninguem sabe apreciar
O que tem em seu poder:
Como não sabe o que perde,
Não se lhe dá de perder.

516
Quando eu tinha a minha honra,
Todos me adoravam,
Todos me respeitavam:
Agora *qui* a não tenho
De todos sou desprezada
E abandonada.

517

Já te disse, murtinheira,
Que não desses mais murtinho:
Que anda a justiça na terra
Prendendo quem faz carinhos (*sic*).

518

Ó senhor Juiz de fora,
Faça justiça na terra:
Prenda-me aquelles dois olhos
Qu'istão áquella *jinella*.

519

Menina *qu'istá jinella*,
Deite cabellos á rua:
Quando eu fôr d'esta terra,
Quero levar prenda sua.

520

Menina *qu'istá jinella*
Com seu *relojo* á cinta:
Diga-me quantas horas são,
Falle verdade e não minta.

521

Destes-m'alecrim por prenda
Por ter a folha miuda:
Quisestes-m'exp'rimentar,...
Meu amor não se muda.

522

Dizeis qui a *ruda qui* amarga,...
Quem vo-la deu a *buber*?
Sagredos d'este meu peito,...
Quem t'os deu a saber?

523

Deste-m'a *ruda* a *buber,*
Fizestes de mim diabo:
Deixalá (oxalá) *qui* o eu fosse,
Que te trazia tentado.

524

O caminho da fonte
Já de mim não é seguido:
Já *cobraram* as vidraças
Onde eu trazia o sentido.

525

Debaixo d'esta ramada
Nem chove nem cae orvalho:
Menina, s'ha de ser minha,
Não me dê mais trabalho.

526

Tenho meus sapatos rotos
D'ir e vir ao arrabalde:
Queira Deus qu'eu não rompa
Minhas solas de debalde.

527

Algum dia p'ra te ver
Passava trinta quintaes:
Agora p'ra te não ver
Passarei trinta ou mais.

528

Algum dia p'ra te ver
Dava passadas *ó* vento:
Agora não me lembras
Nem me vens *ó* pensamento.

529

As 'strellas do ceu correm
Todas numa carreirinha:
Assim a fortuna corresse
Da mão de Deus *p'rá* minha.

530

Pus-me a contar as *istrêlas*,
Contei até dezaseis:
A mais pequenina d'ellas
Comtigo a comparei.

531

Sétistrêlo vai rondando
Por cima de Chaves fora:
Recolhe-te *sétistrêlo,*
Deixa-me rondar agora.

532

A-*i*-agua do rio vae turva,
Eu fui quem *na* turvei:
Agora por meus peccados
Agua turva beberei.

533

A-*i*-agua do rio vae turva,
Cheg'*ó* mar *inclarece* (e clarece):
Esses teus olhos, menina,
Logra-os quem nos não merece.

534

Dezeis qu'eu tenho amores,
Santissimo Sacramento:
Eu nem *nos* tenho, nem *nos* quero,
Nem me vem ao pensamento.

535

O anel que tu me *destes*,
Era de vidro, *cobrou*:
Tanto dura a tua vida
Como o anel me durou.

536

Meu amor, se te prender (prenderem)
Dá-t'á prisão:
O anel d'este meu dedo
É-*u*-a tua livração.

537

O meu primeiro amor
Entreguei-o *ó romaninho*:
Estes *qui* agora tenho,
Vão pelo mesmo caminho.

538

Tenho uma pena no peito,
Que me chega até *ós* pés:
Não se me dá de morrer
Sabendo eu por quem é.

539

Com pena peguei na penna,
Com penna 'screvi um S:
P'ra 'screver *ó* amor
Que tanto de mim s'*isquece*.

540

Já o adro criou silvas
Já não tem passeador:
De certo não tenho
Nesta terra meus amores.

541

Ninguem se *finte* nos homes,
Nem no seu *darão, darão*:
Elles promettem igrejas,
E depois nem capellas dão.

542

Ninguem se *finte* nos *homes*
Nem no seu doce fallar:
Tem palavrinhas d'*assucre*,
Coração de resalgar.

543

Ninguem se *finte* nos *homes*,
Nem no seu *darei, darei*:
Desde que s'apanham servidos,
Dizem: adeus, já te paguei.

544

Mandás-te-m'aqui vir ter,
Que já aqui havias de 'star:
Eu vim, tu não *viestes*,
Aqui não hei de tornar.

545

Pequenina e bem feita
Assim se quer a mulher:
Delgadinha da cintura,
Que caiba por um anel.

546

A mamã qu'idade tinha
Quando *c'o* papá casou?
— Tinha dezoito,
Aos dezanove não *chigou*.

547

Eu amar hei de t'amar
Que t'o tenho promettido:
Casar comtigo isso nunca,
Olha, amor, logo t'o digo.

548

Olha, amor, o que te digo,
Repara e considera:
Desde que o mal estiver feito,
Pouco vale o *s'eu soubera!*

549

Já te não vale o chorar
Lagrimas *ó* pé de mim:
Sabias qu'eu era *home,*
Não te fintaras em mim.

550

Quando comecei *âmar*
Tinha dezanove annos:
Eu era muito novinha,
Fintei-me nos teus *inganos.*

551

Eu amei uma menina
Com tenção *di* a deixar:
Ella deixou-me primeiro,
Parece que devia adivinhar.

552

Eu amei uma menina
Na minha *sariedade:*
Eu amava-a com lisura,
E ella *á* mim com falsidade.

553

Anda cá, meu goivo *roixo,*
Criado na *goivaria:*
Eu amei-te com lisura,
Tu a mim com tyrannia.

554

No tempo que t'eu amei,
Melhor fôra amar um burro:
Siquer andava a cavallo,
Nunca eu perdia tudo.

555

Inda hoje não vi Anna
Nem *ó* jantar nem á ceia:
Qu'é da minha Anna,
Qu'é da minha casa cheia.

556

Maria, minha Maria,
Meu rosario sem cordão:
Tu és o meu oratorio,
Onde faço a minha oração.

557

Quem me dera o jantar,
Qu'eu inda não almocei:
Inda 'stou com a ceia,
Qui ont'á noite ceei.

558

Atirei e não matei,
Ó mal empregado tiro:
Ó minha polvora queimada,
Ó meu chumbo derretido.

559

Antre canas e canaes
A-*i*-agua devia nascer:
Menina, *qui* 'stá lá dentro,
Venha-me dar de beber.

560

Dae-me *ũa* pinguinha d'agua,
De vinho, quero dizer:
A-*i*-agua tem *semesugas,*
Tenho medo de morrer.

561

Se quereis qu'eu cante bem,
Dae-me uma pinguinha de vinho:
O vinho é coisa boa,
Faz o cantar miudinho.

562

Dae-me uma pinguinha d'agua
P'ra molhar a garganta:
Eu sou *com'ó reixinol,*
Quando bebe logo canta.

563

Canta commigo, ó prima,
Olhos de *patusqueira:*
Olha qu'o nosso cantar
Não vae vender á feira.

564

Raparigas, cantae todas,
Ajudae-me *siquer* uma:
O cantar é ser alegre,
Não é deshonra nenhuma.

565
Raparigas, cantae e *adverti-vos,*
Guardae o que vosso é:
As que não cantam nem dançam,
Tambem lh'*iscorrega* o pé.

566
Antoninho me prendeu,
José me deu á prisão:
Antoninho da minh'alma,
José do meu coração.

567
Antoninho me deu um cravo,
Manoel um anel de ouro:
Vale mais o cravo de Antonio,
Qui o anel d'aquelle doido.

568
Ó passar de um ribeirinho
Josézinho dá-me a mão:
Qu'eu prometto de ser tua,
Josézinho, d'outro não.

569
Antonio, cacho d'uvas,
Quem t'agora depennara:
De baguinho a baguinho,
Que nem um só te deixara.

570
Dá-me da tua ramada
Um *gacho* de moscatel:
Eu te darei um da minha,
Quando maduro 'stiver.

271
Antoninho, pede, pede,
Qu'eu já tenho que te dar:
Um *gachinho* de uvas,
Quando meu pae vindimar.

272
Fui á fonte buscar agua
Na casca da melancia:
Nem *bubi,* nem trouxe agua,
Nem fallei com quem eu q'ria.

573
Fui á fonte p'ra te ver.
Ao rego p'ra te fallar:
Nem na fonte nem no rego
Te pude encontrar.

574
Sapateiros e alfaiates
É um *fato* (= bando) de ladrões:
O sapateiro roub'*ás* solas,
O alfaiate os corações.

575
Eu não quero amor pedreiro,
Porque elle pisa na pedra:
Quero-o alfaiate,
Que pise na primavera.

576
S'houver de tomar amores,
Ha de ser c'um carpinteiro:
Que me faça uma caixinha
P'r'*arrecadar* o dinheiro.

577
Aquella menina cuida
Que não ha *oitra* no mundo:
Não é-*i*-o poço tão alto,
Que se lhe não veja o fundo.

578
Já tomei amores *nôvos,*
Já co'elles vou fallando:
Quando passo pelos velhos,
Dá-me o riso e vou andando.

579
Ó meu velho, velho,
Eu bem t'o *dezia:*
Rapariga nova
Que te não servia.

580
Ó meu velho, velho,
Ó meu velharrão:
Tens as barbas ruças
D'andar *ó* carvão.

581

Ó meu velho, velho,
Eu bem t'o disse *onte*:
Rapariga nova
Que te não faria conta.

582

Eu casei c'um velho,
Foi só p'ra me rir:
Fiz-lhe a cama alta,
Não pôde *assubir*.

583

Chamaes-me bexigosa,
Foi servido Deus eu tê-las:
Não ha coisa que mais brilhe,
Qui o ceu com suas *istrellas*.

584

Cuidas qu'eu por ti morro,
Qu'eu por ti rompo sapatos:
Minha cara de *bonecra*
Toda rilhada dos ratos.

585

Inda que teu pae me desse
Uma vaca c'um bezerro:
Comtigo *num* casava eu,
Minha ruça do pêlo.

586

Estes rapazes d'agora
Estes de vintem:
Quando vêem rir *ũa* rapariga,
Cuido que na mão a tem.

587

Cuidavas por m'eu rir
Que já me tinhas na mão:
Eu não sou tão rabaceira,
Que coma a fruta do chão.

588

S'houver de tomar amores,
Ha de ser c'um primo meu:
Si algum dia pelejarmos,...
Primo, não és mais do qu'eu.

589

Tu cuidas qu'és mais do qu'eu,
Serás mais ou serás menos:
Serás mais na *prejunção*,
O sangue pesá-lo-hemos.

590

Ó meu primo, ó meu primo,
Ó meu primo, *oitra* vez:
Hei de casar com meu primo,...
Roma p'ra que se fez?

591

Ó priminho, tu 'stás vario
Ou *perdestes* o juizo:
Vai bater a outra porta,
Pracura o que t'é preciso.

592

Chamastes a meu pae sogro,
Sem saber se queria eu:
Meu pae em tudo governa,
Mas nisso governo eu.

593

Chamastes a meu pae sogro,
A minha irmã cunhada:
Olha lá o que dizes,
Qu'eu apego-me á palavra.

594

Adeus, adeus, ó Escariz,
Adeus casa das Casônhas:
Tanto sonho comtigo,
Só tu commigo não sonhas.

595

Não posso comer sem dar-te,
Nem *buber* sem dar a ti:
Não posso fazer a cama
Sem dizer: deita-te aqui.

596

Bem sei que te vaes embora,
Que t'andas a preparar:
Quem fôra passarinho,
Que te fôra acompanhar.

597

Ainda não é meio dia,
Nem tampouco *onzi* horas:
Pois eu ainda aqui 'stou,
Meu amor, para que choras.

598

Não ha coisa que mais custe,
Do qu'é amar *ũa* mulher:
'Stá sempre c'os queixos *tôrtos,*
Ninguem sabe o qu'ella quer.

599

Menina vae á fonte
Com dois pucaros na mão:
Por um dê-me de *buber,*
Por outro regue o meu coração.

600

S'o mar tivera varandas,
Eu ia-te ver ao Brasil:
Mas o mar não tem varandas,
Meu amor, por onde hei d'ir?

601

Altas torres tem teu peito,
Nas mais altas já m'eu vi:
Não se me dá qu'*oitro* suba
Escadas qu'eu já desci.

602

Antes qu'eu de ti 'stou longe
Com altas serras no meio:
Firmeza e lealdade,...
Vive amor sem arreceio.

603

Não sei que sympathia
A minha alma comtigo tem:
Quando estou ao pé de ti,
Não me lembra mais ninguem.

604

Suspiros que vão ao longe
Levam vida *denegrada:*
Muitos suspiros dou eu
Que me não servem de nada.

605

Que passarinho é aquelle
Que no ar faz ameaças:
Com a boca pede um beijo,
Com as asas um abraço.

606

Em Lisboa anda a guerra,
Qu'eu bem ouço cá os tiros:
Bem ouço combater
Meus ais com teus suspiros.

607

Suspirando, dando ais,
Anda o amor pela rua:
Suspira quanto quiseres,
Não pretendo ser tua.

608

Acipreste florida (*sic*)
Foi coisa qu'eu nunca vi:
Não te gabes que me deixas,
Qu'eu nunca te pretendi.

609

S'os suspiros *andasse,*
Eu dava duzentos *num* hora,
Que *fosse* bater *ó* peito
De quem me lembrou agora.

610

Quem me dera estar agora
Onde está o meu pensamento:
Do Porto para fora,
De Villa Real para dentro.

611

Esta noite choveu ouro,
Diamantes orvalhou:
Logo veio o sol com seu raio
Enxugar quem se molhou.

612

Tu cuidas o qu'eu não cuido,
Imaginas o qu'eu não sei:
Tenho o rol da tua vida,
E mais não me enganarei.

613
Jinellas avarandadas
Só o meu amor as tem:
Hei de fazer *jinellas* avarandadas
.... tambem.

614
Francisquinho, faz o caldo,
Francisquinho, dá-me d'elle:
Francisquinho, não tem sal,
Francisquinho, vae por elle.

615
O meu amor não é aquelle,
Qu'eu pelo andar o conheço:
Tem *no* andar miudinho
Com'á folha do codêço.

616
O meu amor não é aquelle,
O meu é mais *ramalhão:*
Quando tir'*ó* chapeu,
Chegam as fitas *ó* chão.

617
Trazeis chapeu á vareira,
Mandae-o arredondar:
De baixo do chapeu andam
Olhos de namorar.

618
Ergue o chapeu p'ra cima,
Não *no* tragas sempre á banda:
Ainda que seu pae é rico,
A roda tambem desanda.

619
Erga o chapeu p'ra cima,
Não *no* traga derrubado:
Eu quero ver a meu gosto
Essa boca de cravo.

620
Rapaz, tu és vario,
Rapaz, tu és vareiro:
Tu vendes sardinha,
Rapaz, tu és sardinheiro.

621
Eu vendo sardinha
Ha dois ou tres meses:
Ella é muito boa,
Deve q'rer lá, freguês.

622
Menina, não se admire
D'eu casar c'um paneleiro:
Do barro se *faz* panelas,
Das panelas o dinheiro.

623
Ninguem descubra o peito
Por maior que seja a dor:
Quem *no* seu peito descobre
A si mesmo é traidor.

624
Ninguem descubra o seu peito,
Por mais amiga que seja sua:
Aquella amiga tem outra,
Logo se sabe na rua.

625
Ninguem descubra o seu peito
Por maior que sej'*á* pena:
Quem seu peito descobre
A si mesmo é tyranno.

626
Quem me dera *ũa* amiga
Igual ao meu parecer:
Estas meninas d'agora
São de levar e trazer.

627
Quero cantar, qu'é de noite,
A noite tudo encobre:
Dê-me uma falla, menina,
Qu'a sua gente já dorme.

628
Passei pela tua porta,
Bem te vi, não te fallei:
Por via da tua gente
Bem ao *desfarço* me dei.

629

Ó meu amor, *desfarça*,
Desfarça e põe-te *sesudo:*
Desfarça quanto puderes,
Que no *desfarço* vae tudo.

630

Chamastes-me morena
Diente de tanta gente:
Agora ficarei no mundo
Moreninha para sempre.

631

Costureira, mão de neve,
Dá o ponto miudinho:
Inda espero de romper
D'essas mãos um collarinho.

632

O minha cara de neve,
Deita *poses ó* cabello:
O mimo qu'agora tens
Por tempo has de perdê-lo.

633

O meu amor não é aquelle,
O meu amor usa chapeu:
Tem um andar miudinho
Com'*ás* estrellas do ceu.

634

O meu coração é teu,
E o teu de quem será?
O meu morre pelo teu,
O teu por quem morrerá?

635

Indo eu por aqui p'ra baixo
Ós saltinhos com'*á* rola:
Vou entregar a minh'alma
Á Virgem Nossa Senhora.

636

Ó ai, li, la, ló
Meu bem:
'Stou na minha liberdade,
Não se me dá de ninguem.

637

Ó ai: eu, se não quero,
Não vou:
Eu, se vou, é porque quero,
A mim ninguem me mandou.

638

Ai, mais ai:
Ai, mais ai:
Tão cedo tomei amores,
Mais cedo fiquei sem pae.

639

Alegria, *si* a tenho,
Deu-m'a Deus de natureza:
Não é por m'a mim faltar
No meu coração tristeza.

640

Dezeis qu'eu sou atrevida,
Viva meu atrevimento:
Onde não for conhecida,
Tomarei conhecimento.

641

Inda hoje não comi
Senão lagrimas com pão:
São *nos* almocinhos
Qu'os meus amores me dão.

642

Eu casei-me por um anno
Para ver a vida que tinha:
O anno vae acabado,
Quem me dera solteirinha.

643

Solteirinha, não te cases,
Goza-te da *bõa* vida:
Eu bem sei *ũa* casada
Que chora de arrependida.

644

Rosa, que 'stás na roseira,
Deixa-te 'star, se 'stás bem:
Mimosa e regalada
Á somhra de tua mãe.

645
Rosa, que 'stás na roseira,
Deixa-te 'star no botão:
Despois de 'stares aberta
Já *num* 'stás em 'stimação.

646
Quem me dera *ũa* mãe,
Inda qu'ella fosse *ũa* silva:
Por mais que me picasse,
Sempr'eu eu era sua filha.

647
Minha mãe, que me *criastes*
Ao peito com tanto mimo:
Agora vou p'r'*á* guerra
Morrer com'um passarinho.

648
Ó meu pae, ó minha mãe,
Não me chame mais seu filho:
Eu sou um triste soldado,
Por trinta réis vou vendido.

649
Aquella menina chora,
Chora, qu'eu a enganei:
Ella neste mundo chora,
Eu no *oitro* penarei.

650
Eu a amar-te e a querer-te,
Tu a fugires de mim:
Deus te dê por castigo
Uma pena sem ter fim.

651
Eu de fronte, vós á vista,
Nem eu vejo, nem vós vêdes:
Mal *lo* hajam os pedreiros,
Que fizeram *nas* paredes.

652
Ó Anna, só tu és Anna,
Ó Anna, só tu és *ũa*:
Debaixo da tua cama
Põe-se o sol e nasce a lũa.

653
O sol, quando nasce, inclina
Ás pedras do meu anel:
Tambem eu inclinei
Aos olhos de Manoel.

654
O sol cuida que m'ingana,
Mas eu sei lhe andar *ó* geito:
Quando nasce, já m'eu ergo,
Quando s'*isconde*, já m'eu deito.

655
O sol anda e desanda
Pelo mundo *ó* redôr:
Eu nem ando nem desando,
Sou firme *ó* meu amor.

656
A folha do ólmo vira,
Vira, *qui* a vira o vento:
Eu inda me não virei
Do meu primeiro intento.

657
Agora é qu'eu vou *intrando*,
Na rua da *prejunção*:
Quem quiser sair que saia,
As armas á cinta vão.

658
Falle-me de longe,
Diga-me o que quer:
Eu trago armas á cinta,
Sou *home*, não sou mulher.

659
Inda que meu pae me mate,
Minha mãe me tire a vida:
Minha palavra 'stá dada,
Minha mão 'stá promettida.

660
'Stá o ceu ennevoado,
P'ra chover e não chove:
'Stá o meu amor doente
P'ra morrer e não morre.

661
'Stá o ceu ennevoado,
E mais não ha de chover:
'Stá o meu amor doente,
E mais não ha de morrer.

662
'Stá o ceu ennevoado,
Cercadinho de *relampos:*
Menina, acceite visitas
Do amor dos olhos brancos.

663
Olhos brancos, olhos pretos,
Olhos azues, olhos verdes:
Estas quatro castas de olhos
Em poucas caras os vêdes.

664
Que rua tão escura!
Não vejo nada por ella:
Bem podias tu, menina,
Pôr candeias á *jinella.*

665
Rua abaixo, rua acima,
Todo o mundo me quer bem:
Só a mãe do meu amor
Não sei que raiva me tem.

666
Anda cá, minha raivosa,
Desenraiva-te commigo:
Olha que de Deus abaixo
Não topas outro abrigo.

667
Quem me dera ver meu sogro,
A minha sogra bem *na* vejo:
Quem me dera ver o filho,
Qu'é a coisa qu'eu mais desejo.

668
Meu amor emmonou-se,
D'emmonado foi ás moras:
Anda cá, meu emmonado,
Qu'isso dura-te poucas horas.

669
O meu amor emmonou-se,
Não me quis de comer nada:
Comeu dezoito broas
E um alguidar de *selada.*

670
Barquinho, que vaes p'r'*ó* Porto,
Leva-me ó senhor arraes:
Eu peso muito poucochinho,
Peso quatro quintaes.

671
Lá vem *no* barco á vela,
La vem *na* sardinha boa:
Lá vem *no* meu amorzinho
Sentadinho na proa.

672
Tudo o que no mar embarca,
Á barra do Porto vem:
Tudo vejo vir á vela,
Só o meu amor *num* vem.

673
Azeitona verdial,
Amor, comemo-la ambos:
S'ella tiver veneno,
Morreremos ambos:

674
O coelho é *metreiro,*
Dorme c'os olhos abertos:
Eu tambem assim farei,
Tenho os meus amores certos.

675
Rosa branca toma côr
Não sejas tão desmaiada:
Que dizem as *oitras* rosas,
Rosa branca não é nada.

676
Não sei que rua é esta,
Que nem um retiro tem:
Quero-te fallar e *num* posso
Por causa de tua mãe.

677

Atirei co' verde *ó* verde,
Atirei co' verde *ó* ar:
Atirei o meu pensamento
Onde eu não posso chigar.

678

Inda agora aqui *chiguei,*
Mais cedo não pude vir:
Inda venho bem a tempo
Das tuas fallas ouvir.

679

Ó olhos, que vindes ver,
P'ra ver já vindes tarde:
Vinde amanhã mais cedo,
Vereis á vossa vontade.

680

Os meus olhos não são olhos,
'Stando os teus defronte:
São dois rios d'agua turva,
Quando vão de monte a monte.

681

Passarinho passa o rio,
Passa o rio e não bebe:
Tambem eu passava a noite
Comtigo, cara de neve.

682

Ó que pinheiro tão alto
Co'as pinhas tão còradas:
É com'as moças novas,
Emquanto *num* 'stão casadas.

683

Ó que pinheiro tão alto,
Com as pinhas rebaixou:
Assim foi *ũa* menina
Com amores que tomou.

684

O papel com que te escrevo,
Sae-me da palma da mão:
A tinta sae-me dos olhos,
A pena do coração.

685

Eu hei d'ir á tua terra,
Á tua missa do dia:
Que muito me tem gabado
Essa tua freguesia.

686

Da minha casa p'r'*á* tua
É o salto d'*ũa* cobra:
Inda 'spero *di* chamar
Á tua mãe minha sogra.

687

Dá-me a tua mão esquerda,
Que t'a quero apertar:
Já te não peço a direita,
Que tens a quem *na* dar.

688

Quem fòra tão ditoso
Com'*ó* linho que fiaes:
Que vos dera tanto beijo,
Como vós *ó* linho daes.

689

Ó Malhão, triste Malhão,
Negra vida t'hei d'eu dar:
Não hei de casar comtigo,
Nem t'hei de deixar casar.

690

Meu amor, procura agrados,
Não procures formusura:
Formusura sem agrados
É viver na noite escura.

691

Se me queres amar, ama,
Senão lá te avem:
O mundo é muito grande,
Não falta quem queira bem.

692

Adeus, quinta do retiro,
Eu me vou a retirar:
Tenho feito juramento
D'*ó* retiro não tornar.

693
Senhor, dê-me licença,
Qu'eu quero dar um suspiro:
Eu quero alliviar paixões
Que trago commigo.

694
S'eu quisera, bem pudera,
S'eu quiser, bem poderei:
Dar allivio *ós* teus males,
Qu'eu fui a que t'os causei.

695
S'eu quisera, bem pudera
Fazer o dia maior:
Dar um nó na fita verde,
Deitar embargos *ó* sol.

696
....
Quem vem commigo, quem vem?
Pelos geitos qu'eu vou vendo
Commigo não vem ninguem.

697
Coitadinho de quem tem
Os seus amores alem do rio:
Quer-lhe fallar e não póde,
Do coração faz navio.

698
— Anda cá, minha perola,
Do meu peito desejada:
No ventre de tua mãe
Já meu coração *ti* amava.

699
— No ventre de minha mãe,
Isso não podia ser:
Que tu não adivinhavas
Qu'eu estava p'ra nascer.

700
Esta noite sonhei eu,
A outra sonhada a tinha:
Sonhei *qui* 'stava comtigo,
Acordei, achei me sòzinha.

701
D'aqui p'r'*á* minha terra
Tudo é caminho chão:
Tudo são cravos e rosas
Postas pela minha mão.

702
D'aqui p'r'*á* minha terra
Tudo é 'strada nova:
Inda hei de tomar amores
C'um tocador de viola.

703
S'eu soubesse que tu vinhas
Como de facto vieste:
Mandava varrer a rua
C'um raminho d'*acipreste*.

704
Eu amei-te, foi um sonho,
Foi uma variedade:
Foi emquanto não achei
Amores á minha vontade.

705
O meu amor me disse *onte*
Qu'eu *qu*'andava còradinha:
Meu amor, não desconfies,
Qu'esta côr foi sempre a minha.

706
Menina, não se admire
D'eu cantar e ser casada:
É com o gosto que tenho
De me ver bem empregada.

707
Se te vira bem casada,
Este gosto era o meu:
Vejo-te mal empregada,
Choro o meu mal e o teu.

708
Minha mãe quer que m'eu case,
Não se lembra do futuro:
Não se lembra *di* a *buxa,*
Qui os pobres *homes aturo.*

709
Meu amor é um cravo,
Eu bem *no* soube escolher:
Na roseira não ha outro,
Só se lh'agora nascer.

710
Fui ao jardim passear,
A ver se encontrava o meu amor:
Encontrei o retrato d'elle
Na mais mimosa flor.

711
Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões,
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixões.

712
Meu amor, não me zeles,
Olha qu'eu de zelos morro:
Um amor que se não zela
Ou é falso ou é tolo.

713
A oliveira é a paz
O pessegueiro é a guerra:
Se não fossem os teus agrados,
Já não 'stava nesta terra.

714
Alecrim á beira d'agua
Deita cheiro que rescende:
Bem me queria ir embora,
Mas os teus olhinhos me *prende*.

715
D'aqui p'r'*á* minha terra
Tudo é salsa pelas paredes:
Significa sentimento
De te ver tão raras vezes.

716
Não sei que significa
O elo na *verde louca*:
Significa lealdade,
Eu em ti acho bem pouca.

717
Ó vida que lá me tendes
O meu coração por prenda:
Olha lá como me tratas,
Qu'eu tenho quem me defenda.

718
Á tua porta 'stou morto
Tratae de m'ir enterrar:
Na tua mão 'stava a vida,
Se m'a tu quisesses dar.

719
Já morri, já m'enterraram,
Já me deitaram terrões:
Tornei a resuscitar
Com tuas orações.

720
Ja morri, já m'enterraram,
Ja me deitaram terra fria:
Tornei a resuscitar
Com tuas ave-marias.

721
S'eu soubesse o padre-nosso,
Como sei cantar cantigas:
Andava sempre a rezar
Por alma das raparigas.

722
Triste sorte foi eu ver-te,
Atrevimento fallar-te:
Delicto era pretender-te,
Pena de morte deixar-te.

723
Tudo era mata, mata,
Eu nunca matei ninguem:
Por via do mata, mata
É qu'eu hei de ir por ahi alem.

724
S'o cantar dera dinheiro,
Eu faria por cantar bem:
O cantar não dá dinheiro,
Canto por aqui *ò* desdem.

725

Tu cantas e eu canto,[1]
Quaes de nós canta melhor?
A minha voz encobre a tua,
Cala-te lá *reixinol*.

726

O lòreiro é pau verde
Sêca seja a tua rama:
Inda não tenho amores,
Já me querem pôr a fama.

727

Tenho o meu pão amassado
E o meu velho a morrer:
Antes o meu velho morra
Do qu'*ó* meu pão se vá perder.

728

Ó olhos da minha cara,
Ninguem vos veja mais rir:
Já que *soubestes* amar,
Sabei tambem sentir.

729

Adeus, adeus, ó Gravelos,
Quem vos correra *ós* tiros:
C'*ũa* pistola de prata
Carregada de suspiros.

730

Villa Real está de luto
Do Campo até á Carreira:
Chorae raparigas todas
Que já la vae o Gil Bardeira.

731

Meu amor, se te fores,
Diz-me a quem eu hei de amar:
— Não ames a mais ninguem,
Qu'eu, se for, hei de tornar.

732

Não se me dá qu'*oitro* suba
As escadas qu'eu já desci:
Não se me dá qu'outro logre
Amores qu'eu por gosto perdi.

733

Fui á fonte buscar agua,
Bebi, tornei a beber:
Nem o meu coração s'enfada
Nem os meus olhos em te ver.

734

Ó mar largo, ó mar largo,
Ó mar largo sem ter fundo:
Vale mais andar no mar largo
Do que nas bocas do mundo.

735

Fostes fallar mal de mim,
Coração, alma damnada:
Que te custava a *dezer:*
D'essa mulher não sei nada.

736

A oliveira é benta,
Ramo d'ella tem virtude:
Quem vem aqui de tão longe
Saber da tua saude?

737

Tenho pena sobre pena,
Mas não é de 'screver:
A maior pena qu'eu tenho
É se te não torno a ver.

738

Eu não posso cantar alto,
Que me morreu uma gata:
Coitado de quem é pobre,
Qualquer coisa lhe faz falta.

---

[1] *Variante:* Tu de cá e eu de lá.

739
Olhos, *abalisae* (= abandonae?)
A terra por onde fores:
Eu tambem *abalisei*
Os meus primeiros amores.

740
Coitadinho de quem ama
Sem primeiro ser amado:
Fica com o tempo perdido
E o coração magoado.

741
Meu amor d'algum dia,
Quer's-te tu compadecer:
Quer's-me tu pagar o tempo
Que me tens feito perder.

742
S'algum dia eu não dera
Ós meus olhos larga vista:
'Scusava agora d'andar
Co'esses teus em justiça.

743
Ó amor, ó desamor,
Tão mau pago deixaes:
Primeiro tudo são gostos,
Depois suspiros e ais.

744
Beldroegas são ciumes:
Coives aborrecimento:
Alfacias são saudades,
Eu por ti trago bastantes.

745
Coitadinho de quem nasce
Par'*ó* mundo sem ventura:
É com'*ó* prato quebrado,
Que se deita para a rua.

746
Amar a quem me não ama. . .
Não ha sorte mais tyranna:
Conhecer o proprio erro,
Viver no mesmo engano.

747
Ser leal a quem me é falso
Só eu nesta vida o fiz:
Em tudo sou desgraçado,
Pois eu julgo-me feliz.

748
O fado, ó triste fado,
É tempo de acabares:
S'hei de viver em ternura,
Ó morte, vem-me buscar.

749
O serpão é miudinho,
Não se pode apanhar junto:
Menina, fuja de ter amores,
Olhe que deixá-los custa muito.

750
Se fores *ó* Porto,
Traz-m'um saiote,
Co'a barra preta,
Que não debote.

751
Se fores *ó* Porto,
Eu tambem vou:
Buscar *ũa* rosa
Que lá ficou.

752
Meu canivete dourado
Caiu *ó* poço, afundou:
Deixemos fallar o mundo,
Quero-te bem, acabou.

753
O sol dês que p'r'álli vae,
Ja vae brandinho, *num* queima:
Hei de lograr os teus olhos
Só por via d'*ũa* teima.

754
Se Villa Real fôra minha,
Assim como é dos estudantes:
Mandava pôr no centro
Um vaso de diamantes.

755

Perguntaes d'onde eu sou,
D'onde é a minha gèração:
Eu sou de Villa Real,
Das guardas do sabão.

756

Perguntaes-me d'onde sou,
D'onde serei agora:
Eu sou do Porto,
Dos arrabaldes de fora.

757

Senhora da Saude,
Quem pergunta saber quer,
Se a romaria é acceite
Do homem sem a mulher.

758

'Stou rouca, enrouquecida,
Do meu peito encerrada:
Isto foi *ũa* paixão
A teu respeito causada.

759

Eu hei d'assubir *ó* alto,
Ó alto hei de assubir:
Quem *ó* mais alto assobe
Ó mais baixo vem cair.

760

Hei d'assubir *ó* alto,
Qu'eu do alto vejo bem:
Para ver o meu amor
Se falla com alguem.

761

Chorae, olhos, chorae, olhos,
Chorae pelo que perdestes:
Chorae, olhos, chorae,
Que lhe *nun* valestes.

762

Ó vida da minha vida,
Eu não tenho vida, não:
Fugiu-me a minha pombinha,
Deixou-me as pennas na mão.

763

Ó minha maçã vermelhinha,
Onde deixastes o cheiro:
— Deixei-o na tua cama,
Na renda do travesseiro.

764

Ó meu amor, quem te disse
Qu'eu dormindo suspirava:
Quem t'o disse não mentiu,
Qu'eu por ti suspiros dava.

765

Rua abaixo, rua acima,
Sempre com o chapeu na mão:
Num tive quem me dixesse:
Cubra-se o meu coração (= o meu amor).

766

Minha maçã camoesa
Picada do *reixinol:*
Quem te picou, que t'aproveite,
Porque te comeu o melhor.

767

A fonte da Tenaria
Hei de mandá-la *atupir:*
Ella *é-u*-a perdição
Das criadas de servir.

768

Assenta-te aqui Antonio,
Será a vida que teremos:
Anda a morte pelo mundo,
Cedo nos apartaremos.

769

A folha do castinheiro
No ar tem o seu abrigo:
Quem ha de fallar não falla,
Falla quem tem que lhe *digo*.

770

Castinheiro *candaro* sêco,
Que castanhas pode dar?
Home pobre sem dinheiro
Qu'amores pode tomar?

771
Ó adro, terra de igreja,
D'onde se enterram *nos* anjinhos:
Ó terra qui 'stás comendo
Côrpos tão delicadinhos.

772
Fui á sepultura ver
Os braços da minha amada:
Achei tudo reduzido
A pó, terra, cinza e nada.

773
Nossa Senhora m'ajude,
Ella me queira ajudar:
A findar este serviço
Para *oitro* começar.

774
Nossa Senhora m'ajude,
Ó que linda falla eu dei:
Ja logrei os teus carinhos,
Agora descansarei.

775
Sabe Deus d'hoje a um anno,
Onde 'stará o meu corpo:
'Stará nesses teus braços,
Ou na sepultura morto?

776
Tenho-te dado conversa,
Liberdade ainda não:
Se t'a eu tivera dado,
Morreria de paixão.

777
Ó derriço, dá cá isso,
Que levas na mão fechada:
Se a levasses aberta,
Já te não pedia nada.

778
Segunda feira te amo,
Na terça te quero bem:
Na quarta por ti morro,
Na quinta por mais ninguem.

779
Ó meu amor d'algum dia,
Queres-te tu compadecer?
Queres-me pagar o tempo
Que me tens feito perder?

780
Ó meu amor d'algum dia,
Queres-me tu ainda bem?
— Essa pergunta 'stá boa,
Isso que duvida tem?

781
Eu hei de t'amar, amar,
Eu hei de te querer, querer:
Hei de te tirar de casa
Sem tua mãe saber.

782
Eu hei de t'amar, amar,
Eu hei de te querer bem:
Hei de te tirar de casa
Sem o saber tua mãe.

783
Graces a Deus
Já o cuco é tendeiro:
Foi armar a tenda
No mais alto *castinheiro*.

784
O meu amor é ourives,
O teu é mercador:
O meu dá-me prendas d'ouro,
O teu saias de côr.

785
Chamaes-me *marellinha*,
Eu *marellinha* quero ser:
Marellinho é o ouro,
Eu que mais quero valer?

786
Lá vem a cara amarella,
Lá vem o andar de brio:
Lá vem o *assucre* em ponto,
Ao longe mette fastio.

787
Aqui neste canto recanto,
Aqui neste recantinho:
Aqui bate a pomba a asa,
Aqui faz a rola o ninho.

788
Ó minha pombinha branca,
Empresta-me o teu vestido:
— O meu vestido são pennas,
Eu tambem em penas vivo.

789
Quem te fez o colletinho
Tão chegado ao coração:
Ainda qu'eu queira não posso
La metter a minha mão.

790
Namorados, fallae baixo,
Qu'as paredes tem ouvidos:
Os *sagredos* mais encobertos
São sempre os mais sabidos.

791
O meu amor quer qu'eu tenha
Juizo e capacidade:
Tenha-a elle qu'é mais velho,
Qu'eu sou de menor idade.

792
Não me tussas, não m'escarres,
Qu'eu não tenho nenhum erro:
Sou com'*á* laranjinha,
Quando sae do arvoredo.

793
Ó arvoredo fechado,
Não digas qu'eu aqui vim:
Eu *num* quero qu'o amor saiba
Novas nem partes de mim.

794
Aqui tens o meu coração
E as chaves par'*ó* abrir:
Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir.

795
Tenho dentro no meu peito
Um cravo roxo a abrir:
Ninguem sabe o meu intento,
Nem *quaes* eu hei de seguir.

796
Ai de mim, qu'eu ja não posso
Com tantas penas amar-te:
São tantos a pretender-te,
Eu resolvo-me a deixar-te.

797
Quero agora cantar,
Que já muito não cantei:
Quero ver a minha falla,
Se 'stá como a deixei.

798
Ai de mim, qu'eu já não posso
Cantar como já cantei:
Ja *bubi* agua d'amores,
Minha falla derramei.

799
Eu casei-me, captivei-me,
Troquei a prata *ó* cobre:
Troquei a minha *libardade*
Por dinheiro que não corre.

800
Eu casei-me, captivei-me,
Troquei o ouro á prata:
Troquei a minha *libardade*
Por dinheiro que não passa.

801
Tanto me doe a cabeça,
Que me quer cair *ó* chão:
Dae-me uma pinguinha,
Quer m'ella caia, quer não.

802
O meu coração é terra,
Hei de mandá-lo cavar:
Para sepultar os desejos
Que tenho de te fallar.

803

Tenho um amor que *mi* ama,
Outro que me dá dinheiro:
Outro que me veste e calça
Como *ó* real cavalheiro.

804

Minha mãe, logo á noite,
«Maria vae-te deitar»:
Ella cuida qu'eu que durmo,
Eu ando a namorar.

805

Assim que t'eu vi, logo disse:
Lindo corpo para amar:
Linda boca para beijos,
Lindos olhos para acenar.

806

Coração não vivas triste,
Vive alegre, se puderes:
Algum dia será teu
O que tu agora queres.

807

Deitae p'ra cá os olhos,
Deitae, deitae:
Elles não são moedas d'ouro
Que roubeis a vosso pae.

808

....
Cantar, quem quer canta:
É afinar a voz,
É dar um geito á garganta.

809

Quem me dera um limão
Do limoeiro azedo:
Para tirar o fastio
A quem m'o tirou tão cedo.

810

Torradas e mais torradas,
Torradas não quero mais:
Por via das torradinhas
Fogem as filhas *ós* paes.

811

O meu leal coração
Ao teu cruel obedece:
O meu leal não te lembra,
O teu cruel não me esquece.

812

A oliveira é a paz
Que se dá aos bem casados:
A palma aos sacerdotes,
O alecrim aos namorados.

813

Amores ao longe, ao longe,
Perto quem quer os tem:
Amores ao pé da porta
Não são leaes a ninguem.

814

Se tu queres vir commigo,
Se tu commigo vir queres:
Eu te livrarei da fama,
Que tu commigo tiveres.

815

....
Comtigo não vou ..
Ficarei nesta terra
Defamada para sempre.

816

....
....
Eu a a fama não lh'a levo,
Nem lhe ella chegue a vir:

817

Anda cá minha bemfeita,
Que tudo sabes fazer:
Faz-me uma joia d'oiro
P'r'*ó* meu peito trazer.

818

Antoninho, cravo roxo,
Cara de leite coado:
Fostes-te gabar *ó* Porto
Qu'eu que te dera um cravo.

819
Eu não te dei cravo nem rosa,
Dei-te um lenço bordado:
....
....

820
Eu perdi o meu lencinho,
No terreiro a dançar:
A minha mãe não me dá *oitro,*
Em cabello hei d'andar.

821
Menina do lenço preto,
Saia da mesma côr:
Diga a seu pae que a case,
Qu'eu serei o seu amor.

822
Trazeis o cabello atado
Pelas costas ao comprido:
Nêssa trancinha do meio
And'*ó* meu amor mettido.

823
O cabello entrançado
Serve de toda a maneira:
De dia serve de gala,
Á noite de cabeceira.

824
Chamastes *ó* meu cabello
Dobàdoira de Vianna:
Eu tambem chamei *ó* teu
Cabello d*ũa* tyranna.

825
Menina ate o cabello,
Qu'elle atado 'stá-lhe bem:
Se não tem fita p'ra elle,
O carvalho vergas tem.

826
Essa mão de neve,
Quando na minha pegou,
Parece que tinha feitiço
Que logo m'enfeitiçou.

827
Triste sou, triste me vejo
Sem a tua companhia:
Tanto é que já nem me lembro
Se alegre fui algum dia.

828
Já fui alegre cantando,
Agora sou triste, morro:
Meus olhos pagam tributos
Do tempo qu'alegres *foro.*

829
Villa Sêca não tem agua,
Se a não tem, eu lh'a darei:
Com a agua de meus olhos
Villa Sêca regarei.

830
Ó coração retrahido,
Ó cara cheia d'enganos:
Olha o pago que me destes
Em te amar tão largos annos.

831
Ó coração pequenino,
É bem que vivas penoso:
Para que te não fintaras
Num amor tão enganoso.

832
Algum dia era eu
No teu prato melhor sopa:
Agora sou um veneno,
Resalgar na tua boca.

833
Algum dia era eu
Prenda no teu coração:
Agora sou uma vassoira
Com que varreis o chão.

834
Ó coraçãozinho,
C'*ũa* faca te hei de abrir:
Que te deixaste prender
A quem podias fugir.

835

Coração qu'a dois ama,
Trinta diabos o *leve:*
Que me faz andar tão triste,
Onde eu era tão alegre.

836

Eu hei de cantar e *adevertir-me*,
Hei de ser muito alegre:
Quem tiver sono que durma,
Elle *á* mim não me persegue.

837

Nem meu pae, nem minha mãe,
Nem duzentos confessores:
Me *pribem* (prohibem) *na* liberdade
D'eu fallar *ós* meus amores.

838

Se meu Deus a Braga leva,
Hei de jurar a verdade:
Que dormi na tua cama
Muito á minha vontade.

839

Se me Deus a Braga leva,
Hei de jurar o que vi:
Que dormi na tua cama
Muito bem a par de ti.

840

Fui-me confessar a Braga,
E vim commungar *ós* Capuchinhos:
Deram-me por penitencia
Mais abraços *ca* (que a) beijinhos.

841

Quem não sabe namorar,
Apega-se ao vicio do fumo:
Entra pela porta dentro,...
Menina, dá-me o lume?

842

Assubistes ó lóreiro,
Regalastes o teu peitinho:
Agora 'stás de gaiola,
Paciencia, passarinho.

843

Ó meu amor,
Só tu tivestes a dita:
D'entrar dentro em meu peito,
Nũa sala mais bonita.

844

No ceu anda uma *nuve*,
Todos *dize* eu bem *na* vi:
Todos *fallo e murmuro*,
Ninguem olha para si.

845

Quem pensara na morte
E nos artigos qu'ella tem:
Não comia, nem bebia,
Nem fallava de ninguem.

846

Amar e saber amar
São pontos muito delicados:
Os qu'amam bem são poucos,
Os que sabem amar são raros.

847

Amar e saber amar,
Amar e saber a quem:
Amar a Deus do ceu
E não amar a mais ninguem.

848

Se o amar fôra crime,
Era um dos *craminôsos:*
No ceu não entra crime
....

849

Eu venho da *terra quente* [1]
Da segada do centeio:
Da fama ninguem se livra,
Hei de t'amar a rego cheio.

850

Senhora Santa Luzia,
Do logar de Carrazêdo:
Dai-me vista *os* meus olhos,
Qu'andar cego é degredo.

[1] Lados de Mirandella.

851
Eu venho aqui por um *pique*,
Já venho *despicada*:
Num se me dá de morrer,
Eu já venho confessada.

852
Sol divino, não te ponhas,
Qu'eu não posso ver a noite:
Não posso ver meus amores
Longe de mim, perto *d'oitro*.

853
Eu quero bem aos teus olhos,
Sempre 'stão a bulir:
C'o gosto qu'eu nelles tenho
De certo m'hão de fugir.

854
Não me namora o teu ter,
Nem *no* teu rico cordão:
Namoram-me esses teus olhos,
Que tão fagueirinhos são.

855
Não me namora o teu ter,
Nem o teu andar á moda:
Namoram-me esses teus olhos,
Meios dentro, e meios fora.

856
Eu tenho na minha janella
O que tu não tens na tua:
Cravos roxos riscadinhos
Virados para a rua.

857
Pus o pé na sepultura,
Uma voz me respondeu:
Tira o pé, que trilhas
O amor que já foi teu.

858
Alma que vaes passando,
Olha o desengano qu'esta caveira te dá:
Com'a ti já eu fui,
Com'a mim tu o serás.

859
Cada vez que m'alembro
Que de ti m'hei d'apartar,
Enchem-se-me os olhos d'agua,
Meu allivio é chorar.

860
Não ha flor com'*ó* suspiro,
Na minha opinião:
Todas as flores se *vende*,
Só os suspiros se dão.

861
Eu hei d'ir *ó* ceu em vida
Pedir ao Senhor por ti:
Por teu pae e tua mãe,
Que te criaram para mim.

862
Jesus é meu pae,
S. Francisco meu irmão:
Os anjos são meus parentes,
O que linda geração.

863
Ó paes barbaros e crueis,
Qu'uma filha abandonaes:
Por ella cair num erro,
Já ao mundo a entregaes.

864
Dos meus sou abandonada,
Do meu bem aborrecida:
Agora qu'hei de fazer?
Valer-me da triste vida.

865
A rapariga cae no que fez,
Caiu desmaiada *ó* chão:
Bota os joelhos em terra,
Ó pae vae pedir perdão.

866
— O pae lhe responde:
Aparta-te de mim maldita:
Ó monstro da maldição:
Para *ũa* filha ingrata
Não pode haver compaixão.

867

Quando eu era rico,
Rico avarento:
Passava tempo, noites inteiras;
Agora que sou pobre
Ninguem me conhece,
Todos m'*aborrece*,
Melhor me fôra morrer.

868

Delaidinha, não te cases,
Tu inda és muito criança:
Se algum rapaz te namora,
Não lhe dês confiança.

869

Morreu-te tua mãe ha pouco,
Tu nem d'isso tens lembrança:
Minha mãe morreu,
Foi p'r'*á* sepultura:
O mesmo posso ser eu,
A gente pouco dura.

870

Quem me dera agora ver,
Quem m'agora aqui lembrou:
Ó meu amor da minh'alma,
Que tão longe de ti 'stou!

871

Nossa Senhora me leve
Á terra d'onde eu nasci:
Para ver a minha gente,
E minha gente ver-me a mim.

872

Nossa Senhora me leve
Á terra do *açucre*:
Ja nesta terra não tenho
Quem commigo s'*óccupe*.

873

Tenho corrido mil terras,
La p'ra trás do Marão:
Tenho visto caras lindas,
Com'*á* tua inda não.

874

S'eu tivera papel d'ouro,
Comprava pena de prata:
Apurava os meus sentidos,
Escrevia-te uma carta.

875

O papel com que t'escrevo,
Sae-me da palma da mão:
A tinta dos olhos
A *penna* do coração.

876

La vem o barco á vela,
La vem a *sardinha* boa:
Lá vem o meu amorzinho
Sentadinho na proa.

877

Menina *qui* 'stá á janella,
Dê-me a mão, quero subir:
Eu sou muito vergonhoso,
Pela porta não hei d'ir.

878

O anel d'ouro não é prenda,
Nem *na* prata é *alembrança*:
O anel de contas miudas
Mette toda a confiança.

879

O lòreiro bate á porta,
Menina, vae ver quem é:
São os olhos de Maria,
Que vem ver os de José.

880

Lòreiro bate, bate,
Qu'eu bem *no* ouço bater:
Co'a rama no redondo telhado,
Quando quer amanhecer.

881

Firmeza e lealdade
Quer amor que tinhaes:
Firmeza p'ra commigo,
Cautela p'ra c'os mais.

882

Trazeis cravo *ó* peito,
É sinal de casamento:
Tirae o cravo do peito,
Qu'o casar inda tem tempo.

883
O anel que tu me deste,
Trago-o no dedo *mendinho:*
Cada vez que tu me lembras,
No anel dou um beijinho.

884
Adeus, minha terra,
Adeus casa de meu pae:
D'onde m'*advertia*,...
Esse tempo ja la vae.

885
Tudo é casar, casar,
Qualquer tolo é casado:
P'ra sustentar a mulher e *ós* filhos,
Ahi é que a porca torce o rabo.

886
Quem tem filhos pequenos
Não se lhe *inora* o cantar:
Muitas vezes se canta
Com vontade de chorar.

887
Menino é d'ouro,
D'ouro é o menino:
Hei d'entregá-lo *ós* anjos,
Que cresça, qu'é pequenino.

888
'Scuita, 'scuita, meu menino,
Qu'a mãezinha logo vem:
Foi lavar os cueirinhos
A fontinha de Belem.

889
Linda noite, escura ella,
Mas cae a neve tão dura e fria:
E a mão de Deus, a mão de Deus,
É nossa guia.

890
Mais vale ser mulher casada,
De noite *engalhar* meninos:
Do que ser freira professa,
Á meia noite tocar os sinos.

891
A canoa tres filhos tem,
Todos tres por baptizar:
A mais velha d'ellas todas
Canoa se ha de chamar.

892
Candeia que não dá luz
Não se espeta na parede:
O amor que não é firme
Não se faz cabedal d'elle.

893
Mulher ingrata,
Ingrata mulher:
Vai p'r'*ó* teu *home*,
Que ninguem te quer.

894
Linda noite, lindo luar,
Fugimos d'aqui:
A noite 'stá bella,
O amor não sorri.

895
Adeus, quinta do retiro
Da sala para a cozinha:
A maior pena que eu levo
É do rabo de sardinha.

896
Eu ainda não comprei,
Mas hei de comprar,
Um lencinho branco
P'ra t'*açanar*.

897
Pega lá este raminho
De cravos e cravelinhas:
Por te não poder mandar
Dos meus olhos as meninas.

898
Se houver de tomar amores,
Ha de ser c'um gallego:
Se me der a fome em maio,
Arre burro! vou vendê-lo.

899
Antoninho pede a Deus
Qu'eu peço ás almas santas,
Que nos juntemos ambos,
Já que as lagrimas são tantas.

900
Se houver de tomar amores,
Em Villa Real ha de ser:
Ou no fundo ou no cima
Ou no meio a escolher.

901
Adeus ó Villa Real,
Quem me dera agora lá:
A culpa tive-a eu,
Não viera de lá.

902
Adeus, adeus, ó Gravelos,
Quem t'agora passeara:
Do fundo até *ó* cima
E no meio s'assentara.

903
O setistrêlo vae rondando
Por cima de Constantim:
Arrecolhe-te, setistrêlo,
Deixa-me rondar a mim.

904
José do Egypto,
Teu pae é Jacó:
Tambem eu choro e grito
Por me ver no mundo só.

905
Meu amor, se te fores,
Á vinda vem por aqui:
Qu'eu fecho os olhos
E juro que te não vi.

906
Que lindo botão de rosa
Aquella roseira tem:
Debaixo não se lhe chega,
A cima não vae ninguem.

907
Ó minha mãe, minha mãezinha,
Não se póde ser mulher:
S'é bonita, tem má fama,
S'é feia, ninguem *na* quer.

908
Indo eu por aqui abaixo,
Escorreguei, caí p'ra trás:
As moças já me não *quere'*...
Ó desgraçado rapaz!

909
Quando eu era pequenino,
Deitava o meu pião:
Todas as moças me diziam:
Bota-m'o aqui na mão.

910
Eu hei de t'amar tanto, tanto
Como o sol ama a terra:
Eu hei de te querer muito,
Si ainda estás donzella.

911
Eu hei de morrer no sabbado,
No domingo m'hão d'enterrar:
Os anjos do ceu
M'hão d'acompanhar.

912
Meu amor, por via de ti
Pus-me na 'stinha:
Não torno a ser quem era,
Nem a caldos de gallinha.

(Continua)

A. GOMES PEREIRA.

MISCELLANEA

I

Cinco adagios portugueses comparados entre si

Ainda hoje é costume entre nós as pessoas de alguma idade, quando vão referir um adagio, annunciarem em maneira de preambulo: *diziam os antigos* ou *os velhos* [1]. Por esta fórma geral, o povo indica os factos tradicionaes, e para o caso de que me occupo, já nos mais antigos monumentos litterarios de Portugal se encontram iguaes ou semelhantes apresentações na phrase, como demonstra o material recolhido na obra da Sr.ª D. Carolina de Vasconcellos, apontada na nota. Só nos secs. XV e XVI, segundo parece, dão entrada entre nós as varias denominações d'essas pequenas phrases, syntheses breves da duvidosa *sabedoria do passado*, no dizer dos apologistas. Mas assim como a humanidade ainda não perdeu a faculdade de inventar novas palavras, da qual se serve só escassamente, porquanto o material existente já lhe sobeja, assim tambem a faculdade de inventar adagios se lhe não secou, nem tão pouco a de transformar e applicar os antigos ao desenvolvimento da civilização.

Os autores dos adagios ficarão eternamente no escuro do anonymato, mas outros ha em que as phrases inventadas numa occasião se conservam, se espalham nos livros e são acolhidas carinhosamente pela massa popular. Para que a fórma se não perca, nem tão pouco o nome do autor, o que é necessario para se manter a liberdade da critica aos que tem obrigação de estudar as origens e progresso da civilização, ha inventarios mais ou menos completos [2].

A sciencia não desdenha dos adagios, antes pelo contrario, estuda-os e compara-os, não porque ella tenha necessidade de

---

[1] Cfr., sobre expressões semelhantes: Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, I, 146; e D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Tausend port. Sprichwörter*, 23.

[2] Por exemplo, o pequeno livro: Fried, *Lexikon fremdsprachlicher Citate*. Leipzig 1888.

empregá-los, mas com o fim meramente objectivo e prosaico de achar nelles representações do passado e penetrar na alma popular de cada povo, que é o em que consiste o thema dos estudos humanisticos no sentido moderno.

Por isso, procurar topographica e chronologicamente entre milhares de proverbios e citações proverbializadas os que forem semelhantes, para depois obter os que são puramente nacionaes, é trabalho indispensavel.

Alguns proverbios são hoje correntes, aos quaes parece possivel encontrar o autor. O nosso *O habito não faz o monge,* que poderia ter deixado de existir quando em 1833 foram extinctas as ordens religiosas, é já mencionado no sec. XIII: «*Dice S. Geronimo: el monje faze el habito, ca non el habito al monje*» [1]. Tambem o *A cavallo dado não se olha o dente,* citado pela Sr.ª D. Carolina sob o n.º 90, vamos achá-lo em S. Jeronimo, *Epist. ad Eph.*: *Equi donati dentes non inspiciuntur,* com a versão allemã: *Einem geschenkten Gaul sieht man nicht ins Maul* [2].

Sob o n.º 294 dá a autora acima mencionada: «A mulher e a sardinha, a mais pequenina», a que o Dr. Leite de Vasconcellos [3] juntou «Algumas pessoas accrescentam: «porque do mal o menos». O humorista allemão Karl Julius Weber (1767-1832), que escreveu *Demokritos, oder hinterlassene Papiere eines lachenden Philosophen,* na parte que se refere á mulher (Das Weib) [4], diz o seguinte: «Mein lieber Demokrit ist noch der artigste, er heiratete ein ganz kleines Weibchen und sagte: Unter den Übeln muss man das kleineste wählen». Este adagio, que parece já existia nos tempos classicos, descreve bem a tendencia que tem o homem de casar com mulheres de estatura inferior á d'elle, no que talvez exista um traço do casamento primitivo ou rapto violento, em que o homem procurava obter companheira salteando a mulher desprevenida e desacompanhada nalgum recanto das florestas. É bem de ver que se a mulher fosse mais robusta do que o raptor, a luta daria rasultado contrario ao plano. Lord Burleighs não era tão favoravel á pequenez da mulher; nos conselhos a seu filho escreve: «Não escolhas nenhuma anã, pois que farias uma raça de anões» [5].

---

[1] D. Carolina Michaëlis, *op. l.,* pag. 22.
[2] Fried, *Lexikon,* 88.
[3] *Rev. Lusitana,* IX, 183.
[4] *Universal-Bibliothek,* de Ph. Reclam, pag. 16.
[5] Apud Samuel Smiles, *O Character,* cap. XI.

No mesmo trabalho de Weber, a pag. 93, lê-se: «Bei Nacht sind alle Kühe schwartz». Nós mudámos as vacas em gatos, e dizemos: *De noite todos os gatos são pardos.*

Em Portugal, quando uma mulher em nova procurou casar, mas sem resultado, e depois se torna devota, não largando a Igreja nem os seus ministros, dizemos *Que dá a Deus o que não póde dar ao Diabo.* Em sentido igual, pag. 99, diz Weber: «Was März nicht will, nimmt der April».

PEDRO A. DE AZEVEDO.

II

Balisas de propriedades territoriaes

Na *Festgabe für Mussafia,* pag. 557 sgs., ao tratar de varias palavras que em romanço significam «limite», «balisa», refere-se o Sr. Baist ao port., e cita: *marco,* de origem germ., *moiom* e *malhão.*

Diz que não póde affirmar se *mogo,* que vem no *Elucidario,* de Viterbo, estará por *mojó.* Do que diz o proprio Viterbo se infere que não; além d'isso, o onomastico moderno tem repetidamente *Mogo* e *Mogos,* e é mais provavel que ahi essa palavra represente o *mogo* de que se trata, do que o arch. *moogo* «monge» [1]. Cfr. tambem *Estudos de Philologia Mirandesa,* II, 44, n. 2.

Segundo o Sr. Baist, *moiom* relaciona-se com *malhão,* e devia soar *molhom.* Mas temos aqui duas palavras differentes:

a) *moiom,* i. é, *moion* (cf. tambem *moionado*), que só apparece em foros da Beira Baixa, nos *Port. Mon. Hist.,* já citados por Cortesão, *Subsidios,* s. v.; tenho-a por forma raiana, não legitimamente portuguesa, parallela á hesp. *mojon.* Cf. *Est. de Philol. Mir.,* II, 19.

b) *malhão,* que, comquanto apparentemente se relacione com o hesp. *majáno,* como tambem o Sr. Baist diz, tem como fórmas archaicas: *malhom* e *molhom.* De *malhom,* citada no *Elucidario,* indiquei o plur. *malhões* nos *Est. de Philol. Mir.,* II, 19, e o derivado *malhoeira,* — em docs. do sec. XVI. A fórma *molhom* está representada no latim medieval por *mulione:* vid. Cortesão, *Subsidios,* s. v. A existencia de *malhom,* attestada tambem pelo derivado *malhoeira,* faz crer que *malhão* não se relaciona com o hesp. *majáno,* mas que é outra palavra. No ono-

---

[1] Supponho que *mogo* «marco» e *moogo* «monge» são na origem duas palavras, e não uma, como Gonçalves Vianna, *Apostillas,* I, 309, se inclina a crer.

mastico ha *Malhão* e *Malhões*. De *molhom* póde ter-se passado para *malhom* > *malhão* por influencia de palavras que tem estas ultimas fórmas, ou por outra razão [1]. A palavra *malhão* tem a accepção provinciana de vedação feita de estevas, etc.: vid. Moreno na *Rev. Lus.*, v, 96.

O etymo de uma e outra é *molione-, de moles.

A par do hesp. *hito,* catal. *fita*, podia o Sr. Baist ter citado *Perafita* < petra-ficta [2], muito frequente no onomastico português. Cfr. gall. *Pedrafita*.

Outras expressões ha em português para significarem marcos divisionarios, como *linde, linda, orca, arca*. Das duas ultimas fallei nas *Religiões da Lusitania*, I, 254, n. 5, e das duas primeiras na *Rev. Lus.*, II, 35.

J. L. DE V.

III

Representantes do latim Iohannes

1. Eanes, Anes e Enes

Na idade-media os patronymicos indicavam-se umas vezes, á maneira dos Romanos, com o genetivo do nome do pae, outras vezes com -iz (-ez), a que nos mais antigos documentos corresponde -*ici;* por exemplo: Fernandus *Fernandi,* Didacus *Fernandiz* [3].

Quando o pae se chamava *João,* em lat. Iohannes, o patronymico era, segundo o primeiro processo, Iohannis.

Depois de uma palavra acabada em vogal, como *Pedro,* a fórma Iohannis tornava-se naturalmente **Eoanes,* e com reducção de *oa* a *a, Eanes*, por exemplo *Pedr'Eanes* em um documento do sec. XIII, que publiquei nos *Bausteine zur romanische Philologie* («Festgabe für Mussafia»), Halle 1905, pp. 679-680. O amanuense que redigiu o documento separava erradamente *Pedre anes,* pondo em *Pedre* por *Pedre'* o *e* de *Eanes*. Outro exemplo de *oa* reduzido a *a* é-nos dado, na mesma palavra, por *Xan,* em gallego, fórma que coexiste com *Xoan.*

De *Eanes* veio parallelamente *Anes* e *Enes,* aquella palavra pela simples reducção de *ea* a *a;* esta, pela reducção de *ea* a *e,*

[1] Vid. Moraes, *Dicc. da Ling. Port.*, s. v. «malhão»: 1) tiro da bola; 2) a bola com que se atira. Tanto Moraes como o Caturra no *Novo Dicc.* incluem inexactamente num mesmo paragrapho, subordinado a *malhão*, estas accepções e a de «balisa». O Caturra chega até a dar *malho* por etymo a tudo!

[2] O *d* caiu, como em *Pero* < Petru- (phonetica syntatica).

[3] Vid. os meus *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, 58, nota.

sob a influencia do *e* anterior (semivogal), como em *reis,* de *reeis* < *reaes,* e em *criença* (pop.) = *creença* < *creança.*

Ha varios documentos em que *Eanes, Anes, Enes* figuram como appellidos de individuos filhos de outros de nome *João,* por exemplo: «Steve *Enes*», clerigo, filho de «*Joham* Ferreiro»; «Gomez *Enes*», filho de «*Joham* Martinz Muato», — ambos em um documento do sec. XIV [1]. Isto prova a exactidão do que a cima digo.

2. Joanes

A par de *Eanes,* temos tambem *Joanes,* com manutenção da palatal inicial.

Um documento do sec. XIII tem, por exemplo: *Martim Johannes,* isto é «Martim, filho de Joane»; *Stevã Joannes,* isto é «Stevã, filho de Joane» [2].

No concelho do Cadaval ha ainda hoje uma aldeia chamada *Martim Joanes,* onde *Joanes* ou é o patronymico antigo, ou está por *Joane* com o *s* paragogico que o povo costuma adoptar em certos nomes; só um documento antigo em que apparecesse esta palavra poderia resolver a dúvida.

J. L. DE V.

3. Joanne e João

A palavra latina Iohannes, se no genetivo deu, de um lado *Eanes, Anes* e *Enes,* e do outro *Joanes,* — na fórma Iohanne- deu *Joane,* e esta deu *João.*

A fórma *Ioane* encontra-se como nome topographico em uma aldeia do Minho e em um casal da Beira, e, combinada com *Sã,* em *Sanhoane,* como nome de varias aldeias do Norte. Em documentos antigos tambem se encontra antes de appellidos começados por vogal, por exemplo *Johane Enes* [3]. Em um documento de Pedroso, sec. XIV, lê-se: *San Joane Bautista* [4]. Fallando de D. João I e de D. João II, usa Camões ás vezes nos *Lusiadas,* a par de *Joam,* a fórma *Joane,* por exemplo no canto IV, 12: «*Joane,* a quem do peito o esforço cresce»; e no canto I, 13, «Outro *Joanne,* invicto cavalleiro». E no soneto 59, da ed. de Hamburgo, diz o mesmo poeta: «*Joane,* de Portugal terceiro sem segundo». Talvez

---

[1] *Archivo Hist. Port.,* I, 353.
[2] *Archivo Hist. Port.,* IV, 40.
[3] *Archivo Hist. Port.,* I, 353.
[4] G. Pereira, *Pergaminhos da Universidade,* p. 55.

aqui não haja puro latinismo, mas alguma reminiscencia da fórma archaica. Em Gil Vicente é bem popular *Joanne* [1] e *Janaffonso* [2].

João resulta de *Joanne* em proclise, antes de nomes começados por consoante, por exemplo em *Joham Lourenço* por *Johann(e) Lourenço*, i. é, *Joan(e) Lourenço;* outros exemplos d'este processo são *Castel-Branco, Fonseca* = *Fonte-Secca*. Depois *João* tornou-se independente, como *Mem* de *Men(do)* + appellido, *Fernão* = *Fernan(do)* + appellido. Nestes dois ultimos exemplos poderá tambem notar-se influencia da syllaba *do* considerada preposição e artigo, posto que o mais vulgar na ligação dos appellidos seja *de*, e não *do*.

Comprehende-se que *Joanne* mantivésse o *-e*, quando essa palavra estava antes de nome começado por vogal, e quando era empregada de modo absoluto (*Joane*, nome de logar) ou depois de outras palavras (*Sanhoane* = Sã Joane), pois não havia motivo nenhum para o *e* cair. Durante certo tempo, *Joane* coexistiu com *João* ou *Joham;* depois aquella palavra foi supplantada por esta.

IV

Textos antigos portugueses

(Vid. *Rev. Lusitana*, IX, 135)

A orthographia e as abreviaturas dos nossos antigos documentos não são materia bastante facil de resolução, decifração ou leitura; e se pretendessemos uma prova, encontrá-la-hiamos no documento que o Sr. J. J. Nunes deu a lume na *Rev. Lusitana*, IX, 136.

O methodo que o Sr. Nunes empregou não me satisfaz. O não desenvolver as abreviaturas difficulta a leitura a quem não é paleographo; se aquelle estudioso professor queria reproduzir o texto diplomaticamente, deveria antes sublinhar as palavras omittidas pelos sinaes brachigraphicos.

Apresentarei agora uma serie de lapsos que, se não forem rectificados, poderão induzir em erro quem acceitar por legitimas algumas leituras; nestes lapsos, todavia, ha alguns que são evidentemente typographicos.

1. *Maiusculas por minusculas.* IN por In, l. 1. Moesteyro por moesteyro *passim*. Mortaaagua por mortaaagua, liv. 10. Meẽdentrida por meẽdentrida, l. 14.

---

[1] *Obras*, I, 126 sgs.

[2] *Obras*, I, 143.

2. *Abreviaturas não conservadas.* deo por deos, l. 6 e 28. ɋsẽtirem, l. 28; ɋdiçõ, l. 36; ɋprir, l. 42; ɋpra, l. 46, por cõsentirem, cõdiçõ, cõprir e cõpra.

3. *O til substituido.* uẽtura por uentura, l. 25; capelã por capelam, l. 31.

4. *Omissão de acentos.* todóó, l. 12; peráá, l. 18, l. 20; miguééz, l. 18.

5. *Abreviaturas mal representadas.* D[so] por Dg[os], l. 52; cinq[i] por cinq[ĩ], l. 35.

6. *A letra* u *lida por* v. *Passim.*

7. *Omissão da cedilha.* acaeçer por acaecer, l. 25; estabeleçimento por estabelecimento, l. 58.

8. m *por* n. dom por don, l. 2; profisson por profison, l. 5.

9. *Erros de transcrição.*

ordem, l. 1	emende-se para	ordim
saude, l. 4..................	»	soude
ordiõ, l. 4	»	ordĩo
temerẽ, l. 26..................	»	teuierẽ
daqlas, l. 28..................	»	aqlas
trjgo, l. 35..................	»	trijgo
ordem, l. 48	»	ordim
uirar, l. 51	»	uíjnr
meo, l. 52..................	»	meu
eno, l. 53..................	»	No
E, l. 54	»	Que
Johã, l. 56..................	»	Johãe

O documento original que se encontrava no cartorio do convento de Santa Clara de Santarem foi, por occasião da extincção do instituto pela morte da ultima freira, recolhido na Repartição de Fazenda d'aquella cidade, onde o Sr. Nunes o estudou. Para o confronto a que procedi utilizei-me de uma photographia que o meu collega Dr. Antonio Baião me cedeu. Em 1864 foram recolhidos no Archivo Nacional grande numero de pergaminhos d'aquelle convento, entre os quaes não entrou, portanto, o de que se trata, nem até a hora em que escrevo esta nota o facto se deu. É um caso bem censuravel que as Repartições de Fazenda e os Proprios Nacionaes tenham em seu poder os cartorios de antigos estabelecimentos religiosos e seculares, e que passem certidões de documentos que nelles se guardavam, não havendo pessoal sequer rudimentarmente habilitado para este effeito.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

BIBLIOGRAPHIA

I

PERIODICOS

— **Zeitschrift für romanische Philologie**, vol. XXX (1906).

Pag. 71: Horning, sobre f a l u p p a. Com esta palavra se relaciona evidentemente a nossa *fópa*.

Pag. 83: Schuchardt, a respeito de a m b i t u s em romanço (vid. *Rev. Lus.*, IX, 397), e de *galla* (vid. *Rev. Lusitana*, VIII, 310).

Pag. 320: Schuchardt, fr. *mauvais* < lat. m a l i f a t i u s. Parallelamente ao lat. *bonifatus* suppõe o A. que se criou *m a l i f a t u s, fórma que explica o port. *malvado*.

Pag. 232: Leite de Vasconcellos, lenda do juiz de Barrellas, exposta a proposito de *El honrado hermano* de Lope de Vega (cfr. *Zs.*, XXIX, 333-336).

Pag. 333: G. Baist, *Dentaes parasitarias* em hesp. e port. A nossa lingoa figura ahi com *rebelde* e *humilde*. Segundo diz Baist, a palavra *rebelde* vem do fr. arch. *rebelle* (o que me parece impossivel, pois fica sem explicação o *d*), e a palavra *humilde* resultou de cruzamentos: *humildoso* provocou *humilloso; humilloso* + *húmile* = *humille; humille* + *humildoso* = *humilde*. Em português não ha *humille*, que porém existe em hespanhol. — Sem duvida em *humilde* entra, por qualquer modo, o *d* de *humildade;* mas a explicação de *rebelde* mal póde separar-se da de *humilde*.

Pag. 414: Meringer, a proposito de *landier* (vid. *Rev. Lus.*, IX, 397). A pag. 421 e nota correlaciona o *Juppiter Andero* de uma inscripção gallega (*Corpus*, II, 2598) com o gaul. *a n d e r o-, que significaria, «joven», «vitella» (cfr. kymr. *anner*) e «menina» (irl. ant. *ainder*).

Pag. 464: G. Baist discute se ha um suffixo -SCL-, cuja existencia eu tinha procurado justificar na *Rev. Hispanique*, V, 417. Em apoio da minha hypothese offereço ao Sr. Baist essa serie de palavras, e eu teria curiosidade de saber como é que elle explica os suffixos d'ellas, a não ser por -SCL-: *fogacho, lobacho, simplacho* (e *simplacheirão* = simpl-ach-ei-rão), *poucachinho* (= pouc-ach-inho), *riacho, coiracho, sombracho*, talvez *m'lexa* = melecha (*Rev. Lusit.*, II, 305), *pouquecho, ventrecha, comichar* (= com-ich-ar), *paparicho, rabicho, cornicho*, talvez *escabichar* (√ c a p e r e ?), *marocho*—*merocho* (a par de *merouço*), gall. *carocho* (a par de *carolo*), *tro-*

cho (= tor-ocho?), *cornucho, capucha, gorducho.* Vê-se que os suffixos percorrem a gamma vocalica: *-acho, -echo, -icho, -ocho, -ucho,* como por exemplo, *-aco, -eca, -ico, -oco, -uco,* o que confirma que elles tem ou tiveram existencia propria. Alguns podem ainda considerar-se vivos, como *-icho,* que se junta ou póde juntar a muitas palavras (*artiguicho, pinguicha,* etc.).

Pag. 467: G. Baist, a respeito do hesp. *loza* e do port. *louça.*

Pag. 522: Ettmayer, *l* intervocalico em vez de *ll* lat., em romanço.

Pag. 556: L. Sainéan, notas de etymologia romanica. Explica *barregão* por *barraco,* mas fica sem explicação o *g,* que não póde provir do *c* de *-aco,* pois que *-aco* provém de *-accu,* e *-cc-* não dão *g.* Explica a palavra *cabaça* por *calbaza,* ampliação impossivel de *cabaz.* Explica a palavra *cachalote* por *cachola,* o que é possivel. Compara *garça* ao prov. *garço* «garce, c'est-à-dire fille». Inadmissivel a explicação de *noitibó* por *noite-bo* (bôi): nem *boi* dava *bó,* nem «boi da noite» poderia ser expresso por *noite-boi* (se existisse tal composto, seria *boi-noite*); o A. foi levado a esta explicação pelo rumeno *boŭ de noapte* «hibou», o que não é razão. Explica *pardo* por leopardus por causa da côr da pelle, e o hesp. *sandio* (port. *sandeu*) por *sandía,* «métaphore fournie par la forme et par le goût des cucurbitacées» (*sandía* em hesp. quer dizer «melancia»), — mas o *-eu?*

Pag. 648: Ettmayer, pronunciação do lat. *l.*

Pag. 675: Levi, familia lexical de *fanfarone.*

Pag. 712: Schuchardt, nomes de peixes em Polemio Silvio. O mesmo A., a pag. 746, tem uma nota sobre o gallego *estrar* (verbo deduzido do participio stratum, de *sternĕre*).

— No **Bulletin Hispanique.** IV, 223, sob o titulo de «Questions ibériques», III, Oyarzun, trata o Sr. Camile Jullian, com a erudição habitual nelle, de alguns pontos de geographia e ethnologia antigas relacionados com a *Ora Maritima* de Avieno e as costas de Portugal.

J. L. DE V.

II

VARIA QUAEDAM

— **Zur spanischen und portugiesischen Metrik,** por Hanssen, 1900. Cfr. *Bull. Hispan.,* VII, 71.

— **Apostilas aos diccionarios portugueses.** por A. R. Gonçálvez Viana, 2 vols., Lisboa 1906.

— **Archivo Historico Português.** n.os 7–12 do vol. IV, n.os 1–4 do vol. V.

— **Boletim da Sociedade Archeologica «Santos Rocha».** n.º 4.

J. L. DE V.

NECROLOGIA

I

DR. WILHELM STORCK

Em 16 de Julho de 1905, finou-se em Münster de Vestfalia, na Allemanha, o notavel lusitanophilo Dr. Wilhelm Storck, traductor das Obras Completas de Camões, e autor de muitos outros trabalhos a respeito de Portugal.

Como no meu opusculo *In Germania*, Lisboa 1903, e n-*O Occidente*, XXVIII (1905), 191–192, publiquei já um resumo da biographia de Storck, para lá remetto o leitor. Alem d'isso trato o assunto desenvolvidamente no meu livro *O Dr. Storck e a Litteratura Portuguesa*, que está em publicação na Academia Real das Sciencias.

Storck collaborou na *Revista Lusitana*, VI, 193 sgs.

II

DR. VASCONCELLOS ABREU

Transcrevendo de um jornal d'esta cidade o artigo seguinte, por conter os principaes factos da vida scientifica de Vasconcellos Abreu, a *Revista Lusitana* presta um tributo de saudade ao seu prestimoso collaborador (vid. vol. I, pp. 30 e 92; vol. II, p. 265):

«Falleceu hontem, pelas cinco horas da tarde, depois de um longo soffrimento, o Sr. Dr. Guilherme Augusto de Vasconcellos Abreu, lente do Curso Superior de Letras.

Natural de Coimbra, onde nasceu a 20 de Maio de 1842, e filho de Victor Madail de Abreu e de D. Guilhermina de Vasconcellos Abreu. Foi educado até aos 14 annos em Coimbra, depois no Porto, no collegio de Alexandre Grant, até 1858. Em maio d'este anno foi para o Rio de Janeiro para casa de parentes seus, a fim de dedicar-se ao commercio. A educação esmeradissima que seu pae, homem lido na litteratura portuguesa, francesa, hespanhola, italiana e latina, lhe dera, foi de feição contraria á vida commercial.

Regressou ao reino, aqui completou logo os preparatorios e entrou na faculdade de mathematica, onde é bacharel premiado com

um «accessit» e tres distincções. Assentou praça em 1861 em caçadores 5 e matriculou-se, em 1864, no primeiro anno da Escola do Exercito em Lisboa, mas não completou o curso da arma de artilharia e fez o de engenharia naval na Escola Naval, onde teve sempre o primeiro premio.

Quando estava a ser promovido a segundo tenente, morreu-lhe o pae, o qual era escrivão e tabellião em Coimbra. Teve então Vasconcellos Abreu de acceitar, para utilidade da familia, o ser nomeado para o logar que seu pae exercera; dois annos depois foi transferido para Lisboa, e aqui exerceu o cargo de escrivão da 4.ª e mais tarde da 3.ª vara civel, até 1900, honrando sempre o nome de seu pae, homem honestissimo.

Apesar d'este emprego, dedicou-se Vasconcellos Abreu muito aos estudos de linguas, litteraturas e religiões orientaes. Em 1873 conheceu-o o então Marquês de Avila e de Bolama, e ambos com o Conselheiro Possidonio da Silva fundaram a *Associação Promotora dos Estudos Orientaes e Glotticos*, cuja ideia partiu de Vasconcellos Abreu, que a communicou ao Conselheiro Silva. Por essa occasião fez Vasconcellos Abreu um discurso na sala das Sciencias Medicas, no edificio que estava no logar onde existe a estação central do Rocio. Esse discurso foi a pedra fundamental da Associaço e o facto que lhe cativou a amizade do Marquês, depois Duque de Avila, e levou ao espirito d'este homem politico o desejo de proteger e animar, em estudos desconhecidos em Portugal (orientalismo), o moço que lhes dedicava as horas vagas de trabalhos de cujos redditos sustentava a familia, que elle criou por casamento com D. Maria Julia Bourdi Pires Monteiro Bandeira. Esse discurso intitula-se: *Exposição feita perante os membros da Commissão Nacional Portuguesa do Congresso Internacional dos Orientalistas* (1873) *convocados para constituirem uma associação promotora dos estudos orientaes e glotticos em Portugal,* e foi pronunciado a 29 de Dezembro de 1873. A Associação foi ephemera, porque Vasconcellos Abreu adoeceu e nada se fez durante meses.

Em 1874, em fins de Setembro, teve Vasconcellos Abreu de ir á França e á Allemanha; ali conheceu pessoalmente Emilio Littré, com quem tinha relações por cartas; este apresentou-o a alguns orientalistas franceses, os quaes animaram o nosso conterraneo a que proseguisse nos seus estudos e lhe deram cartas de recommendação para orientalistas allemães.

Na regresso a Portugal, o Marquês de Avila prometteu a Vasconcellos Abreu obter-lhe a missão de ir estudar por ordem do Governo Português em algumas das Universidades estrangeiras, onde os estudos são feitos com tanta vantagem das letras e da sciencia.

E, com effeito, em Maio de 1875, Vasconcellos Abreu era encarregado pelo Conselheiro Andrade Corvo, uma das intelligencias mais lucidas e mais cultas do seu tempo, de ir a França, Inglaterra e Allemanha aperfeiçoar-se nos estudos orientaes, especialmente em sanscrito. Esta missão durou até fins de 1877; e,

commissionado, o aproveitamento que tirou dizem-no os dois relatorios que Vasconcellos Abreu apresentou officialmente.

O primeiro relatorio intitula-se: *Investigações sobre o caracter da civilização Arya-Hindu* (Paris, 15 de Janeiro de 1877), enviado ao Conselheiro João de Andrade Corvo, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e Ultramar; o segundo relatorio intitula-se: *O Sãoskrito e a Glottologia Arica no ensino superior das letras e da historia* (Lisboa, 21 de janeiro de 1878), e foi entregue ao Marquês de Avila e de Bolama, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino. Foram ambos estes relatorios impressos na Imprensa Nacional em 1878.

Acêrca do primeiro, ha um artigo escrito largamente por Emilio Lttré na *Revista de Philosophia Positiva*.

Em 1875, estando Vasconcellos Abreu em Paris, fez ali parte do Congresso das Sciencias Geographicas e foi nomeado um dos secretarios geraes d'este congresso e membro do jury; recebeu, pelos trabalhos que executou, as palmas de official da Academia de Paris e uma medalha especial, dada unicamente a quem tomou parte activa no congresso pela Sociedade de Geographia de Paris.

No fim d'esse mesmo anno, e depois de ter ouvido assiduamente as lições de Abel Bergaigne em Paris, foi Vasconcellos Abreu para a Allemanha e ali estudou com o Dr. Martinho Haug, e outros, na Universidade de Munich.

Por morte do Dr. Haug, voltou a Paris e continuou a ouvir em sanscrito Abel Bergaigne, Philarette, Edouard Foucaux, Hauvette-Benaut, e em egyptologia Maspero; frequentou outros cursos e entre elles o de anthropologia, e teve a honra de ser discipulo estimado de Paul Broca.

O Duque de Avila nomeou Vasconcellos Abreu lente do Curso Superior Letras, criando assim a cadeira de lingua e litteratura sanscrita, classica e vedica, em Portugal, a qual regeu desde 7 de Novembro de 1877.

Em 1880 celebrou-se em Portugal o Congresso Internacional de Anthropologia e Archeologia Prehistorica e Vasconcellos Abreu foi um dos secretarios d'este congresso, o qual tanta honra deu ao país, não só pelos trabalhos ali apresentados, feitos por portugueses, mas pelo *Compte-rendu,* admiravelmente escrito pelo romanista português Aniceto dos Reis Gonçalves Vianna. D'esta obra, que assinala uma epoca nos annaes da sciencia portuguesa, consta o que Vasconcellos Abreu fez por essa occasião, e especialmente mencionamos aqui o trabalho *De l'origine probable des Toukhares et leurs migrations à travers l'Asie* (pp. 519 a 584).

Depois de ter sido eleito socio do Instituto de Coimbra, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, foi condecorado por El-Rei D. Luis com o officialato da Ordem de S. Tiago.

Em 1899, a instancias do Governo da Suecia e Noruega, foi Vasconcellos Abreu nomeado representante de Portugal no Congresso Internacional de Orientalistas em Stockholmo e Christiania. Partiu para Paris, onde esteve no Congresso de Geographia e no

de Anthropologia, e foi um dos secretarios d'este. Em fins de Agosto apresentou-se na Suecia, e, em uma das sessões na Universidade de Christiania, apresentou e explicou a inscrição sanscrita que se vê na Quinta da Penha Verde em Cintra; a estampagem perfeita e os factos historicos revelados por esta inscrição mereceram elogios a Vasconcellos Abreu, dados publicamente por Buhler, de Vienna de Austria, e Burgess, inglês em serviço na India, e ambos grandes conhecedores da paleographia e epigraphia indiana. Esse trabalho foi recompensado pelo rei Oscar, da Suecia, com a commenda (2.ª classe) da ordem de Wasa.

Em Setembro de 1891 reuniu-se em Londres um Congresso Internacional de Orientalistas; a pedido da commissão organizadora d'este congresso, e por ordem do Governo Português, Vasconcellos Abreu, que havia sido convidado a tomar pessoalmente parte em tal congresso, escreveu o *Summario das investigações em samscritologia desde 1886 até 1891*. Este trabalho mereceu ao autor um dos nove unicos diplomas de honra dados pelo congresso a trabalhos de subido merito scientifico e litterario; e mais lhe foi dada a medalha de prata pelos trabalhos, seus, offerecidos ao congresso. Em o «Special Oriental Congress Number» da *The Imperial and Asiatic Quarterly Review*, de Londres, lê-se a p. III que o *Summario* é um dos «most noteworthy», a p. VI, que «Portugal gave Prof. G. de Vasconcellos 'invaluable Summary of Sanscrit Research», a p. LXXXII diz que é «of an exhaustive character on Sanskrit Bibliography». Annos depois recebeu Vasconcellos Abreu as insignias de Grande Official da Ordem de Mejidie (Turquia).

Pelo Duque de Avila fôra commettido a Vasconcellos Abreu o encargo de escrever um *Curso de Litteratura e Lingua Sanscrita, Classica e Vedica*.

Cuidou então Vasconcellos Abreu em que a Imprensa Nacional tivesse o typo devanágrico, usado nas composições impressas em sanscrito, e logo em 1878 apresentou este estabelecimento do Estado, como especimen, em edição de luxo, de uns 50 exemplares apenas, o primeiro acto do drama *Xacuntalá*, com traducção portuguesa de Vasconcellos Abreu. Foi typographo compositor o primeiro discipulo que Vasconcellos Abreu teve, José Antonio Dias Coelho, e impressor João Francisco Saraiva.

Em 1881 vinha a lume a grammatica de sanscrito; mas poucos meses depois era cortado a Vasconcellos Abreu o subsidio que o Duque de Avila lhe estabelecera. Vasconcellos Abreu, todavia, continuou a obra e escreveu mais 3 volumes, sem remuneração, que foram impressos na Imprensa Nacional e publicados por ordem do Governo Português em 1883, 1889 e 1898. O ultimo volume é considerado no mundo scientifico como trabalho honrosissimo, não só para Portugal como para os estudos de sanscrito e philologia arica. Em 1898 celebrou-se em Portugal o centenario do descobrimento maritimo da India; para commemorar esse feito grandioso dos nossos passados, escreveu Vasconcellos Abreu este volume (IV da obra a que acima nos referimos) e mais escreveu

Texto critico da Lenda dos santos Barlaão e Josafat, e um conto em prosa portuguesa rithmica intitulada *Chand-Bibi, a Sultana Branca de Amenagara,* lenda indiana fantasiada da tradição historica do seculo XVI.

As obras litterarias de Vasconcellos Abreu até hoje publicadas são, alem das já mencionadas, *Geographia mathematica,* XII–142 paginas, com um *Atlas* de 67 figuras, todas desenhadas e algumas gravadas pelo autor do livro; *Fragmentos de uma tentativa de Estudo Scoliastico da Epopeia Portuguesa,* publicação esta que foi muito elogiada em Londres (*The Athenaeum,* Julho de 1880) e por Oliveira Martins (*Camões, os Luziadas e a Renascença em Portugal*) e de que Donald Ferguson deu traducção em inglês da parte que se refere a lendas buddhicas: *Notas sobre a questão do Jus primae noctis; O criterio nomologico; O animismo em geral e sua representação entre os Chineses; Passos dos Lusiadas, estudados á luz da mythologia e do orientalismo; A litteratura e a religião dos Arias na India; Instituto oriental e ultramarino português, ideias succintas acêrca da sua criação; Bases da orthographia portuguesa;* alem d'isto, tem publicado em alguns jornaes portugueses, franceses, belgas e ingleses, artigos de entre os quaes mencionamos, por termos á mão, os publicados no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa,* no *Diario de Noticias,* no *Commercio de Portugal*, na *Era Nova*, no *Instituto de Coimbra,* na *Philosophie Positive*, no *Museum,* no *Dia*, na *The Asiatic Quarterly Review;* teve a honra de collaborar nas *Mélanges Charles de Harlez*, onde escreveu *La symbolique des nombres dans les recettes magiques des traditions et des usages populaires en Europe;* como orador, alem do discurso já mencionado feito na sala das Sciencias Medicas, citaremos o discurso feito na Sociedade de Geographia de Lisboa, *A responsabilidade portuguesa na convocação do X Congresso Internacional dos Orientalistas;* a conferencia no Instituto de Coimbra, em 1891, intitulada *A Fenomenalidade, a Alma e o Eu segundo o Budhismo;* a conferencia feita em Braga em Março de 1901 acêrca do *Operariado e tuberculose.* Finalmente conhecemos ainda dois trabalhos muito dignos de menção especial: um d'elles é *Tuberculose e contagio da tuberculose,* escrito de propaganda que publicou em 1900 como membro da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, e de que a Parceria Antonio Maria Pereira fez segunda edição publicada em 1901. Neste trabalho ha conselhos praticos que só ultimamente teem sido postos em execução; o outro trabalho é o publicado pelo centenario de Gil Vicente, *Os contos, apologos e fabulas da India, influencia indirecta no Auto da Mofina Mendes de Gil Vicente.*

Vasconcellos Abreu era socio correspondente da Société d'Anthropologie de Paris, da Société Asiatique, da Société Indo-Chinoise, da Associação dos Engenheiros Civis Portugueses, etc., e honorario da Association Phonétique Internationale, como Max Müller, Storck e outros.

No estilo de Vasconcellos Abreu notava-se sobriedade, clareza, vigor, vernaculidade, e o tom artistico que era nelle feição parti-

cular que por vezes se revelou até em escultura. Uma nota curiosa do caracter de Vasconcellos Abreu, é que, sendo elle homem pacifico e que sempre condemnou a guerra e o duello, foi mestre de sabre de Anthero de Quental (vid. *In Memoriam* o artigo de Faria e Maia), frequentou a carreira de tiro, em Pedrouços, onde era um dos melhores atiradores em espingarda, pistola e revólver, porque entendia que todo o homem deve, embora velho, estar apto para defender a sua patria.»

(Do *Diario de Noticias* de 2 de Fevereiro 1907; e cfr. *Portugal,* dicc. hist., biogr., etc., vol. 1, pag. 27).

III

BERNARDO FERNANDES MONTEIRO

O jornal intitulado *Noticias de Lisboa,* n.º 651, de 11 de Março de 1907, ao publicar uma traducção mirandesa (com bastantes incorrecções) do soneto de Camões que começa *Alma minha gentil,* diz que essa traducção foi «feita por um empregado superior da Alfandega do Porto, natural de Miranda, e ha pouco fallecido». Esse empregado não póde ser senão Bernardo Fernandes Monteiro, natural, não propriamente da cidade de Miranda, mas da Povoa, na Terra de Miranda.

Devo deixar esta noticia na *Revista Lusitana,* porque Bernardo Fernandes Monteiro não só foi um dos mais prestantes informadores que tive quando elaborei a minha obra *Estudos de Philologia Mirandesa,* 2 vols., Lisboa 1900–1901, como lá declaro *passim,* (cfr. vol. I, p. VIII, etc.), mas é autor de muitas traducções mirandesas, umas que correm impressas em jornaes e revistas, outras que ficaram ineditas: das que fez até 1900 dou noticia na minha citada obra, vol. 1, pp. 27 e 29–30.

Aqui reproduzo, devidamente emendada, a traducção do soneto publicado pelas *Noticias de Lisboa.* As minhas emendas consistem na correcção orthographico-phonetica dos vocabulos e no accrescentamento, entre colchetes, de varias palavras que presumo escaparam ao typographo:

Tu q'eras la mìę alma, i abalheste tã de presto, descuntenta d'este mundo, bibe eiternamente alhá ne ci̊ęlo, anquanto yöu ando si̊ęmpre cum sauidades acá na ti̊ęrra.

Si yę possible chubir ũŋa lhembrança d'esta bida al lhugar ã que [stás, lhembra-te d'aquél amór que] yá biste tã puro nes mìus ǫlhos.

S'antęndires que debrá mercer-t' algo [ł] delór que me quedöu pula grande desgrácia de te perder:

Pid'a Dìus, q'ancurtiöu les [töus] anhos, que me lhi̊ębe a bér-te tã de pri̊ęssa, cum'a ti te lheböu d'al pię de mi.

O soneto de Camões tinha sido tambem traduzido por mim (em verso) nos *Estudos de Philologia Mirandesa,* II, 87.

IV

MANOEL DIAS NUNES

Lê-se n-*O Mundo,* de 9 de Maio de 1907:

«Nanoel Dias Nunes, de 38 annos, commerciante e litterato, nasceu em Serpa e era filho de Manoel Nunes, commerciante, e de D. Margarida Dias Nunes.

Manoel Dias Nunes distinguiu-se pelo seu grande amor ás letras e ás ideias democraticas. Cultivou a poesia com muito esmero, dando á estampa, em 1896, um formoso livro de versos intitulado *Rosmaninhos.*

Em 1899, de camaradagem com o Sr. Dr. Ladislau Piçarra, fundou a *Tradição,* interessante revista de ethnographia portuguesa, e em cujas paginas elle deixou artigos de subido valor sôbre usos e costumes populares.

Em 1903 fundou *O Sul do Alemtejo,* semanario illustrado, noticioso, litterario e agricola, expressamente destinado a defender os interesses materiaes e moraes do concelho de Serpa.

Ultimamente, torturado pelos seus continuos padecimentos, viu-se obrigado a pôr de parte os trabalhos litterarios e jornalisticos, pelos quaes elle tão vivamente se apaixonára, alimentando, porém, a esperança de que um dia voltaria ao cultivo das letras.

Mas, infelizmente, os padecimentos foram-se aggravando cada vez mais, até que uma terrivel pericardite o fez succumbir no dia 7 do corrente, pela uma hora da tarde.»

Dias Nunes publicou um artigo na *Revista Lusitana,* IV, 101. Na mesma revista, em varios volumes, se deu noticia d-*A Tradição:* d'este periodico publicaram-se cinco volumes completos, e os seis primeiros fasciculos do 6.º volume, ficando depois interrompida a publicação.

J. L. DE V.

nim

to,
, e

le-
es-
os

ra,
u-
o-

o-
er

s,
ti-
o,
s.
la
a

.
j-
s
-